



JENNY COCKELL

*Minha vida em
outra vida*

A extraordinária busca de uma mãe por
sua família em outra existência





Minha Vida em Outra Vida

Jenny Cockell

A extraordinária busca de uma mãe por sua família em outra existência Tradução de

FERNANDO BEZERRA DE BRITO

Federação Espírita Brasileira

ISBN 978-85-7328-530-7

Tradução de FERNANDO BRITO

I edição - Do 12 ao 102 milheiro

5,26-AM; 000.01 -0; 8/2007

Capa e projeto gráfico: JULIO MOREIRA

Copyright 2007 by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

(Casa-Máter do Espiritismo)

Av. L-2 Norte - Q. 603 - Conjunto F (SGAN)

70830-030 - Brasília (DF) - Brasil

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para a Federação Espírita Brasileira (FEB). Proibida a reprodução parcial ou total da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, Internet, CD-ROM, sem a prévia e expressa autorização da Editora,

nos termos da lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.

Composição e editoração:

Departamento Editorial e Gráfico - Rua Souza Valente, 17

2094 1-040 - Rio de Janeiro (RJ) - Brasil

CNPJ nº 33.644.857/0002-84 I.E. nº 81.600.503

Pedidos de livros à FES - Departamento Editorial: Tel.: (21) 2187-8282, FAX:
(21) 2187-8298.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C595m

Cockell, Jenny, 1953—

Minha vida em outra vida: a extraordinária busca de uma mãe por sua família em outra existência / Jenny Cockell; tradução de Fernando Bezerra de Brito. - Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

200p.: 21cm

Tradução de: Yesterday's children

ISBN 978-85-7328-530-7

1. Cockeil, Jenny, 1953-. 2. Reencarnação. 1. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

07-3008. CDD 133.9013

COU 133.7

07.08.07 09.08.07 003016

Alguns nomes foram modificados para preservar membros da família e outras pessoas que talvez

prefiram não ser associadas ao tema deste livro.

Introdução.9

1. Um quebra-cabeça de lembranças da vida passada .11

2. Vivendo com Mary .25

3. Os primeiros passos no meu passado .45

4. A necessidade de uma prova .77

5. Enfim, Malahide .105

6. A busca por meus filhos .125

7. O encontro com a minha família da outra vida .139

8. Reuniões .159

9. Posfácio .189

Introdução

Mary morreu 21 anos antes do meu nascimento, mas as memórias de sua vida e de seu tempo sempre fizeram parte de mim, moldando de maneira decisiva a pessoa que me tornei. Este é o relato da minha busca pelos filhos de Mary e por auto-entendimento. Ao pesquisar o passado, tive de desenterrar e enfrentar os meus sentimentos de inadequação e medo, descobrindo suas motivações. Sabia

que precisava tentar encontrar os meus filhos de “ontem” ou minha vida sempre seria ofuscada pelas lembranças de um passado de tristeza, raiva e perda. De certo modo, este livro foi escrito para e por causa dos filhos de Mary.

Antes de a busca começar, precisei ter coragem e força para ir atrás dos meus sonhos. Não tinha como ter certeza se chegaria a uma conclusão satisfatória e, por isso,

enfrentava constantemente muitas dúvidas e incertezas, O caminho nunca seria fácil. Fui guiada pela obsessão a uma meta que, no fundo, sabia que podia ser atingida, desde que fizesse o esforço suficiente durante o tempo necessário na direção certa.

Até mesmo o processo de compartilhar essa história com outras pessoas ocupou um lugar próprio na minha experiência como um todo. Ouvir a opinião dos outros e meu pensamento crítico me ajudaram a satisfazer minha necessidade de aprovação e a descobrir como outras pessoas viam o que eu considerava como a memória da minha vida passada. Sempre me intriguei com o fato de que a maioria das pessoas parece incapaz de se lembrar de qualquer episódio de suas vidas passadas e, às vezes, chegava a não acreditar que elas estavam sendo sinceras quando diziam que não tinham lembranças do gênero. Escrever esse livro me ajudou a descobrir por que a minha normalidade não era a normalidade dos outros.

É difícil definir quando começa a minha história. Certamente, não é com minha infância e nem mesmo com o meu nascimento. De certa forma, começa com a morte de Mary. Mas de uma coisa tenho certeza: minha história nunca teria acontecido se não fossem os sonhos...

1. Um Quebra-cabeça de lembranças da Vida Passada.

Durante a minha infância, meus sonhos eram repletos de lembranças da morte de Mary. Como Mary, eu estava num quarto amplo de paredes brancas, banhado por uma luz abundante que entrava no recinto através da janela quadriculada à minha frente. Sabia que estava doente há um certo tempo, talvez há semanas, mas agora a dor física diminuía bastante. Respirava com dificuldade, tendo de fazer um enorme esforço a cada momento, o que me causava pânico. Sofria também de uma febre que afetava os meus pensamentos e minha noção de tempo. A única certeza que tinha era que estava sozinha à beira da morte num lugar que não era minha casa.

Tudo isso, entretanto, parecia sem importância em comparação ao temor de abandonar meus filhos. A idéia de que

estava me afastando deles fazia que eu quisesse lutar com a morte certa, para tentar evitar a separação final, mesmo sabendo que se tratava de uma luta em vão. A morte realmente chegou, repetidamente, através daqueles sonhos.

Acordava em lágrimas, soluçando de raiva. Mas como era uma criança tímida e nervosa, chorava sozinha e discretamente, com medo de chamar a minha mãe para me confortar, e temendo uma punição severa de meu pai.

Assim como Mary, em sua morte nos sonhos, eu estava sozinha com minha dor. Poderia ter contado à minha mãe um pouco sobre Mary e meus sonhos, mas não conseguiria me desfazer do sentimento de tristeza que permanecia preso dentro de mim. Não era a morte propriamente dita que motivava o meu medo, pois, através dos sonhos, passei a entendê-la como um processo normal e natural. Era a tristeza e a perda provocadas pela morte que me faziam chorar. Era ainda muito cedo para partir, realmente muito cedo para deixar os meus filhos.

De certo modo, também me sentia culpada, mas não sabia como expressar, pois

uma das emoções mais fortes da qual me lembro era justamente esse sentimento de culpa. Sabia que escapara de uma situação muito ruim, mas, ao fazê-lo, deixara os meus filhos sozinhos. Não buscara essa libertação, ela fora imposta a mim. Contudo, esses sentimentos de culpa e responsabilidade permaneciam comigo. Eu era apenas uma criança, mas minha mente estava dominada por emoções confusas, com as quais até mesmo um adulto teria dificuldade de lidar.

12

Esses sonhos eram ruins, mas conseguia recordar outros momentos da vida de Mary, geralmente, durante o dia.

Muitos desses pensamentos eram mais agradáveis.

As lembranças mais nítidas eram das crianças. Conseguia lembrar de um menino mais velho que estava crescendo bastante e teria em torno de 13

anos. Era uma espécie de pequeno soldado, confiante, sincero e direto, além de saber julgar bem diferentes situações e não ter vergonha de ser gentil. A menina mais velha era muito quieta às vezes; tinha cabelo comprido e a franja grossa. Era uma filha bastante paciente, bem-disposta e prestativa. Lembrava que ela buscava água num poço ou numa fonte, era inteligente e ia bem nos estudos. Sentia-me particularmente culpada por ela, visto que seria forçada a cuidar dos irmãos mais novos, como sempre se espera de filhas mais velhas. Ela não seria capaz de cuidar da casa e dos irmãos e, ao mesmo tempo, estudar.

Havia também pelo menos dois meninos, sendo que o mais velho era enérgico e tinha um senso de humor incansável, enquanto o garoto um pouco mais novo, com quem sempre brigava, era mais calmo e talvez um pouco mais introvertido. Mais dois filhos faziam parte da família: uma menina, ainda mais nova e que parecia não ter mais de cinco anos, muito bonita, de cabelos loiros, olhos azuis e personalidade bastante feminina; e um garoto muito pequeno, que passava a mão despreocupadamente na bainha de seu casaco. Além de parecer estar um tanto desconfortável, era muito quieto, um tanto distante e solitário.

Sentia

13

que era impossível não gostar dele, mas sabia que ficava um tanto incomodado com muito carinho. Lembrava querer abraçá-lo, mesmo sabendo que, no fundo, ele se sentia sufocado com a situação.

Quando Mary morreu, senti que havia uma criança ainda mais nova e que, ao todo, eram sete ou oito filhos, mas não tinha certeza. Parecia ter me lembrado, por alguma razão em especial, de uma criança loira, pois a minha boneca favorita na infância tinha finos cabelos loiros levemente encaracolados. Essa boneca tinha um mecanismo que podia mudar a cor de seus olhos, mas sempre os mantive na cor azul. Guardo-a comigo até hoje, vestida com roupas de bebê.

Outras memórias marcantes eram do chalé e de andar na estrada ao seu lado. O chalé era o primeiro à esquerda de uma estrada tranqüila. Ficava bem próximo à pista, separado dela por um muro de pedra não muito alto, mas desconfortável para se apoiar. Havia plantas e pedras sobre o muro, o que impedia alguém de se aproximar pelo lado do chalé. Havia também um grande portão, uma espécie de porteira de fazenda. Parecia haver uma espécie de trilha a partir do portão, além do caminho de terra batida que ligava o campo ao chalé.

Este parecia ser construído com tijolos cor de terra, mas sentia que, anteriormente, fora pintado de branco. Na verdade, parecia lembrar dele das duas formas. Acima da sólida porta de madeira, o teto era rebaixado, feito de pedra e não de palha.

O chalé não era grande. As poucas e pequenas janelas não possibilitavam a entrada de muita luz e pareciam estar

localizadas sobretudo na frente. Não havia nenhuma na parte lateral, próxima à estrada. Ao abrir a porta do chalé, havia um biombo de madeira que obrigava a pessoa que chegava a escolher se entrava pelo lado esquerdo ou direito. Não havia escadas, portanto, acho que não se tratava de um sobrado e, apesar de haver poucos quartos, eu me lembro de alguns cômodos anexos.

A cozinha era extensa em comprimento, mas bastante apertada e escura. Os detalhes internos eram vagos para mim, mas acho que havia o retrato de um soldado na parede. Havia também algum tipo de mobília, uma mesa encostada na parede e outras coisas, nada decorativo, apenas funcional.

Mary passava a maior parte de seu tempo trabalhando na cozinha.

Cozinhou muito num utensílio doméstico estranho para mim quando criança - um tipo de panela de ferro que só fui conhecer na idade adulta e que ainda pode ser encontrada em algumas casas mais antigas. Ela também costumava fazer um pão arredondado, misturando os ingredientes com suas mãos. Eu imitava esse gesto numa brincadeira infantil, misturando sementes de grama com água.

Outros aspectos da minha outra vida eram refletidos na minha rotina de criança. Mantinha nossa casinha do jardim limpa, varrendo o piso de madeira como Mary fazia com seu chão de pedra. Minha mãe tinha um aspirador e raramente usava a vassoura, mas eu gostava de limpar à moda antiga, sem outros utensílios ou eletrodomésticos. Não se tratava de uma brincadeira de criança. O trabalho era feito de verdade e cuidadosamente, apesar de eu ser ainda bem nova. Sempre limpava e arrumava o meu quarto e

meus brinquedos. Na verdade, gostava mais de fazer isso que de brincar.

Antes de se chegar ao muro próximo ao chalé, via-se que o lado esquerdo da estrada era coberto por árvores e um arbusto. Era preciso passar pelo chalé para chegar à entrada. Depois de entrar, era preciso virar e andar pelo campo para chegar ao chalé. Nos fundos, depois de uma pequena horta, havia uma floresta. Mais à frente, passando a entrada do chalé, havia um córrego que cruzava a estrada sob uma ponte. O chalé de Mary era o primeiro de uma série de dez a doze casas pequenas, sendo quase todas localizadas do mesmo lado da estrada. Apesar de haver apenas uma casa um pouco mais longe, depois de uma curva à direita, grande parte do outro lado não era habitável por ser um terreno pantanoso.

Lembro-me bem do vilarejo mais próximo. Todas as viagens para e deste lugar eram feitas a pé. Como Mary, recordo-me de caminhar com as crianças para a igreja, e sozinha quando ia fazer compras. A maioria das lojas ficava numa rua no meio do vilarejo, onde havia uma pequena igreja. Desta estrada, era possível ver um portão de madeira do lado oposto da estrada principal e à direita da junção dos trilhos. Esses portões tinham algum significado especial. A estação de trem ficava na parte de trás da estrada principal, que cortava a parte alta do vilarejo numa espécie de arco. Mary tinha algum interesse por trens a vapor e eu costumava sonhar com eles, mas não consigo lembrar se viajava neles ou não. Sabia que o vilarejo se encontrava ao norte de uma cidade grande, que talvez fosse muito

16

distante para ir a pé. Também sentia que o vilarejo em que Mary passou a infância era bem próximo, pois sabia, de algum modo, que ela mudara para esta área vinda de outro lugar.

Desenhava bem quando criança. Por várias vezes, fiz mapas do vilarejo de Mary, destacando as lojas, as principais ruas, a estação e sua casa. Às vezes, outros lugares que lembrava apareciam nos meus desenhos, mas sempre houve uma regularidade nesses mapas ao longo dos anos.

Apesar das visitas ocasionais à cidade, sem as crianças, e outras no sentido oposto, virando à esquerda do chalé, o trajeto principal era em direção à igreja. Ao menos, presumia que se tratavam de visitas à igreja, pois todos do vilarejo estavam presentes e vestidos com roupas que não eram as de trabalho. Sempre achei que Mary fosse católica. Essas idas à igreja eram imbuídas de um sentimento diverso, nem de obrigação nem de necessidade. Todas as crianças iam, assim como muitos adultos.

Uma dessas pessoas era uma amiga com a qual Mary tinha alguma proximidade. Essa amiga ficava no chalé conversando com Mary enquanto esta trabalhava. Lembro que ela falava muito. Em certo momento, o nome Molly, ou algo similar, pareceu estar relacionado à lembrança dessa amiga.

Quando era mais jovem, costumava me arrumar de maneira diferente aos domingos. Se me perguntavam por que agia desse modo, simplesmente respondia, “é domingo”. Não entendia por que essa resposta poderia soar estranha. Para mim, era bastante lógica, apesar de minha família não ter o costume de ir à igreja.

Demorou anos para que pudesse perceber e aceitar que o marido de Mary também estava presente nessas visitas à igreja. A minha memória dele era como um caleidoscópio, mudando de uma lembrança vaga à outra. Ele parecia ser um homem taciturno, raramente presente, apesar de ver flashes de uma pessoa mais feliz e jovem, alguém que foi muito importante para Mary. Na maioria das vezes, parecia ser apenas um coadjuvante, quase como se eu estivesse tentando bloquear as lembranças associadas a ele.

Grande parte das minhas memórias vinha em fragmentos isolados e, às vezes, tinha dificuldade de dar um sentido a elas. Mas outras partes eram bastante completas e repletas de detalhes. Era como um quebra-cabeça com certas peças apagadas, outras fora de lugar e algumas bem nítidas e fáceis de se encaixar. Os filhos ocupavam a maior parte das minhas memórias, assim como o chalé e sua localização. Outros locais e pessoas não eram tão nítidos para mim.

Havia um cachorrinho preto que devia ter pertencido às crianças, porque não me lembro de tê-lo levado para passear comigo. Havia também outros animais perto do chalé, animais de fazenda, mas não consigo ser mais específica. Lembro-me também de um animal preso.

Era comum ficar preocupada na hora das compras. O dinheiro para comprar comida era sempre escasso. Apesar de verduras e legumes serem cultivados ao lado do chalé, parecia que ou a horta ou o que se plantava era, de certo modo, emprestado. Associava as compras às barracas espalhadas 18

por uma ruazinha de paralelepípedos que tinha uma caixa de correio na esquina. Recordo-me de caminhar por um lugar que ficava à esquerda da caixa de correio, do mesmo lado onde estavam as barracas, que ocupavam quase a rua toda. Estas ficavam à frente de lojas, muito caras para o padrão de vida de Mary. Por isso, raramente comprava alguma coisa dessas lojas. As barracas vendiam muitos produtos, em sua maioria comida: vegetais, peixe fresco e, às vezes, carne. Havia ainda duas barracas com roupas, não sei se usadas ou não, e uma ou duas barracas com utensílios domésticos. Tratava-se de um lugar muito movimentado, com todos em busca de ofertas. Não me lembro de fazer muitas compras. O que me confundia era que esse mercado parecia não estar localizado no vilarejo,

apesar de sempre tentar colocá-lo lá em minhas lembranças.

Havia outras imagens. Lembranças breves e fragmentadas que, às vezes, pareciam não estar relacionadas temporalmente. Assim, ficava difícil dizer com exatidão a que parte da vida de Mary elas pertenciam.

Lembro-me, como Mary, de esperar por um barco num cais de madeira. Usava então um vestido preto que não me protegia adequadamente do vento frio.

Era um final de tarde e havia poucas pessoas por perto. Não consigo me lembrar de quem estava aguardando ou quando isso aconteceu.

Tinha ainda pensamentos sobre o pai de Mary e seus dois irmãos mais velhos, que pareciam ter ido embora. Sua relação com o pai era calorosa.

Era um homem gentil, quieto, encorpado e com senso de humor. Vestia-se de maneira desleixada, com roupas velhas, amassadas e provavelmente 20

sujas. Sentia que seu trabalho incluía cuidar do campo. Lembro-me muito pouco da mãe de Mary, uma mulher quieta e distante. Os sentimentos relacionados a ela eram menos fortes, mais sutis e talvez apenas vagos, como as lembranças que tinha dela.

O mais velho dos irmãos era gentil, com uma voz suave e marcante. O mais jovem era esbelto, incansável; sempre estava sorrindo e fazendo brincadeiras. Apesar de ter certeza de que tinham ido embora há muito tempo, pareciam-me bastante familiares e não demorei para descobrir o porquê disso. Até os sete anos, como muitas crianças, tinha dois amigos imaginários que as outras pessoas não conseguiam ver ou ouvir. Esses amigos me faziam perguntas e discutiam idéias, contavam-me coisas divertidas que lhes acontecera e gostavam de me ouvir. Suas personalidades eram bastante semelhantes a dos irmãos de Mary: um mais jovem, sempre rindo; outro mais reservado e bom de conversa.

Ainda tenho dificuldade de ver a própria Mary. Era mais fácil enxergar o que a cercava, o que não é tão surpreendente, já que vejo a minha outra vida pelos seus olhos. Sinto a sua personalidade na maioria das vezes e lembro-me de suas roupas. Tinha uma preferência por blusas de manga curta. Mesmo agora, já adulta, me pego a enrolar as mangas das minhas camisas. As suas roupas de

trabalho eram pretas, lembro-me de uma comprida saia preta de lã. Quando era criança, tinha dificuldade de entender por que sentia que as minhas saias eram muito curtas para serem confortáveis. Para mim, tinham de passar do joelho, mas as saias infantis na década de 1950 vinham até o joelho apenas. O tecido sempre

21

me parecia inadequado também, muito mais leve do que esperava.

O cabelo de Mary era longo e parecia ser levemente ondulado, não sendo pesado e encaracolado como o meu. Quando criança, não gostava que cortassem meu cabelo muito curto. Não me parecia certo, apesar de torná-lo mais fácil de pentear. Quando fiquei mais velha, percebi que Mary devia ser de estatura mediana ou um pouco mais baixa do que a média. Comecei a me sentir muito alta, visto que, aos 13 anos, tinha 1,68m de altura. Sentia-me desajeitada e atrapalhada. No entanto, no corpo de Mary, sentia-me presa de certo modo.

Havia algumas certezas ligadas às lembranças das pessoas, dos lugares e das emoções. Sempre soube que o período no qual Mary viveu se estendia de 1898 a 1930. Também sabia que ela vivera na Irlanda. Não posso explicar por que ou como esse conhecimento estava, de algum modo, presente em minha mente. De certa maneira, essa lembrança me causava problemas. Por exemplo, meus irmãos, conscientes de minhas preferências, sabiam que eu só brincaria de soldado se me deixassem defender a Irlanda.

Certo dia, quando menina, tive a certeza de que, se pudesse olhar um mapa da Irlanda, saberia localizar o vilarejo e poderia comparar o local aos mapas que vinha desenhando desde quando comecei a segurar um lápis.

O único mapa que consegui encontrar era o do meu Atlas escolar. Como a Irlanda inteira ocupava apenas uma página, não havia muitos

22

detalhes. Logo, era bastante improvável que tivesse sucesso na minha busca, mas tentei mesmo assim. Sentei com o mapa à minha frente, fechei os olhos por alguns momentos para sentir as lembranças. Tentei várias vezes e, a cada vez, era levada a um mesmo lugar no mapa. Tenho certeza de que Mary deve ter visto mapas, senão seria incapaz de desenhar aqueles na infância. O lugar para qual

era atraída se chamava Malahide e se localizava ao norte de Dublin.

2. VIVENDO COM MARY

Eu não tinha nenhum motivo para duvidar que essas lembranças eram reais. Pensava que lembranças desse tipo eram comuns e, por isso, esperava que outras pessoas as tivessem também.

Falei sobre o assunto, pela primeira vez, perto de completar quatro anos de idade. Lembro-me de estar sentada num banco alto na cozinha, conversando com a minha mãe. Apesar de a minha família não freqüentar a igreja, tinha acabado de voltar, com meu irmão mais velho, da aula de catecismo que ocorria aos domingos. Minha mãe me perguntou se eu gostara da aula. Tinha gostado, pois me sentira confortável ao cantar e ao conversar com o professor e com os meus colegas. Mas disse que não conseguia entender por que, se falavam sobre a vida e a morte, não mencionavam as nossas vidas anteriores.

Naquele dia, descobri que a reencarnação era vista como uma crença, não um fato. Além do mais, não se tratava de uma crença comumente aceita no Reino Unido. Essa revelação - que a minha verdade não era uma verdade para outras pessoas e que, por isso, eu era diferente - foi um grande choque para mim, deixando-me muito preocupada e fazendo com que me questionasse constantemente. Estava ciente de que os adultos normalmente sabem mais que as crianças e não queria estar errada.

Minha mãe lidou bem com a situação, apesar de hoje perceber que ela não sabia qual era a melhor forma de reagir ao que eu estava dizendo. Ela sempre respeitou a minha individualidade e a dos meus irmãos e, naquela primeira vez, respondeu com cuidado, sem demonstrar qualquer tipo de surpresa, o que deve ter me ajudado bastante, pois a sua atitude de apoio e compreensão continuou a me motivar durante o restante da minha infância.

Só muitos anos depois descobri que havia muitas outras coisas que as pessoas não sentiam também, o que me surpreendeu da mesma maneira. A maioria das

pessoas não sonhava com acontecimentos antes de estes acontecerem, como eu. Novamente, pensava que as premonições fossem algo comum e não tinha dúvidas, pois era possível constatar que eram verdadeiras algumas semanas após acontecerem. Isso estava acontecendo comigo agora, nesta vida, e não há muito tempo, e não podia ser ignorado ou negado. A partir daquele momento, cheguei à conclusão que os adultos não estavam sempre certos e que as opiniões de outras pessoas não podiam criar dúvidas em mim sobre coisas que tinha certeza serem reais.

Nessa época, tinha quase oito anos. Se outras pessoas negariam a existência da premonição, que eu sabia ser real, então pensei que os meus outros sentimentos também seriam colocados em dúvida, pela falta de experiência destas pessoas. Isso me fez sentir mais segura. Precisava formar meus próprios parâmetros de realidade e aceitar minha própria normalidade. Discutiria apenas as coisas anormais” com a minha mãe, em quem podia confiar. Com os outros, era cautelosa, até mesmo com meus irmãos. Assim, acabei me tornando uma criança introvertida.

Sempre me senti diferente das outras crianças, mas não sabia dizer o quanto desse sentimento era motivado por minhas lembranças da outra vida. Como a minha vida anterior fazia parte de mim, ela contribuiu, de maneira não mensurável, para a formação do meu caráter. Mas, de fato, tinha dificuldade em ser criança. Não conseguia entender coisas pequenas que as crianças achavam importantes. Não entendia nada literalmente, nem apreciava o senso de humor das outras pessoas, mas ria sozinha de algo diferente. Isso nunca mudou. Era uma pessoa à parte e continuei sendo assim durante toda a minha infância e adolescência. Nunca me senti completamente integrada.

As lembranças da minha vida passada não eram, porém, a única razão por trás do meu sentimento de diferença, autodefesa e preservação. Estávamos passando por um momento difícil em casa, com uma tensão insuportável entre os meus pais. Todos tínhamos medo de meu pai que, por várias razões, tentava viver uma vida na qual não podia se encaixar. Ele também não estava feliz com o casamento.

E não desejava causar tamanho medo, tenho certeza disso, mas a situação era ruim e gradualmente tornou-se ainda pior. Cada um de nós - minha mãe, meus dois irmãos e eu - aprendeu a lidar com a situação, evitando-a.

Certamente, apagamos deliberadamente a memória desses anos, o que nos influenciou de modo negativo.

Minha avó paterna nos disse mais tarde que sempre nos considerou crianças quietas e bem-comportadas. O que me entristece é que ela nunca percebeu que éramos assim por falta de opção.

Esses problemas em casa talvez tenham sido o fator preponderante que fez com que me aprofundasse nas memórias de Mary, apesar de ser impossível saber o que era maior: o medo que sentia no meu cotidiano ou o tormento causado pelo sonho em que morria repetidas vezes, sabendo que estava abandonando os meus filhos. Certa vez, tentei modificar o sonho como se faz com os pesadelos, para fugir daquela sensação ruim, porém, não deu certo, pois sabia que qualquer final diferente seria uma mentira e que não podia alterar algo que já era história. Acordei naquela noite com lágrimas amargas e com a consciência ainda maior da realidade daquele sonho em comparação aos sonhos comuns, frutos de nossa imaginação.

Talvez por se esconder, por existir num diferente nível de consciência, esse elemento psíquico presente dentro de mim pôde se desenvolver.

Certamente, a necessidade de se apegar de maneira tão forte às lembranças de Mary foi motivada pelo pessimismo que marcou minha infância. Algo tinha de ocupar o vazio criado pelo meu não-envolvimento com a vida.

Era uma criança com os sentimentos de criança e de um adulto, mesclados de maneira precária, o que me afetou bastante. Devido à raiva e à agressão que sofria em casa, tornei-me ainda mais vulnerável. Às vezes, dormia e sonhava em plena sala de aula, levando os professores a me rotularem de lenta e preguiçosa. Ninguém pensava em enxergar além desses rótulos ou investigar, de maneira mais construtiva, o que estava acontecendo realmente comigo. Conseqüentemente, apesar de mais tarde descobrirem que eu tinha um Q.I. muito alto, detestava a escola e os meus colegas de classe, ficava entediada pela previsibilidade das lições e não ia bem nos estudos.

Assim, passei a ser vista como uma criança solitária. Geralmente brincava sozinha e a minha única companhia eram os meus amigos imaginários. Apesar de me sentir sozinha às vezes, era extremamente mais confortável estar só do que em companhia de muitas pessoas, como na escola, ou na companhia de alguém indesejável. Não é comum entender que uma pessoa introvertida possa ser realmente feliz sozinha e infeliz numa multidão.

Por vezes, penso sobre como as pessoas esquecem suas vidas passadas. O

quebra-cabeça da minha memória da vida de Mary contém muitas peças, de nitidez e clareza variáveis, e algumas virtualmente apagadas. Se não tivesse olhado diversas vezes para essas peças de minha memória e as mantido nítidas, elas teriam se apagado, restando apenas os sentimentos?

E que tipo de sentimentos permaneceriam - medo pela segurança dos meus filhos ou medo de me separar deles? Estariam meus sonhos relacionados à memória em si,

à necessidade de lembrar e também à minha rejeição do presente? Talvez esses dois aspectos estejam relacionados e os meus constantes pensamentos sobre o passado tenham ajudado a sedimentá-lo, de modo que no presente deve ter sido inserido em minha memória.

Sentia que precisava me apegar àquelas lembranças de Mary e do seu pequeno vilarejo na Irlanda, pois representavam um propósito e uma necessidade para mim. Desde cedo, nutri o desejo de, algum dia, encontrar o chalé e começar a descobrir respostas ao tormento íntimo que vivia por causa dos filhos de Mary. Mas este era um desejo particular, que só a minha mãe conhecia.

Não podia crescer de maneira adequada em minha vida atual, pois não estava presente nela o tempo necessário. Tinha o amor da minha mãe e a vontade de proteger os meus irmãos, e isso me fazia querer continuar a viver. Por outro lado, nada mais fazia sentido para mim. Minha fuga ao passado aumentava conforme eu crescia. Era como uma pequena morte na minha vida atual, a morte de alguém que substituía parte da minha vida.

Aos cinco anos, organizara todas as minhas coisas, pronta para um acontecimento que sabia ser inevitável. Sempre fui muito ordeira, de maneira até um pouco neurótica. Mas meus pais só foram se separar quando completei 13 anos. Antes disso, quando não estava organizando e embalando as minhas coisas repetidas vezes, continuava a sonhar. Ora sobre o futuro, ora sobre o passado e raramente sobre o presente.

O passado era sempre sobre Mary e a Irlanda, o futuro era fatos que estavam prestes a acontecer, e quando se transformavam em realidade, como a aguardada separação dos meus pais, não me surpreendiam.

Eu, minha mãe e meus irmãos saímos de casa com praticamente nada e sem lugar para ficar, exceto por um breve período que moramos com amigos da família. Em certo momento, a situação ficou ainda pior. Não tínhamos mais de lidar com o medo e a repressão, mas com problemas bastante reais em nossa busca de um local para morar e na luta pela sobrevivência.

Apesar disso, meu desempenho escolar começou a melhorar e passei a ter mais facilidade de me comunicar com as pessoas. Uma tarefa que ainda não era trivial, mas que se tornara certamente mais fácil.

Por um ano ou mais, não tive tempo de ficar sozinha refletindo, e Mary assumiu um lugar secundário em minha mente. Então, minha mãe conseguiu se empregar como doméstica e ganhou dois cômodos para morarmos. De alguma maneira, conseguiu conciliar o emprego com um supletivo para adultos. Pensando agora, não consigo me lembrar de vê-la se alimentar enquanto estávamos morando lá.

Quando fiz 15 anos, minha mãe conseguira financiar uma casa grande, bem velha e de boa estrutura. Depois de muita limpeza e pequenos consertos, nos mudamos e conseguimos alugar um dos quartos para um pensionista.

Enfim, começamos uma vida que valia a pena ser vivida. A casa estava sempre cheia de pessoas. Lembro-me desse período como o mais alegre da minha juventude.

Mais uma vez, voltei a ter tempo para pensar sobre Mary, a Irlanda e as crianças. No entanto, de algum modo, o desespero dera lugar ao otimismo.

O que me ajudou foi o fato de conseguir me comunicar melhor com as pessoas. Sentia-me mais capaz de falar sobre Mary com os outros, não só com minha mãe. Estávamos na década de 1960, quando praticamente qualquer idéia era levada a sério e as pessoas estavam mais receptivas a novas teorias. E, mesmo quando não estavam, sempre havia a possibilidade de se ter uma boa discussão. Talvez seja importante ressaltar também que um assunto “inaceitável” é sempre mais atraente para os adolescentes. Sendo assim, posso dizer que, de certa forma, a idade da rebeldia abriu espaço para mim.

Precisava desabafar e começar a enfrentar algumas das minhas emoções contidas, mas não percebera ainda quantas emoções reprimira ao longo dos anos. O que conseguia libertar era apenas aquilo que transbordava.

Porém, ao menos era um começo e pude enfim verbalizar as minhas preocupações com as crianças. Ainda não compreendia por que Mary tinha tanto medo, mas as reações dos meus amigos, muito mais positivas do que podia imaginar, me deram confiança. Comecei a sentir necessidade de provar que as lembranças de Mary, das crianças e meus pensamentos eram verdadeiros, como uma missão a ser cumprida.

O que não percebia então era quanto tempo se passaria antes de conseguir viajar à Irlanda, encontrar o vilarejo e descobrir o que acontecera às crianças. Tínhamos pouco dinheiro, não tínhamos carro e viajavamos raramente. Na verdade, estávamos acostumados a ir a pé aos lugares, o 32

que não era problema. Sabia que poderia fazer a minha busca somente no futuro, não apenas por razões financeiras. Primeiro, precisava me compreender melhor e aprender a lidar com a minha existência atual, todos os seus sentimentos e medos - não apenas aqueles causados pelas lembranças, mas também os provocados pelas minhas atitudes até então e por minha personalidade. Frequentemente, continuava a fugir para o meu mundo particular de transe e esquecia o que

acontecendo ao meu redor, além de mudar de humor constantemente. Muitas vezes, ficava em depressão durante meses, sem um motivo aparente. Mais tarde, descobri que se tratava de um problema metabólico, que sempre me acompanharia, o qual devo ter herdado do meu pai.

Nesta época, minha mãe deu continuidade aos seus estudos para se tornar professora, formando-se e fazendo pós-graduação. Depois, começou a lecionar em um curso da Universidade Aberta, onde se tornou amiga de uma mulher cujo marido pertencia à companhia de dança Saint Albans Morris. A importância dessa nova amizade foi que, pela primeira vez, tive acesso ao gênero de música de minha preferência inata. Até então, conhecera apenas os tons tristes do baixo do meu pai, que tocava numa banda de jazz tradicional nos finais de semana, e o gosto abrangente de minha mãe por música clássica.

Um dia, pedi emprestada uma flauta de um dos músicos da Saint Albans Morris. Em apenas uma semana, já conseguia tocar algumas músicas e tinha cortado um bambu para fazer uma para mim. Nunca cheguei a ser uma boa 33

flautista, ao menos comprei um livro de músicas irlandesas e tentei tocá-las.

Não recordo exatamente qual foi a primeira vez em que ouvi música tradicional irlandesa, mas lembro o que senti quando ouvi: era como se tivesse voltado para casa. A música da companhia de dança me agradava de um modo que nenhum outro tipo de música conseguia, mas ainda não era a música certa. Na primeira vez em que ouvi o som de um vocal solo em gaélico, uma porta se abriu para um mundo diferente e mais antigo dotado de um estranho clima de mistério e beleza. Estava certa de que Mary gostava deste tipo de música, mas não tinha lembranças disso.

O tempo passou e eu parecia ter emergido do casulo de uma infância semiconsciente para uma adolescência mais agradável. Por um tempo, Mary foi colocada de lado por causa do presente, pois muitas coisas estavam acontecendo. Com a minha vida se tornando melhor a cada dia, consegui ir bem nos estudos, mas não tinha mais condições de me adequar à atmosfera da escola onde me sentia tão deslocada. Fiz um curso técnico e me tornei uma *1quiropodista profissional .

Esforcei-me muito para conseguir essa qualificação. Até então, minha vida fora

repleta de inseguranças, emocionais num primeiro momento e, depois, financeiras. Precisava construir um futuro mais estável para mim. Minha mãe tivera de lutar por sua independência e estabilidade *Profissional especializada em diagnose e tratamento de doenças dos pés.

(Nota do tradutor.)

financeiras quando já estava mais velha, com vários filhos para cuidar. Não queria ter que passar pela mesma situação.

Sabia que meus planos poderiam nunca se tornar realidade, pois refletira sobre os inevitáveis problemas que teria ao me relacionar com outras pessoas. Porém, estava conseguindo me relacionar melhor com as pessoas de um modo geral, embora minhas relações com os homens fossem marcadas por desencontros e temores além do comum. Durante meus anos de estudante, começava e terminava relacionamentos complicados, incapaz de compreender o que era um relacionamento de verdade. Em parte, isso era causado por meu medo e pela falta de afeto na relação que tinha com meu pai. Então, qual era o papel das lembranças da minha outra vida em tudo isso? Não conseguia deixar de pensar sobre todas as influências que constituíram a minha pessoa, tanto as da minha vida atual como as da minha vida passada. Mary gostava de seu pai e, com certeza, o relacionamento deles tinha sido bom, mas por que tinha tanta dificuldade de me lembrar do marido de Mary?

Ao longo desses anos de relacionamentos desastrosos, sendo que o último se desgastara tanto que me deixou traumatizada, sempre tentei me lembrar da relação de Mary com seu marido, se era boa ou não. No início, fora fácil me recordar dele, um homem bonito e imponente que surgira na vida de Mary logo após o término da Primeira Guerra Mundial. De certa maneira, era um forasteiro, pois vinha de uma outra região da Irlanda.

Tinha certeza de que servira como soldado na guerra. Pareceu-me que tinha tido vários empregos antes de trabalhar com madeira ou com reparos de teto, uma

profissão especializada da qual se orgulhava. Um homem quieto, incapaz de falar de seus sentimentos, ele passou a ser o centro da vida de Mary. Depois, parecia que se ausentava de casa cada vez mais. Inclusive, parecia não fazer parte dos pensamentos de Mary sobre o futuro das crianças, naqueles sonhos horríveis sobre a sua morte. Mesmo assim, tenho certeza de que ele sobreviveu a ela. Questionava-me, se minhas lembranças dele fossem mais claras, poderiam ter me ajudado a compreender o meu medo de relacionamentos mais íntimos e as dificuldades causadas por situações que pareciam não ter nenhum sentido.

Pouco tempo depois de me profissionalizar, conheci o homem que seria meu futuro esposo. O destino fizera uma escolha muito melhor do que as que eu tinha feito até aquele momento. Antes de completarmos um ano de namoro, já estávamos procurando um lugar para morar em Northamptonshire, onde encontramos uma pequena casa geminada perto do campo, num conjunto de aproximadamente 12 residências ao sul de um grande vilarejo. Dos lugares que visitamos, este era o único em que me senti realmente em casa. Não tentei seguir conscientemente o que me diziam as lembranças de Mary, era algo muito mais instintivo, e acabamos escolhendo essa casa.

Às vezes, me perguntam qual é a opinião do meu marido sobre as minhas lembranças da outra vida. É uma questão difícil de responder, pois não me lembro de um único momento em que ele não soubesse da existência delas, e nunca me pareceu preocupado por causa disso ou por qualquer outra manifestação mediúnica. Ele as aceitou 36

simplesmente como parte de mim. Sabia que tivera muita sorte por tê-lo encontrado.

Conforme aprendia a ser esposa e era feliz assim, também aprendi, através do meu trabalho, a entender melhor os outros. Passei a ser uma mulher mais tranqüila. As minhas incursões na vida de Mary se tornaram menos freqüentes, já que estava muito ocupada. Porém, de vez em quando, fragmentos de memória

emergiam, alguns que tinham sido esquecidos enquanto estava muito ocupada e outros que nunca lembrara antes.

Às vezes, um cheiro ou um som despertava minhas lembranças. Conseguia ver grandes máquinas atravessando a estrada em frente ao chalé na Irlanda. Havia crianças, cheiro de piche derretido e som de máquinas a vapor. Certo ano, a colheita em Northamptonshire exalou um cheiro seco e empoeirado que me fez lembrar de estar sentada no quintal do chalé irlandês, enchendo um colchão de palha e costurando-o cuidadosamente com pequenos pontos. Depois, tínhamos de levá-lo de volta para casa, o que só podia ser feito com a ajuda dos filhos mais crescidos, sendo que o mais velho tinha então apenas oito anos. O trabalho terminava com todos se divertindo e se esforçando para colocar o grande colchão num quarto apertado.

Os cheiros de palha, serragem e terebintina evocavam imediatamente lembranças de um quarto quadrado com uma janela pequena formada por vidraças menores. A maior parte do quarto era ocupada por uma cama grande ou talvez o quarto fosse tão pequeno que fazia a cama parecer grande. Os odores pareciam estar relacionados às roupas de trabalho 37

do marido de Mary. Havia também um suave cheiro de mofo de construções antigas.

Um outro dia quente e empoeirado me fez lembrar de uma viagem de carroça, quando, acompanhada de pelo menos dois filhos (um ainda bebê em meus braços), chacoalhava na estrada seca e irregular, cercada por objetos. Este deve ter sido o dia da mudança para a casa perto de Malahide. Havia muito nervosismo durante a viagem e um sentimento de alívio quando chegamos. Mas não acredito que se tratou de uma viagem longa. Como estava muito feliz na minha vida atual, acho que as lembranças que tive de Mary naquele período eram da época em que ela fora mais feliz.

Sempre quis ter filhos, por isso passei muitos anos fazendo roupas para eles antes mesmo de nascerem. Costurar roupas, que na minha vida atual descobri ser uma habilidade instintiva, aparecia freqüentemente como parte da memória de Mary. E, por alguma razão, o casaco do garoto mais novo permanece na minha mente, talvez porque ele mexia na batinha quando andava. Era um casaco de lã e me lembro de tê-lo costurado a mão, aproveitando o tecido de um velho casaco. Um sentimento de orgulho pela qualidade do meu trabalho também faz

parte desta lembrança.

Quando o meu filho nasceu em 1979, sentime uma pessoa completa.

Seguiram-se anos dos quais sempre me lembrarei com carinho. Pensando em minha necessidade de estabilidade e independência financeira, não parei de trabalhar totalmente. No entanto, senti também a necessidade de ser 38

mãe, assim, dei prioridade a este lado. Na vida materna e familiar, enfim, me encontrei. Casada, não mais me sentia sozinha.

Dar à luz é uma experiência única da qual nunca quero me esquecer.

Agora, era mãe na minha vida atual e era capaz de compartilhar aqueles sentimentos que me acompanhavam por tanto tempo, ou seja, a necessidade de cuidar de meus filhos. Desta vez, porém, tinha uma criança real para segurar em meus braços.

Durante esses anos, estive mais próxima de compreender algumas das emoções mais estranhas e fortes das minhas lembranças, sobretudo, os sentimentos de culpa. Para uma mãe, a culpa é uma emoção especialmente recorrente. Quando algo sai errado, as pessoas se sentem culpadas, como se fossem responsáveis por tudo que acontece. Agora, podia entender, num sentido mais real e imediato, a força da emoção de Mary ao morrer, sabendo que estava abandonando os filhos. Não conseguia deixar o meu filho nem mesmo por algumas horas. Não podia suportar a idéia de uma separação total entre nós. Sabia que acompanharia o crescimento dos meus filhos, já vira uma parte do meu futuro, mas ao olhar para o meu filho, o sentimento de ser separada das crianças, como Mary, fez que mais pensamentos emergissem em minha mente. Tinha certeza de que meu marido seria capaz de cuidar dos nossos filhos e ficava feliz por ele assumir sua parcela de responsabilidade na educação deles, mas perguntava-me se Mary tinha a mesma confiança. Nunca pude compreender a extensão do seu sentimento de culpa e a intensidade de seu tormento, mas sentia que havia algo que a deixava muito desconfortável.

Pouco tempo depois, fomos vítimas de uma crise financeira que me forçou a fazer horas extras, além de trabalhar também num emprego de meio período. Nessa época, em 1983, tive meu segundo filho, uma menina. Ela foi concebida quando a nossa situação financeira estava ruim, mas, no momento em que nasceu, as coisas estavam ainda piores. Meu marido passou a ser autônomo, num período em que negócios em toda a Inglaterra estavam indo à falência. Ele estava numa crise: os custos aumentavam e os lucros estavam rapidamente desaparecendo. Nossa estabilidade praticamente não existia mais. Fiquei de licença poucos dias antes do nascimento de nossa filha e somente nas três semanas seguintes. Estava atuando também como autônoma e precisei trabalhar pela nossa subsistência, senão não teríamos o que comer.

A obsessão pela minha vida passada, apesar de não ocupar mais o primeiro plano, não foi deixada de lado. Ela estava esperando o tempo certo para emergir novamente e foi retornando aos poucos. Conforme meus filhos cresciam e a força do meu sentimento materno era nutrida pelo amor deles, aumentava também a necessidade de encontrar a minha família da outra vida. Aquelas crianças tinham sido privadas ainda na infância daquilo que meus filhos estavam desfrutando agora, por isso sentia que tinha de fazer algo a respeito. Parecia não ser mera coincidência o fato de a minha necessidade de busca pela vida passada se intensificar conforme me aproximava da idade com que Mary morreu, trinta e poucos 40

anos. Como também não era coincidência que este período foi, ao mesmo tempo, o início de uma das fases mais conturbadas de minha vida. Não percebera que, ao revirar e enfrentar as recordações da vida passada, acabaria descobrindo meus próprios defeitos e teria de enfrentá-los.

Ao longo dos anos, fiz várias anotações sobre as minhas lembranças, falando com pessoas sobre Mary e compartilhando meus sentimentos.

Também, de modo bastante aleatório, pesquisei mapas da Irlanda, buscando um que pudesse me dar uma visão mais detalhada de Malahide, o vilarejo onde acreditava estar localizada a casa de Mary e que também correspondesse aos

mapas que desenhara na infância.

Em 1980, uma nova livraria, a Towcester, abriu perto de nossa casa. Fui lá e encomendei um mapa numa escala mais adequada, para que pudesse ver melhor a região de Malahide. Sabia que este mapa não tinha como ser tão detalhado, mas tinha certeza de que seria melhor que o Atlas escolar e todos os mapas que vira até então. Disse ao dono da livraria, senhor Peter Gooding, a razão pela qual queria o mapa e mostrei a ele meus desenhos de infância. Se ele me achou um pouco estranha, pelo menos não deixou transparecer.

Quando o mapa chegou à loja, o senhor Gooding me avisou, e levei meu próprio mapa à livraria para comparar ao novo. Todas as ruas e estradas que desenhara apareciam no novo mapa. Desenhara as ruas e os locais mais importantes, de modo que o norte estava corretamente localizado e as distâncias entre as estradas estavam de acordo com a escala. A estação de trem estava exatamente onde eu tinha desenhado e a estrada que marcara como sendo “na direção da cidade” realmente 41

ficava no sentido de Dublin. O que o senhor Gooding e eu pudemos verificar juntos era uma forte prova de que eu desenhara um mapa bastante detalhado de Malahide. Esta foi a primeira confirmação de que minhas lembranças e sonhos da outra vida eram reais, não sendo apenas fruto da minha imaginação. Era esse exatamente o incentivo de que precisava para iniciar a busca pela vida de Mary e pelos filhos que ela deixara para trás.

3. Os primeiros passos no meu passado

Depois que me decidi, percebi que havia muito pouco para continuar a minha busca. Tudo que tinha era um conjunto de breves lembranças de uma jovem mulher irlandesa, sua família, seus filhos, sua casa e sua morte.

Tinha identificado o local onde achava que ela vivera na Irlanda, que acreditava ter sido comprovado pelo novo mapa. Por onde devia começar?

Não tinha nem mesmo o sobrenome

de Mary e de sua família. O que não me surpreendia, pois sempre fui ruim para guardar nomes. Uma vez, esqueci o nome do meu irmão quando fui apresentá-lo a alguém. Portanto, mesmo que o sobrenome de Mary tivesse sido citado brevemente nas lembranças ou sonhos da minha outra vida, o normal seria que eu esquecesse mesmo. Porém, sem o seu sobrenome, não conseguia vislumbrar qualquer chance de sucesso para minha busca, já que eu vivia num lugar distante. Se tivesse dinheiro sobrando naquela época, visitaria Malahide, mas estava lutando por cada centavo, e tal gasto estava fora de cogitação.

Falei sobre isso em várias ocasiões com meu marido, minha mãe e amigos mais próximos, e o apoio deles foi inestimável. Não se demonstraram muito surpresos, mas a atitude deles de chamar minha atenção a qualquer coisa espiritual ou a histórias de vidas passadas - “Ouvi algo que pode te interessar” - era um sinal de aceitação. Mesmo quando falava com pessoas que não conhecia bem, encontrava um verdadeiro interesse por questões espirituais e pela reencarnação. Muitos sentiam que conversar comigo era uma oportunidade de liberar algo de suas vidas que os tinha estigmatizado de certa maneira, falar de um assunto que nunca discutiam, temendo o ridículo e o ceticismo dos outros. Sofriam dos mesmos sentimentos que tinham me reprimido por tanto tempo.

Conversei muitas vezes com um padre que conseguia aceitar que havia algo no

mundo além do óbvio e do comum. A partir do momento que comecei a falar sobre questões espirituais, o assunto sempre aparecia em todos os nossos encontros. Ele também conhecia várias histórias de acontecimentos inexplicáveis, os quais tinha interesse de investigar de maneira aberta e sem preconceitos religiosos.

Também conhecia pessoas parecidas comigo, que possuíam habilidades mediúnicas. Passei a frequentar uma aula noturna de artes marciais, na qual havia um estudo do espírito e do Chi, a energia interior. Após uma das aulas, falei de meu interesse por questões espirituais ao meu professor.

Olhando-o, percebi que ele também possuía e podia usar habilidades mediúnicas. Primeiramente, perguntei sobre algo dele que eu pudesse segurar, fiz isso para demonstrar a minha psicomетria, buscando definir o que tentava explicar. Ele me deu as chaves de seu carro, sem dizer do que se tratava. Descrevi o interior do veículo e quando disse que, na parte de baixo, à esquerda, perto do freio de mão, havia somente metal onde deveria haver um tapete, ele ficou realmente empolgado. Tudo que eu descrevera estava correto. A essa altura, expliquei-lhe que a nossa habilidade não era tão incomum. Então, dei-lhe o meu anel, projetando meu pensamento para provocar uma reação. Ele sentiu calor emanando do anel, e foi capaz de descrever meus sentimentos, suficientemente diferentes para ele a ponto de convencê-lo de que se tratava de um fenômeno real.

Uma das pessoas fora do meu círculo familiar com as quais me sentia à vontade para conversar era o senhor Coulter, um homem aposentado, de muita cultura, que nascera

no sul da Irlanda. Durante uma de nossas conversas, o tema da reencarnação foi discutido seriamente pela primeira vez como uma explicação provável para as minhas lembranças. Primeiramente, interessado em investigar todas as possibilidades ele cogitou se eu podia ter algum tipo de parentesco com a família de Mary. Sabia que tinha uma bisavó irlandesa, mas ela era da costa oeste da Irlanda, sem nenhum parente em Dublin. Além do mais, ela passou a infância em Malta e na Índia e, até onde sabia, nunca retornara à Irlanda. A árvore genealógica completa da outra parte da minha família estava documentada no Domesday Book. Portanto, 47

certamente a resposta não tinha como ser algum tipo de telepatia genética.

Ao final, foi a força das emoções e das lembranças que tinha como Mary que nos convenceu que sua vida fora real, e que eu estava revivendo uma vida passada através da reencarnação. Nenhuma criança poderia ter inventado o que eu vivera. E, ao falar sobre minhas conversas com minha mãe, consegui convencer o senhor Coulter que as lembranças da outra vida tinham sido parte da minha vida

atual desde o início.

Provavelmente, a reencarnação é a mais antiga de todas as crenças, apesar do fato que três das principais religiões do mundo - Catolicismo, Judaísmo e, em escala menor, o Islamismo - negarem sua existência. Em linhas gerais, os adeptos da reencarnação acreditam que todos os seres humanos possuem uma energia eterna e imaterial que não perece com a morte do corpo físico. Essa energia deixa o corpo físico após a morte deste e, após um certo tempo, renasce em outro corpo, dando início a um novo ciclo de reencarnação.

Do ponto de vista científico, a reencarnação é muito coerente. Uma das leis da Física diz que a energia não pode ser criada ou destruída. Na verdade, pode ser apenas alterada. A reencarnação seria uma maneira de preservar essa energia. Também está de acordo com a idéia cristã da imortalidade da alma. Se o espírito é imortal, logicamente não pode ter início ou fim. Haveria, pois, uma continuidade, com a sobrevivência do espírito através de diferentes existências em vários corpos físicos, talvez mesmo ao longo de milhares de

anos. Inclusive, tinha lembranças vagas de tempos mais remotos, que talvez pertencessem às minhas reencarnações anteriores, apesar de todas serem bem menos detalhadas do que as lembranças de Mary.

O senhor Coulter e eu discutimos muitos outros aspectos da reencarnação e livros sobre o assunto. Um dos livros mais interessantes foi Crianças que se recordam de vidas anteriores (Children Who Remember Previous Lives), do doutor Ian Stevenson, que estudara crianças, sendo a maioria da Ásia, onde obviamente a reencarnação é muito mais aceita que no Ocidente. Um grande número dessas crianças tinha lembranças espontâneas e bastante detalhadas de vidas anteriores recentes. A maioria lembrava de vidas que tinham terminado antes do tempo normal, por causa de violência ou doença. O doutor Stevenson dizia que os espíritos nessas condições deviam se sentir incompletos, com uma sensação de vida inacabada e, por isso, reencarnavam mais rapidamente que outros. É importante notar que a pesquisa do doutor Stevenson foi auxiliada por essa “rapidez”, já que muitos dos parentes das pessoas desencarnadas ainda estavam vivos para serem entrevistados.

Para mim, essa sensação de missão inacabada pareceu ser uma explicação bastante provável para a forte presença 2 O cientista e psiquiatra Dr. Ian Pretyman Stevenson (1918-2007) foi um dos maiores pesquisadores da reencarnação, do fenômeno das vidas passadas e das experiências de quase-morte (eqm). Durante décadas, estudou, com seriedade e sem preconceitos, inúmeros casos de crianças que afirmavam ser a reencarnação de outras pessoas. Inclusive, fundou um departamento dedicado ao estudo desses temas na Universidade de Virgínia, Estados Unidos. (Nota do tradutor.) 49

das lembranças de Mary em minha mente, com sua incrível consistência, desde pequena. É uma explicação também para a tenacidade com a qual elas permaneceram em minha consciência durante toda a minha vida, O senso de responsabilidade que temos por um filho, como agora sabia por experiência própria, é a emoção básica de uma mãe, e o remorso de Mary por ter

abandonado seus filhos realmente imbuía meu espírito e minhas emoções com um forte sentimento de missão incompleta e inacabada. Era mais difícil de compreender por que havia também uma sensação de medo. Porém, para o bem de Mary e para o meu próprio, teria de levar a investigação adiante e encontrar os seus filhos.

Por coincidência, justamente quando estava começando a sentir que minhas experiências não eram tão anormais, envolver-me em um pequeno estudo científico. A esposa do professor de artes marciais conversara com uma professora que estava fazendo um curso de especialização. Esta professora perguntara-lhe se conhecia alguém que fosse médium, já que estava procurando voluntários para uma experiência que faria parte de sua tese.

Quando entrei em contato com a professora, falei sobre a viga de madeira que tínhamos colocado durante o acabamento da construção de um muro. A madeira tinha sido reutilizada e quando a toquei pela primeira vez, senti que estava no teto de um celeiro. Enquanto contava isso, estava tocando a madeira para demonstrar-lhe, e antes que tivesse terminado a minha história, a professora revelou que também sentia que a madeira era oriunda de um celeiro. Tínhamos acabado de ter uma experiência psicométrica simultânea.

Como ela queria realizar um teste de habilidade mediúnica em cada pessoa antes de ela poder ser incluída em sua experiência, esse acontecimento foi bastante válido. Após serem aprovados, os escolhidos teriam suas capacidades mediúnicas testadas individualmente, sendo conectados a um eletroencefalograma (EEG), um registro da atividade elétrica cerebral utilizado por médicos e psicólogos. Eletrodos captam esses impulsos elétricos, chamados de ondas cerebrais, convertendo-os em sinais gravados como linhas numa tira de papel em movimento. Um EEG comum tem algumas alterações nas linhas, já

a atividade cerebral intensa é indicada por violentas variações para cima e para baixo, a exemplo das linhas causadas por um terremoto em um sismógrafo.

Na Universidade de Nene, em Northampton, os eletrodos foram colocados sobre minha cabeça com o adesivo necessário para conduzir a corrente elétrica. Durante a parte mediúnica do teste, usei novamente a psicometria, segurando um objeto que pertencia a alguém. Então, visualizei e descrevi imagens relacionadas a essa pessoa, tais como o seu ambiente e, às vezes, seus sentimentos e emoções predominantes.

Quando me concentrei no objeto, um relógio que pertencia a uma técnica, o aparelho registrou uma atividade cerebral extremamente intensa, muito maior que a registrada durante a parte convencional do teste. Depois de alguns minutos de conversa, a técnica pegou o relógio de volta e parou o experimento. Os detalhes que revelei de seus pensamentos sobre sua casa e seu trabalho começaram a fazê-la sentir-se emocionalmente exposta. No entanto, ela atestou a veracidade de tudo que revelei, o que foi muito importante para o

campo de pesquisa da amiga de minha professora. Para mim, porém, era apenas mais um passo rumo à aceitação de minhas experiências por parte dos outros.

O encontro com a professora teve um importante desdobramento, pois, através dela, fui apresentada a um homem cujo o hobby eram sessões hipnóticas de regressão de memória. Ele estava pesquisando o fenômeno das vidas passadas, mas não trabalhava como terapeuta. Hipnotizava seus pacientes, pedia que voltassem no tempo, tanto para estágios anteriores de suas vidas atuais como para um ou mais de suas vidas passadas.

Em fins de 1987, o hipnotizador proferia uma palestra seguida de demonstração numa escola de Northampton,

e a professora sugeriu que eu fosse. Naquela época, como estava me recuperando de uma de minhas depressões periódicas, as quais pareciam retornar a cada 18 meses, não queria encontrar multidões ou grupos de pessoas. Porém, acabei indo, talvez pelo ímpeto íntimo de descobrir mais sobre minhas experiências mediúnicas.

Durante a palestra para uma platéia de aproximadamente sessenta pessoas, ele realizou hipnoses individuais e grupais. Foi reservado um tempo a questões, e senti que tinha de perguntar se o hipnotizador já encontrara alguém como eu. Ele tinha ouvido falar sobre mim, por isso me pediu para ficar na frente da platéia, o que me deixou bastante nervosa. Falamos sobre minhas memórias e sonhos, então me perguntou se estava preparada para ser hipnotizada lá naquele momento.

Estava muito preocupada com a opinião das outras pessoas e com medo da própria experiência para poder aceitar.

Porém, na segunda vez que me encontrei com o hipnotizador, numa reunião na casa de um vizinho, aceitei ser hipnotizada na frente de 12 pessoas -

membros de um grupo

de mulheres. Isso aconteceu em 6 de janeiro de 1988. Sob hipnose, descrevi a rua de paralelepípedos com barracas de venda de um lado e os últimos momentos de Mary. Conhecia bem essa cena. Muitas vezes durante a infância, acordara desse sonho, sentindo a angústia de uma mulher destinada à morte antes de seus filhos crescerem. Chorava quando ela chorava, sentia sua dor como se fosse minha. Não queria partir, mas sabia que partiria e não podia fazer nada para impedir. Temia pelas crianças e me preocupava como elas sobreviveriam dali em diante. A raiva e o sentimento de injustiça superavam qualquer dor que a morte pudesse trazer. Essa era a lembrança da qual nunca fora capaz de fugir, aquela que normalmente acorria à minha mente quando me encontrava sozinha à noite.

Ao reviver a morte de Mary dessa maneira, senti lágrimas descendo pelo meu rosto de maneira incontrolável. Normalmente, não chorava em público, mas a hipnose me levava a um nível mental em que parecia incapaz de me conter. Após essa sessão, ele me ofereceu um curso de regressão hipnótica, que teria início em 10

de fevereiro do mesmo ano e seria gravado e filmado. Não precisaria pagar nada, pois se tratava de um hobby para ele. Aceitei porque era exatamente o que precisava naquele momento. Sentia que podia substanciar muitas de minhas lembranças, talvez descobrir mais 53

sobre Mary, sua vida e seus filhos. Poderia até terminar o curso com uma idéia melhor dos nomes, especialmente do sobrenome que era difícil de lembrar, sem o qual acreditava ser impossível continuar a minha busca.

A regressão hipnótica foi criada por um psicanalista e hipnoterapeuta, coronel Albert de Rochas. Em 1903, escreveu um livro em que afirmava ter feito pessoas regredirem às suas infâncias, às suas lembranças pré-natais e até mesmo às suas vidas passadas. Além disso, dizia ter pacientes que fizeram relatos sobre vidas futuras. Minha experiência pessoal demonstra que esse tipo de consciência também é possível sem a utilização de hipnose. Na época, suas idéias foram recebidas com muito ceticismo pelas pessoas. As coisas começaram a mudar de figura na década de 1950, com o célebre caso de Bridie Murphy, que regrediu à sua vida passada como Virginia Tighe, através de sessões de hipnose realizadas pelo hipnotizador amador Morey Bernstein. Depois desse evento, outros hipnotizadores começaram a descobrir que seus pacientes estavam realmente regredindo a vidas anteriores, acidentalmente na maioria dos casos, e cresceu o interesse pelo assunto.

Apesar de a regressão hipnótica ter se tornado tão popular, aparentemente não é muito valorizada por pesquisadores sérios, visto que a informação fornecida por um adulto sob hipnose pode ter origem em diversas fontes. Porém, para mim, tratava-se de uma experiência nova, e o objetivo não era tanto tentar buscar lembranças da outra vida, mas acrescentar qualquer dado importante a lembranças tão detalhadas 54

desde a minha tenra infância. Queria utilizar todos os meios possíveis para descobrir as informações necessárias para estar certa, caso encontrasse uma família em minha busca, de que esta era a minha família.

A hipnose é uma experiência estranha mesmo quando não há regressão.

Todas as lembranças que ficaram escondidas no subconsciente e às quais não tinha acesso vêm à tona. É uma “faca de dois gumes”: uma experiência ao mesmo tempo maravilhosa e perturbadora. Algumas das memórias que as pessoas escondem no fundo de suas mentes estão lá por uma boa razão.

Talvez essas sejam as lembranças que elas se sentem incapazes ou não têm coragem de enfrentar, e que foram escondidas como uma forma de autoproteção. Ao revelarmos e expormos qualquer uma de nossas memórias profundas, somos forçados a olhar de novo tanto para as lembranças esquecidas como para as reprimidas.

Era a primeira paciente do hipnotizador que já tinha uma memória de vida passada antes da hipnose. Ele providenciou um quarto com espaço para acomodar o aparelho de gravação e uma confortável cadeira onde eu pudesse relaxar o suficiente para possibilitar a investigação necessária em minha mente. Sabia que o processo seria um tanto indiscreto, mas minha vontade de descobrir era o suficiente para suprimir meu desejo de privacidade. Sentia que a cooperação total seria o único meio de abrir as portas e libertar mais lembranças que pudessem me auxiliar na busca pela família de Mary.

Sentei inquieta na cadeira, quase tão nervosa como da primeira vez que fui hipnotizada. Perguntou-me se, na ocasião anterior, ele tinha utilizado um comando subconsciente 55

para colocar-me sob hipnose mais rapidamente. Respondi que sim, mas que não tinha certeza se um mês depois aquele comando ainda funcionaria. O

comando era um toque no meu ombro, e ele funcionou tão rapidamente que mal consegui terminar a frase, e logo caí naquele estranho sono. Sentia que estava caindo, depois lutando, resistindo de certa maneira e, então, enfim adentrando no profundo e vasto domínio do subconsciente.

Primeiramente, pediu-me para recordar um momento do passado da minha vida atual. Para minha sorte, pediu que me lembrasse da minha infância, cujas memórias não eram tão desagradáveis. Tinha de descrever a minha primeira escola e a pessoa que sentava ao meu lado no ônibus escolar.

Então, passo a passo, fui levada a um passado ainda mais distante, até que ele me pediu para retornar a um tempo antes do meu nascimento, contando o que descobrira por lá.

Vi-me como Mary, mas não estava no chalé e as crianças ainda não tinham nascido. Tratava-se da jovem Mary, antes do casamento, algo que nunca lembrara antes de maneira consciente. O hipnotizador me fazia perguntas, as quais tinha consciência de ouvir, mas também ouvia as minhas respostas. Por isso, foi necessário um certo tempo para perceber que era a minha própria voz respondendo. Era como se eu fosse uma mera espectadora, sendo que uma parte minha existia no lugar que via na outra vida, e a outra no presente.

Ainda assim, eu era Mary e o passado se tornara bastante real. Podia sentir o cheiro da grama dos campos de uma grande casa de fazenda e respirava o ar fresco da primavera. Senti que esse era o local onde trabalhei para a família Lett.

A casa de fazenda era próxima a um pequeno vilarejo, mas eu estava num campo aberto. O hipnotizador me perguntou como estava vestida. Apesar de saber que ele perguntava a Mary, parecia que o meu outro eu que respondia, pois naquele momento eu era Mary e estava muito ocupada com o que acontecia para responder. Olhando para as minhas roupas, ouvi minha outra voz respondendo: “uma saia preta comprida de lã e um avental. O

avental não é muito longo, mas a saia quase chega ao chão”

Na casa da fazenda, tive a sensação de que a conhecia, vi Mary limpando a grelha e acendendo a lareira. Vi vários quartos da casa. Essa não era a memória que esperava ver, pois estava tão acostumada a ver o chalé em Malahide, que me convencera que seria lá que estaria nesse momento.

Alguém disse: “1915”. Percebi que era a minha própria voz, portanto, o hipnotizador devia ter me perguntado o ano e ela respondera. Estava dividida entre as duas personalidades. Ele também perguntou qual era minha idade. Houve certa hesitação e então veio a resposta: “17”

Desci apressadamente a colina que ligava a casa ao vilarejo. O local ficava ao norte de Dublin, não era Malahide, mas sentia que não estava longe. A casa onde vivia a minha família localizava-se no vilarejo. Era uma pequena casa de pedra. Os pensamentos sobre o pai e os irmãos de Mary vieram à minha mente. O hipnotizador perguntou por nomes, mas tudo que consegui responder foi o nome de uma rua chamada “travessa Walldown”. Vi também um ferreiro e uma loja que ficava na frente da casa de alguém. Ele me pediu

para descrevê-la e dizer que tipo de produto era vendido lá.

Pensei em fitas de tecido e no fato de que, aparentemente, a loja geralmente não tinha pão para vender.

Conforme as questões eram perguntadas e respondidas desse modo estranho e mecânico, parecia que eu estava livre para andar por aqueles lugares bastante tangíveis e reais. Sentia o vento soprando no meu cabelo, podia tocar e cheirar o ar como se estivesse lá de verdade.

Ele pediu para ver o ano de 1919. Mary estava descendo uma rua central.

Atrás de mim, um alto muro de tijolos se estendia até os portões de madeira. Na esquina da rua, havia uma caixa de correio e o chão era irregular. Ele me perguntou o que estava vestindo, e descrevi uma saia costurada a mão com bordado em forma de concha, sendo que o bordado era de um tecido diferente. Senti orgulho desse trabalho manual.

Ao lado de Mary estava o seu esposo, um homem de 25 anos vestido de maneira elegante. Desta vez, ele era o centro das atenções de Mary, as crianças ainda não tinham nascido.

Parecia um pouco distante, diria até arrogante, e, quando Mary o olhava, ele virava o rosto para ver se alguém estava olhando.

O tempo passava e ele me pediu para descrever o que estava vendo, e percebi que enfim via Malahide. Estava na rua principal que ligava o norte ao sul da cidade, e falei do açougue no lado oeste a mais ou menos duas ou três casas do início da parte norte da rua.

Ele me perguntou sobre o meu marido. Pressionada para dar um nome, disse de maneira relutante: “Bryan”, um nome que usara em jogos na minha infância. Porém, não tinha certeza de que este nome estava correto. Ele me perguntou

com o que o meu marido trabalhava, e descrevi madeireiras e alguns outros trabalhos antes de sua volta - volta de onde e quando? Não sabia.

Tinha dúvidas relacionadas à Primeira Guerra Mundial, mas apesar de sempre tê-lo imaginado como um soldado, minha reação foi um pouco confusa. Talvez estivesse tentando demais dar respostas certas.

Depois, perguntou-me sobre uma igreja que eu sabia estar localizada na mesma rua e no mesmo lado do açougue, mas bem mais para baixo. A igreja tinha uma parede triangular que dava para a rua, com tijolos na parte superior e colunas laterais com uma pedra em cima. Na frente dessa parede, havia uma placa de madeira com alguns dizeres. Essa parede triangular era a principal vista da igreja. O exterior do prédio era fácil de ser descrito, mas seu interior não, o que indicava que Mary passava mais em frente da igreja do que entrava nela. Sentia que não se tratava de uma igreja católica, o que me deixou confusa, pois sempre imaginara que Mary fosse católica. Parecia não haver nenhuma razão imediata para essa igreja ter alguma relevância na sua história.

Em seguida, o hipnotizador me perguntou sobre casamentos e testemunhei um especialmente nessa igreja. Poderia ser o casamento de uma amiga, apesar de ele ter me perguntado sobre o meu. Ou mesmo Mary poderia ter trabalhado como testemunha remunerada, um modo bastante comum de ganhar dinheiro à época. Como havia poucas pessoas, essa possibilidade é bem provável. Outras cenas que podiam ter sido do casamento de Mary surgiram de repente, provocando uma confusão de tempos e eventos, e percebi que tudo isso tinha pouco valor real. Fui instruída a olhar para a certidão

de casamento para obter um nome e uma data, os quais foram ditos por mim de maneira pouco clara, O nome era O'Neil e a data 1921. De maneira alguma tinha certeza de que essas informações estavam corretas.

Então, vi a casa de Mary, a mesma que costumava lembrar. Era um típico chalé, o primeiro à esquerda de uma estrada estreita e empoeirada que se estendia do oeste ao sul de Malahide. O chalé ficava a menos de três quilômetros do início da estrada. Outros detalhes eram semelhantes aos dos meus sonhos e lembranças anteriores.

Novamente, fui conduzida à frente no tempo e descrevi um bebê andando em volta dos meus pés. Tinha cabelos pretos com um toque de vermelho sob a luz do Sol. Disse que sua data de nascimento era 4 de fevereiro de 1922.

Apesar dessa informação parecer menos vaga do que as sobre a igreja e o casamento, novamente duvidava da resposta. Não sabia se a data estava correta.

Logo depois, fui acordada, distanciando-me do que tentava compreender e recordar. Despertei aos poucos, tentei me locomover, mas meu corpo não respondia, como se eu estivesse paralisada. Após alguns momentos, minha consciência plena e minha mobilidade retornaram. A sessão parecia ter durado apenas dez minutos, mas ao olhar para o relógio, descobri que se passara uma hora.

Quando cheguei em casa naquela tarde, fiz várias anotações na expectativa de registrar alguma informação útil.

Os nomes O'Neil e Bryan não pareciam corretos, mas, de qualquer maneira, nunca antes explorara tão profundamente a vida de Mary e nunca tinha visto tantas coisas novas.

Anotei as localizações do açougue e da igreja em um dos mapas a fim de que, um dia, pudesse checá-las. Tomei nota inclusive das datas das quais não tinha certeza. Precisava desesperadamente encontrar uma chave para dar início à minha busca, e qualquer coisa poderia se tornar essa chave.

Senti que tinha dado o primeiro passo no sentido de iniciar uma busca que esperara metade da vida para começar.

Duas semanas depois, visitei novamente o hipnotizador que, desta vez, estava interessado em saber mais sobre o intervalo de tempo entre a década de 1930, quando Mary morreu, e meu próprio nascimento, em 1953.

Essa informação era mais relevante para sua pesquisa acerca do fenômeno das vidas passadas do que para minha busca pela família de Mary, apesar de também ter algum interesse no assunto. Poderia ser útil para a compreensão ou a confirmação da continuidade do “espírito”, um dos conceitos centrais nas principais teorias reencarnacionistas.

Desta vez, quando tocou o meu ombro, fui instruída a ir direto às derradeiras lembranças de Mary. Novamente, fui forçada a enfrentar a dor física e a angústia que, de alguma maneira perversa, precisava vivenciar, como se a minha própria familiaridade com esse terrível momento fosse aumentar minha determinação. Atravessando lentamente a dor para atingir o ponto em que restavam apenas emoções, comecei a entrar num outro estado.

Era outono quando Mary morreu. Ela parecia magra conforme me colocava acima e um pouco ao lado de seu 61

corpo sem vida, O quarto era branco e vazio. Morrera sozinha num local que se assemelhava a um hospital. Como o tempo era irrelevante, não tinha como dizer quantas horas depois o esposo de Mary entrou no quarto.

Ele sentou-se ao lado da cama, inclinando-se sobre ela. Pela primeira vez, pude conhecer seus sentimentos. Naquele momento, ele parecia menos capaz de esconder suas emoções por trás da indiferença ou de sua falta de jeito. Assim, apenas muito tarde consegui vislumbrar o homem que ele poderia ter sido se fosse mais capaz de expressar seus sentimentos. Não estava mais próxima, mas continuara a me distanciar em direção a uma escuridão bastante tranqüila. O tempo não tinha mais como ser determinado, tudo parecia inerte como que em animação suspensa ou hibernação.

Em algum lugar na escuridão, conforme era conduzida através dos anos pela voz do hipnotizador, havia uma breve memória. Em 1940, tudo ainda estava escuro, mas houve uma pequena mudança de consciência, a qual posso descrever como uma necessidade de “ser” de novo. Em 1945, havia uma pequena criança. Nessa época, nada estava muito claro, mas sentia estar sozinha ou solitária de algum modo. Havia barulho, confusão e sujeira.

O hipnotizador, o controlador quase esquecido dessa viagem a uma outra dimensão, conduziu-me de volta no tempo, mais uma vez à Irlanda. Vi uma família em crescimento, e havia um pouco de impaciência por parte de Mary, que estava menos encantada com as alegrias da maternidade agora que havia uma casa cheia de crianças para cuidar. Descrevi brevemente várias das crianças de maneira coerente

com minhas lembranças anteriores e mencionei um bebê que morrera ao nascer. Foi uma visita breve, e não tive oportunidade de ter algo mais do que uma vaga impressão.

Ouvi a voz ordenando novamente que eu voltasse no tempo, centenas de anos atrás. Por acaso, vi-me numa das lembranças que tinham convivido comigo desde a infância, apesar de inicialmente não tê-la reconhecido como tal. Das muitas lembranças, Mary sempre fora a mais forte e a mais detalhada.

Parei petrificada. Durante vários minutos, descrevi os temores de uma garota de sete anos, que vivia no interior da França. Acho que seu nome era Anna. Ela fora vendida por sua mãe para trabalhar como empregada para uma família de Boulogne. Imagens de uma família grande e de uma fazenda ficaram para trás. Uma viagem com o seu pai e o medo de nunca mais ver sua família novamente. Muitos detalhes, o ano 1716. Como se o trauma das lembranças de Mary já não fosse o bastante, esse momento de terror era deixado na minha consciência. Sentimentos familiares de injustiça e raiva mesclavam-se com medo, todos sendo bastante tangíveis nesse outro local e tempo.

Logo depois, a voz trouxe-me de volta ao presente.

Assim, fiquei com fiapos de memória, alguns instigantes, outros aterrorizantes...

Comecei a sentir que essa experiência de regressão hipnótica estava consumindo meus pensamentos. Portas pouco abertas estavam agora se escancarando, a tal velocidade, que havia pouco tempo para apreender a importância do

que estava ocorrendo. Achava que era muita informação de uma só vez.

Tentava lidar com isso questionando a exatidão, ora exageradamente ora de maneira pouco eficaz.

Incomodava-me o fato de que, com a hipnose, era tão fácil chegar a um nível de recordação e de pormenor, o qual tinha sido incapaz de atingir sozinha, mesmo depois de anos de prática.

Não me conformava que demorara tanto para descobrir que isso era possível, e pensava que talvez tivesse desperdiçado muitos anos de minha vida. O tempo se tornou meu inimigo. Queria saber tudo e achar minha família imediatamente. As duas semanas entre cada sessão começaram a ser dolorosas. Era uma espécie de vício e não queria que a hipnose terminasse até que tivesse todas as respostas de que precisava. Nunca me ocorreu que pudesse precisar dessas

duas semanas e um pouco mais de maturidade antes de estar pronta para seguir adiante. Era muito difícil aceitar que era preciso paciência para aqueles primeiros passos.

A sensação de abrir uma caixa de Pandora, porém, continuava. Até o momento, escondera em uma parte menos evidente da minha consciência a frustração de não ser capaz de fazer alguma coisa para buscar as crianças e uma raiva muito forte decorrente dessa situação. Tivera de fazer isso para poder manter a minha rotina. A hipnose, entretanto, estava derrubando todas as barreiras que erguera para me proteger de parte da dor. Apesar da dor que sempre sentia ao lembrar da minha outra vida, tinha racionalizado tudo para deixar que a vida atual prosseguisse seu rumo normal. A intensidade da recordação sob hipnose fez que me sentisse exposta, vulnerável e confusa. Havia um grande conflito entre a 64

autopreservação e as necessidades do passado. De um ponto de vista psicológico, freqüentemente é melhor encarar as coisas do que reprimi-las, mas o trauma de fazer isso não deve ser subestimado.

Na sessão seguinte, tendo sido conduzida novamente à vida de Mary, falei espontaneamente: “meu bebê está morto”. O hipnotizador fez perguntas que foram respondidas quase que mecanicamente, mas eu estava realmente envolvida com o passado. Pude ver uma mulher, que acreditava ser uma enfermeira. Ela me entregou o bebê morto para que eu pudesse segurá-lo e me despedir.

A dor da perda estava presente naquela época e ainda está presente cada vez que essa lembrança acorre à minha mente. Segurei o bebê e entendi. Senti gratidão por ter a possibilidade de dizer adeus daquela maneira, de poder olhar para a criança destinada a não desfrutar de uma vida. Muito mais fácil do que ser apenas informada, mas não ter a permissão de vê-la ou de dizer adeus. Houvera outro momento em que Mary não pôde se despedir de alguém? Talvez. Era forte o sentimento de que se tratava de um momento especial. Não havia nenhum sentimento de frustração ou injustiça - apenas dor, ou melhor, o sentimento de perda manifestado no momento da perda, emoções comuns, fáceis de aceitar agora.

Era um menino. Mary deu à luz vários garotos. Agora, já estava com mais de 30 anos. O hipnotizador me perguntou se essa era uma boa idade para se ter filhos, respondi que não era algo incomum. Dentro de mim, fiquei brava

com essa pergunta estúpida. Como se tivéssemos escolha de ter ou não filhos. De quem eram esses pensamentos, meus ou de Mary?

Ele me fez viajar no tempo de novo. Minha mente obedeceu à direção dada e me encontrei sentada numa ladeira coberta de grama. Diante de meus olhos, descortinava-se uma vista panorâmica das colinas onduladas que seguiam em direção à água bem distante. Acho que era uma corrente, pois parecia haver terra depois da água, ou talvez esse fosse o mar e diante de mim se encontrava uma ilha. Eu, a observadora da vida atual, não sabia; eu, a pessoa da vida passada, não me preocupava. Podia sentir o cheiro da terra e das plantas úmidas. Queria ser capaz de levantar e caminhar sobre as colinas por muitos quilômetros, tamanha a beleza

da paisagem.

O hipnotizador estava falando sobre trabalho. Mary não queria pensar sobre trabalho enquanto estava sentada lá. Quantos anos tinha? Quinze.

Ficava presa o dia inteiro naquela casa, limpando cada cômodo. Não, era muito melhor ficar aqui fora do que pensar sobre trabalho. Essa Mary jovem era mais magra do que anos mais tarde, e talvez com uma visão ainda pouco realista da vida. Mas ela já tinha o otimismo e a alegria que seriam de grande valia no futuro.

Mary gostava da senhora Lett. O hipnotizador me fazia todo tipo de pergunta sobre ela e a casa. Havia pilares brancos em cada lado da varanda, mas era apenas uma grande casa de fazenda, e não uma mansão. A senhora Lett sentava-se no cômodo principal, que ocupava todo o espaço do lado direito da casa e tinha janelas na frente e nos fundos. Era 66

muito idosa e não saía muito. Este cômodo era maravilhoso, tinha um enorme tapete de muitas cores, vermelhas e castanhas, que cobria a maior parte do piso.

Nas paredes, havia espelhos emoldurados. Por toda a sala, havia poltronas e outros móveis muito bonitos. Escritaninhas e mesas, nenhuma grande. Tudo era elegante, até mesmo a senhora Lett com seu rosto pálido e seu colar de pérolas. Havia coisas aqui que estavam obviamente além da experiência de vida de Mary um nível de riqueza que nunca vira antes de trabalhar nesse local.

Ele deixou que me locomovesse pela casa e descrevesse o que via. Havia vários andares. No primeiro, um longo corredor com três ou quatro portas que levavam a outros cômodos. Os quartos do segundo andar eram pequenos devido à altura do teto e, por isso, eram usados principalmente para estocagem de produtos.

Havia outras pessoas. Alguém na cozinha, uma cozinheira provavelmente. A cozinha ficava na parte esquerda no fundo da casa, onde havia, também, uma pequena lavanderia e quartos de serviço. A cozinheira não fazia os trabalhos pesados ou cansativos. Mary limpava, esfregava e lavava. O

quarto frio e externo, onde ela fazia estes trabalhos, foi vislumbrado de maneira breve - não havia nada de especial, nenhuma razão para que se demorasse por lá ou olhasse detalhadamente, era apenas um lugar para se estar quando havia trabalho a ser feito.

O hipnotizador me pediu que avançasse um pouco no tempo. Agora, Mary estava casada e tinha uma família. Estava limpando o chalé. Ele me perguntou sobre os afazeres domésticos e o que eu estava usando para limpar. Parte de mim

entendeu por que ele fez essas perguntas, mas outra parte que pertencia àquele tempo não compreendeu. Às vezes, as respostas eram curtas e grossas: “um pano molhado”. Todas as superfícies eram limpas com um pano. Ele me perguntou sobre a lavagem das roupas. Podia ver um pedaço de sabão que era utilizado para esfregar as roupas antes de lavá-las.

Então, perguntou-me sobre pratos. O meu nível de irritação estava crescendo conforme descrevia o sabão, em pequenos pedaços, usado para lavar pratos, sabia muito bem que a casa não tinha nada: tudo custava muito caro para Mary.

O silêncio reinava, a maioria das crianças estava na escola. Ele me perguntou sobre a escola, mas não fui capaz de ver o nome completo, somente a letra C. Não sabia se usavam lousas, mas enxergara um livro no qual a menina mais velha escrevera. Ela era inteligente e ia bem nos estudos. Tinha grandes planos para ela. Uma menina esperta, paciente e trabalhadora o suficiente para alcançar algo melhor: tornar-se uma enfermeira, talvez. Um dos meninos, o mais velho, era um tanto difícil às vezes, hiperativo. Descrevi as outras crianças do mesmo modo que descrevera antes.

Novamente, fui instruída a ir a um outro lugar, um outro tempo, de volta à França e a Anna em Boulogne. Então, para frente novamente, além de Mary, e, passo a passo, à criança entre 1940 e 1945. Muitos detalhes, nomes, o nome de uma rua em Hendon, Londres, que mais tarde descobri que existia mesmo. Uma memória curta de uma vida curta.

Então, fui conduzida adiante novamente, através das sombras, devagar, até que houvesse à minha frente luz, onde inicialmente havia apenas uma mancha.
Desejava 68

seguir em direção desta. Ao alcançá-la, senti uma sensação de calor, um calor físico e um conforto verdadeiros, e não sentia mais o corpo. Havia uma sensação única, um sentimento

de estar viva.

Como observadora, achei difícil de aceitar isso, apesar de que, naquele momento, parecia que eu sabia do que se tratava. Meu “eu” consciente sabia que tínhamos atingido um ponto antes de meu nascimento, e o que estava ocorrendo era relacionado à minha memória pré-natal.

A consciência e os sentidos ficaram aguçados. Senti então um confinamento como se estivesse sendo segura com força por alguém, então veio a luz, o barulho e as pessoas. Minha cabeça emergiu virada à esquerda e então para cima. Não havia mais segurança, apenas barulho e confusão, seguidos rapidamente pela necessidade de ser segura como antes, por causa do conforto e da tranquilidade. Logo, essa necessidade foi atendida, mas por pouco tempo. Rapidamente, parecia que estava sendo levada para longe e não queria ir. Não estava sendo segura com firmeza, portanto, não me sentia protegida ou próxima a alguém, nem estava onde queria ficar.

Testemunhei a tudo com surpresa e com certa incredulidade, mas o hipnotizador falou novamente e me tirou daquele tempo, trazendo minha mente de volta ao presente. Ele tentou acalmar a ansiedade que permaneceu comigo, falando sobre atitudes positivas e que coisas incompletas do passado deviam ser deixadas de lado. Comecei a achar que seus pensamentos eram contrários aos meus. Tinha o costume de não abandonar o passado, ou melhor, ele não me abandonava, nem podia.

Talvez, enfim, o hipnotizador ficara

ciente do sentimento de culpa que a morte de Mary me causava ou, talvez, não achasse que eu fosse capaz de encontrar a minha família da outra vida ou qualquer tipo de paz. Quem sabe até ele tenha imaginado que a minha preocupação era decorrente da falta de tranquilidade e da insegurança no início da minha vida atual.

Depois, perguntei à minha mãe sobre a posição da minha cabeça durante o nascimento e também sobre o fato de ter sido levada embora, e descobri que vira todo o processo de maneira bem precisa. Ela lembrava-se especialmente de minha cabeça sendo erguida para cima, para que pudesse ver o meu rosto. Quanto ao fato de ter sido levada embora, era o primeiro parto da enfermeira, e ela estava tão feliz porque eu era um bebê saudável e grande que me levou pelo hospital para mostrar-me a todos antes de me devolver para minha mãe. Fico imaginando se isso está relacionado à minha aversão a multidões, ao barulho e a ficar exposta a luzes.

Pesquisas comprovaram que, sob hipnose, as pessoas podem lembrar da posição de suas cabeças durante o parto. Todas as pessoas da experiência sobre a qual li tinham descrito, com perfeição, suas posições durante o parto ao pesquisador, que teve acesso aos registros de nascimento somente após a sessão de hipnose. Mas a memória pré-natal é mais difícil de ser comprovada.

O projeto começou a afetar o meu cotidiano, mas sempre tive em mente que seria assim mesmo. A profundidade das

emoções contidas nas emergentes visões do passado era extrema 70

e, às vezes, insuportável. As lembranças também estavam surgindo no intervalo entre uma e outra sessão, fornecendo informações que precisavam ser avaliadas e compreendidas.

Fiquei bastante frustrada, sobretudo porque tudo parecia progredir de maneira muito lenta. O próprio hipnotizador era lento e metódico, o que provavelmente seja um pré-requisito da profissão. Sentime como uma criança esperando pelo

Natal, sem entender o tempo que a espera implicava.

Na minha visita seguinte ao hipnotizador, ele ainda demonstrava interesse em saber mais sobre diferentes épocas. Nossa primeira regressão foi para um local mil anos atrás

- o País de *Gales na Era das Trevas.³ Alguns detalhes apareceram de maneira nítida, como o modo de se vestir e o tecido utilizado na época, o que posteriormente confirmamos ser detalhes corretos historicamente.

Essa constatação exigiu bastante pesquisa, mas foi importante na medida em que aumentou minha confiança na veracidade daquilo que presenciara durante as regressões.

O hipnotizador me levou de volta à época de Mary. Tive dificuldades, pois tínhamos voltado e avançado no tempo. A nossa intenção era conferir datas, nomes e eventos para continuarmos a conhecer mais sobre a minha vida passada. Lembro claramente um número de telefone dado como sendo o da casa dos Lett - 71 34 com alguns números antes, talvez 61 ou 6 e alguma coisa. Isso era útil, pois poderia ser checado. Mais tarde descobri que os números de telefone na

*3Modo de se referir à Idade Média, período histórico que se estende de 476 d.C. a 1453 d.C. (Nota do tradutor.)

Irlanda são compostos de três pares de seis dígitos, exatamente como falara ao hipnotizador, e que o número que dera estava correto para a área na qual achava que a fazenda se localizava, nas cercanias de Dublin.

Vi um médico que atendia a senhora Lett, como profissional e amigo.

Usava um casaco escuro comprido e um chapéu. Ele dirigia o único carro que vira até então em minha vida. Era um automóvel preto e brilhante, com rodas grandes.

Havia livros na sala de visita, em uma estante no fundo próxima da parede. O hipnotizador me perguntou sobre os títulos deles, mas não respondi. Podia enxergar um de Léon Tolstoi e outros clássicos, mas o “eu” da minha vida atual não aceitava que essas informações fossem precisas. Confusa, falei pouco, apesar de poder ver todo o cômodo de maneira perfeita.

A casa da fazenda se localizava na parte superior de uma colina com uma vista panorâmica, especialmente nos fundos, acredito que em direção ao sudoeste. Parecia lembrar também de estar interessada em alguém no terraço de um dos prédios externos. Seria essa pessoa o jovem que se tornaria o marido de Mary?

Essa sessão foi menos satisfatória do que as anteriores.

Apesar de ser fascinante visitar outras épocas e lugares, 72

familiares e outros não, me questionavam sobre a relevância disso. Essas lembranças contribuíam muito pouco para

minha verdadeira busca.

Naquele momento, o meu entusiasmo estava descontrolado, como um trem sem condutor. Sentia-me incapaz de

controlar os rompantes de emoções que agitavam meu inf consciente, consumindo a maior parte de meu tempo. Não

ponderava o fato de que as informações que possuía ainda eram insuficientes e que talvez ainda não fosse correto seguir adiante.

Ganhei uma motivação extra graças a um presente do senhor Coulter.

Falara de maneira obsessiva com ele e outros amigos nos intervalos das sessões de hipnose, lamentando a falta de detalhes em diferentes áreas possíveis de serem verificados. Após uma de suas viagens à Irlanda, trouxe-me um mapa oficial da área de Dublin, om escala de uma polegada por milha. Era muito mais detalhado que os mapas que vira até então. Não conseguia conter minha empolgação. Além da estação de trem e das igrejas estarem localizadas exatamente onde revelara, tanto durante ou depois das sessões de hipnose, os con tornos

das ruas e das estradas eram claramente aqueles que desenhara quando criança. Certos nomes pareciam se destacar para mim, sobretudo “Gay brook”, normalmente escrito como uma palavra só. Porém, o mais excitante foi ver o córrego que sempre soubera estar localizado próximo ao chalé de Mary.

Naquele momento, sentia uma necessidade ainda maior de verificar mais os detalhes e comecei a pensar como 73

poderia fazer isso. Decidi entrar em contato com alguém que tivesse o sobrenome que revelara sob hipnose, pensando, talvez de maneira pouco sensata, que este era mais exato do que imaginara. Qualquer precaução natural de minha parte fora afetada pela ansiedade causada pela espera de mais de trinta anos,

antes que pudesse fazer alguma coisa para encontrar a família de Mary Embora soubesse que alguns dos detalhes das lembranças fossem corretos, sabia que seria muito pouco provável encontrar alguém desse modo. Mas precisava de algo para me apegar, encontrar uma prova.

Então, fui à biblioteca local e retirei a lista telefônica de Dublin.

Anotei os números de telefone de várias pessoas com o sobrenome “O’Neil”

que viviam até uma certa distância de Malahide. Escolhi uma dessas pessoas e escrevi a seguinte carta:

Prezado Senhor O’Neil,

Desculpe-me pelo transtorno, mas estou tentando obter informações sobre uma família que morou bem perto do senhor. Talvez tal família tivesse o mesmo sobrenome que a do senhor, por isso pergunto se pode ter havido algum tipo de parentesco.

A família pela qual procuro morou no primeiro chalé à esquerda da estrada marcada no mapa em anexo, durante as décadas de 1920 e 1930.

Havia ao menos seis ou mais crianças e a mãe, cujo nome acredito que era Mary. Ela faleceu na década de 1930.

Atenciosamente,

Jenny Cockell

Junto à carta, enviei uma cópia do mapa das estradas que desenhara, desta vez identificando Malahide, Swords e

Gaybrook. Fiz com que a pergunta parecesse meramente de cunho genealógico, já que seria insensato de minha parte esperar uma resposta caso dissesse a verdade. A maioria das pessoas acharia muito estranho e não colaboraria.

A carta representou a explosão de todas as minhas frustrações e necessidades emocionais. Tentara ser paciente e esperar até que o hipnotizador estivesse pronto, mas a resposta estava em algum lugar. Não podia mais conter essa minha vontade desesperada e apaixonada. Essa carta foi o meu primeiro passo concreto para aceitar o fenômeno de maneira natural, diminuindo ainda mais a repressão das lembranças da minha outra vida, ao trazê-las para o primeiro plano.

4. A necessidade de uma prova

Nessa época, meu principal pensamento era encontrar os filhos e descobrir como tinham vivido após a morte da mãe. Tentativas com pouca possibilidade de êxito, como a carta, contribuía de certa maneira para esse objetivo. Logo depois, enviei cartas similares a outros O'Neil daquela região e, ansiosa, aguardei por respostas.

Inegavelmente, a força que impulsionava minha busca era muito mais emocional do que racional. O meu bom senso estava afetado pelo acúmulo de medo e conflitos reprimidos:

a instabilidade emocional da minha infância, a incerteza, a falta de confiança na relação com outras pessoas, além das tendências de me isolar do mundo durante os meus contínuos e perturbadores períodos de depressão. Em virtude disso, houve momentos nos quais, provavelmente, diminuí o progresso lógico e constante da minha busca. Ficava frustrada de maneira insuportável com o tempo que as coisas aconteciam, e me surpreendi fazendo as coisas mais estranhas apenas para fazer algo, qualquer coisa. Em outras ocasiões, um grande medo me impedia de fazer algo que pudesse me levar adiante, pois minha preocupação em causar algum tipo de sofrimento aos meus filhos da outra vida me fazia temer pelo contato que tão intensamente buscava. Constantemente, estava lutando com emoções fortes e, às vezes, conflitantes.

Entretanto, simultaneamente, meu entusiasmo estava sem nenhum controle, como um trem sem condutor. Sentia—me incapaz de conter os rompantes de emoção e os pensamentos que agitavam meu subconsciente, ocupando grande parte da minha vida cotidiana. Era como se eu fosse uma passageira numa jornada extraordinária que, uma vez iniciada, não teria fim, independente de minha vontade.

Havia uma sensação de irrealidade em tudo que estava acontecendo. Como

sempre, tinha consciência da parte do meu “eu” que era Mary, mas essa parte ocupava minha mente de um modo como nunca antes. Estava ciente também das minhas próprias necessidades, mas nunca seria uma pessoa completa sem tentar satisfazer as necessidades de Mary. As memórias de eventos da vida de Mary começaram a me visitar diariamente, tanto quanto em minha infância. Dedicava boa parte do tempo para me concentrar nos rostos das crianças e me lembrar de suas personalidades. Novamente, elas estavam se tornando familiares para mim.

Idéias e pensamentos libertados pela hipnose começaram a ficar tão próximos à superfície da minha consciência que se tornaram mais presentes, muito mais que nos anos anteriores. A divisão entre as duas vidas, a atual e a anterior, que levou tanto tempo para se desenvolver, estava ruindo. Mais uma vez, sofria o tormento de me separar das crianças. A lógica me dizia que já tinham se tornado adultos há muito tempo e tinham vivido suas vidas nas últimas décadas, mas precisava saber o que lhes acontecera, para que os deixasse crescer em minha memória do mesmo modo que tinham crescido na vida real.

Apesar de estar excitada por ter dado os primeiros passos em minha busca, tinha muitas dúvidas. Havia ainda tantas incertezas. Sem dúvida, a hipnose estava ajudando, mas até que ponto podia confiar nas informações que revelara? Sabia que, apesar de a hipnose estar revelando muitas coisas das quais nunca tinha me lembrado, essas novas lembranças não tinham uma riqueza de detalhes que acreditava ser necessária para realizar uma busca bem-sucedida. Toda vez que era hipnotizada, via muitas coisas, mas, na verdade, não conseguia me lembrar delas em palavras, normalmente porque não era perguntada sobre elas ou porque o hipnotizador me fazia a pergunta errada. Meu lado naturalmente taciturno pode ter influenciado nesse sentido. Estou certa de que as fitas devem conter muitas pausas e silêncios entre as questões e as respostas ocasionais. Se não tivesse feito deliberadamente o máximo de anotações, assim que chegava em casa das sessões, tenho certeza de que não teria avançado quase nada.

Por exemplo, em uma das sessões, vi perfeitamente um animal preso numa armadilha. Os meninos mais velhos, e talvez uma das meninas mais velhas, tinham preparado uma armadilha. Isto ocorreu bem no final da vida de Mary, pois o garoto mais velho tinha por volta de 11 anos. A armadilha era vistória todos os dias. Uma manhã, as crianças entraram correndo no chalé, falando todas juntas que tinham pegado algo. Todos correram para ver o que era e lembro que fiquei para trás, pois estava secando as mãos molhadas com um pano enquanto me juntava ao grupo. Olhei sobre as cabeças reunidas em torno da armadilha e vi uma lebre presa pelas pernas traseiras. Era um animal comprido e magro. Deve ter sido um dia fresco ou agradável, pois minhas mãos permaneciam úmidas e refrescadas, assim como o pano com o qual as tinha secado. A armadilha fora montada perto de um conjunto de árvores e plantas próximo ao chalé. Acho que a lebre ainda estava viva, mas não tinha como ter certeza. Eu “testemunhei” tudo em minha cabeça e lembrei disso mais tarde, mas sei que tudo que falei em voz alta foi:

“Ainda está viva!”

O fato de ser capaz de descrever cenas inteiras, mas sem riqueza de detalhes, foi limitado até certo ponto por algo que o hipnotizador fizera na sessão anterior. Ele queria testar minha mediunidade, em especial a habilidade de enxergar coisas impossíveis de serem vistas de maneira comum, ou de saber coisas por meio da clarividência. Ainda estava sob hipnose quando ele me trouxe de volta ao presente, mas não me despertou. Ele me pediu para me movimentar em direção ao teto e parar sobre um armário alto. Talvez ele

tivesse sido influenciado pela minha experiência extracorpórea como Mary, após sua morte, quando olhei do alto o seu marido. A sensação foi similar àquela da psicometria, na qual é possível ver através de paredes, atravessá-las e descrever o que está atrás delas.

Anteriormente, muitas das minhas descrições deste tipo tinham sido comprovadas como verdadeiras, por isso, confio na exatidão delas.

Enxerguei o armário como se estivesse sobre ele. Ele me disse que colocara algo em cima do armário e pediu-me para descrever. Vi a forma retangular da parte superior do armário, e sobre ela dois objetos quadrados e planos, cada um cobrindo um dos lados do armário. Tinham o tamanho de um disco de gramofone, só que eram mais espessos. Outro objeto que consegui distinguir foi um longo pedaço de papelão ou um tubo de papel que se estendia por toda a extensão do armário. Então, o hipnotizador me acordou e voltei a ficar consciente.

Ele esperava que eu fosse encontrar uma pequena moeda que colocara dentro de uma caixa, mas não tinha me atido a esse detalhe tão pequeno.

Os objetos quadrados com tamanho de disco de gramofone eram, na verdade, duas vitrolas. Ele não se lembrava do tubo. Tratava-se de um pôster enrolado que não podia ser visto da parte de baixo do quarto.

Como um teste de adivinhação sob hipnose, o episódio tinha pouco valor.

Porém, foi muito válido como um teste da exatidão da informação que estava fornecendo durante as sessões de hipnose, confirmando minha habilidade para descrições gerais e imagens que careciam de maior detalhamento. Senti que isso se aplicava também à regressão: podia “ver”

Mary, seu velho chalé, o vilarejo, mas não podia “ver” o nome 81

das pessoas ou das ruas, nem as datas, de forma precisa e segura.

Dos detalhes mais consistentes tanto nas lembranças que sempre tivera como nas informações que dera sob hipnose, o mais confiável era o próprio nome Mary. Tinha plena convicção que comprovaria sua exatidão.

As duas principais áreas geográficas das minhas lembranças pareciam ser próximas uma da outra e ambas eram localizadas ao norte de Dublin: a primeira era a casa dos pais de Mary e seu respectivo vilarejo, apesar de que não sabia o seu nome; e a segunda era Malahide. Pode ter havido outros lugares em sua vida, mas apenas por breves períodos.

Na casa dos seus pais, havia as lembranças do pai de Mary e de seus dois irmãos mais velhos, que saíram de casa em algum momento da sua adolescência e foram para algum lugar distante. Não sabia qual era o sobrenome deles. A casa dos Letts, próxima à residência da família de Mary, onde a vi trabalhando, só podia ser vista sob hipnose. Foi lá que vi Mary com seu marido, por volta de 1919. A idéia que ele não era um homem da região e que talvez tivesse lutado na Primeira Guerra Mundial estava presente tanto nas lembranças como nas sessões de hipnose; assim como a memória que seu trabalho envolvia madeira e lugares altos, e outros detalhes básicos de sua personalidade. Sempre que pensava sobre ele, tanto como Mary na minha vida atual ou como Mary sob hipnose, as lembranças eram as mesmas. Nos primeiros anos, eram bastante claras, mas ficavam confusas na fase final da vida de Mary, e não sabia o porquê disso. Via um rapaz bastante atraente e, nessa lembrança, havia todos os tipos de

sentimentos positivos. Entretanto, mais tarde, havia as crianças e os sentimentos diversos, sendo que o mais importante era uma sensação silenciosa de cautela.

Sempre achava que estava tentando justificar ou tolerar os seus problemas apesar de não haver mais necessidade disso. Perguntava-me qual seria a motivação que estaria por trás de minha atitude. Ele recebia atenção, mas era incapaz de se abrir e revelar suas preocupações e problemas. Mary estava preocupada com os filhos e parecia ter pouco tempo para pensar sobre ele ou talvez tivesse desistido de tentar entendê-lo. Sua atitude com os filhos, que variava da hostilidade à indiferença, poderia ter sido causada parcialmente pelo fato de os filhos receberem a atenção e o tempo de sua esposa de um modo que ele não recebia.

Mas senti que havia um outro lado de sua personalidade raramente visto e que estava lá desde o início, abafado por outras características suas.

Imaginava que efeito a guerra poderia ter tido sobre ele. Durante a maior parte do tempo, sua vida parecia ter sido um desapontamento. Ele se preocupava em trabalhar, algo que lhe dava um pouco de satisfação, acredito. Porém, ele raramente estava em casa. Quando jovem, era autoconfiante e se destacava, mas tinha se tornado um homem de poucas palavras conforme ficava menos feliz com a vida. Era mal-humorado e anti-social, não sendo uma companhia agradável em casa, apesar de talvez ser melhor quando estava com amigos.

Ainda estava muito incerta quanto ao nome que dei a ele sob hipnose. Mais tarde, o próprio hipnotizador concordou que o nome provavelmente estava errado, pois era muito

parecido com o nome do astro de cinema norte-americano Ryan O'Neal.

O chalé em Malahide sempre foi a lembrança mais consistente. De todos os detalhes que conseguia me lembrar, esse era certamente o mais confiável.

As descrições dos filhos também eram consistentes, apesar da quantidade de crianças não ser exata. Parecia haver cinco no mínimo, mas tinha certeza de que poderia haver até oito. Numa lembrança antiga que anotei, mencionei oito crianças, mas sob hipnose descrevi somente cinco. Durante as sessões, dei os nomes de quatro filhos, mas minhas respostas às questões foram tão simples que ainda tinha tantas dúvidas sobre esses nomes (James, Mary, Harry e Kathy), como tinha sobre o nome do esposo de Mary. Sentia que o bebê morto, o qual vi somente durante a hipnose, talvez no início da década de 1930, era o penúltimo dos filhos. O

açougue e a igreja tinham sido vistos somente sob hipnose.

As datas e a escala de tempo que descrevi eram tão consistentes que acreditava poder confiar nelas. Nesse caso, a morte de Mary teria ocorrido na década de 1930, quando ela estava com trinta e poucos anos.

Não sei nada sobre a família após a morte dela, o que condizia com a minha afirmação de que minhas lembranças pertenciam a Mary.

Com tamanha absorção e preocupação com o início de minha pesquisa, gastava meu tempo analisando os detalhes para saber o que podia ser feito para que descobrisse mais informações. A necessidade de novas descobertas estava

presente durante todos os dias. Havia muito pouco além disso no conteúdo das minhas conversas, uma obsessão que outros poderiam achar irritante.

De fato, me preocupava com isso, mas era incapaz de parar de pensar e falar sobre o assunto, mesmo que fosse para o bem daqueles ao meu redor.

Poucas pessoas tiveram a oportunidade de responder a um sonho, literalmente falando. Havia uma sensação de estar muito viva, em uma nova e exuberante realidade. Ainda sem me preocupar com a falta de respostas para as cartas enviadas aos vários O'Neils, comecei a procurar por coisas e perguntas a fazer. Novamente, identifiquei em mim aquela impulsividade emocional que dificilmente levaria à realização de um trabalho bem-feito e a resultados positivos.

A biblioteca se tornou um local que visitava freqüentemente. Além de conter todas as listas telefônicas da Irlanda, tinha livros de referência com endereços úteis, como o dos cartórios. Uma vez, procurei pelo sobrenome Lett. Havia várias pessoas com esse sobrenome listadas na área, mas não havia necessidade de seguir essa pista. Apesar de ser uma informação importante, não havia garantia de que o nome estava correto.

Em outras palavras, agora tinha a confirmação de que este era um sobrenome local, que Mary podia ter conhecido ou escutado, mas graças à minha inabilidade de lembrar nomes de maneira adequada, não era certo pensar que este era o sobrenome correto dos moradores da casa da fazenda.

Por meio de uma dessas visitas à biblioteca, descobri que muitos arquivos no Cartório de Dublin foram destruídos por um incêndio durante o levante de 1922. Estes 85

arquivos talvez tivessem documentos que teriam sido úteis para mim. Porém, pensei que, naquele momento, faria mais sentido tentar rastrear um documento mais recente, talvez a certidão de óbito de Mary. Ainda duvidava da exatidão dos detalhes, mas começar uma busca era melhor que não fazer nada.

Descobri que os documentos eram guardados também por padres, o que podia

ser um outro caminho a ser explorado. Portanto, tentei identificar a igreja que vira sob hipnose. Quando encontrei na lista telefônica aquela que achava ser a igreja correta, na rua principal de Malahide, escrevi uma carta ao padre da paróquia, explicando a minha busca da mesma maneira que fizera nas cartas enviadas aos diferentes O'Neils. Muito mais tarde, quando a minha carta voltou, percebi que escrevera o endereço errado. Mas, nessa época, novamente tinha muitas incertezas, sobretudo acerca do sobrenome, e senti que estava buscando agulha num palheiro. No fundo, sabia que havia uma boa chance de estar fora de foco com a informação que estava utilizando.

Enfim, pesquisei quanto custava para viajar a Dublin, o que me permitiria fazer perguntas sobre a família no vilarejo em que tinham vivido. Viajar de avião seria o modo mais rápido e o que menos atrapalharia minha vida doméstica. Sabia que seria muito caro levar a família toda, mas, ao mesmo tempo, odiava a idéia de me separar deles, o que não era surpreendente visto que toda a minha busca estava relacionada ao fato de Mary ter tido de se separar dos filhos quando faleceu. Entretanto, não tinha como pagar nem a minha própria viagem, por isso acabei deixando a idéia de lado.

Tornara-se um esforço intolerável esperar pelas cartas que talvez nunca fossem respondidas. O fato de ter ficado hiperativa neste período me deu uma falsa impressão da passagem do tempo. Enfrentava uma jornada dupla e, nos intervalos, tentava conter minha empolgação e transformá-la em atos produtivos, mas não tinha sucesso na maior parte das vezes. Minha mente queria descansar e ficar despreocupada ao mesmo tempo em que queria trabalhar e ser produtiva, mas acabava não fazendo uma coisa nem outra. Sabia que precisava encontrar a família ou tentar esquecê-la.

Lembrar e não ser capaz de encontrá-los tornar—se-ia insuportável.

Constantemente, parecia que era importante me lembrar de que havia outras pessoas como eu em algum lugar, mas os estudos bem documentados de crianças, cujas lembranças de vidas anteriores foram verificadas cientificamente, fizeram-me sentir inadequada. Quando lera pela primeira vez sobre elas, pensei se devia contatar o pesquisador, doutor Stevenson, mas senti que a incapacidade de lembrar nomes de maneira adequada indicava que ninguém se interessaria o suficiente para me auxiliar.

Em alguns dos casos, as famílias tinham sido encontradas, o que devia ter me motivado. Porém, tais casos eram apenas utilizados como prova de reencarnação. Acredito que não podemos comprovar a reencarnação simplesmente pelo passado. Além disso, as discussões não incluíam os sentimentos das pessoas envolvidas ou o modo como elas lidavam 87

com suas lembranças das vidas passadas. Sendo assim, esses casos me ofereceram pouco conforto.

Novamente, comecei a pensar como e por que tinha as lembranças de Mary, para tentar racionalizar como elas tinham se tornado minhas. Há diversos pontos de vista sobre o assunto. Alguns acreditam que elas podem ser um “eco” de uma lembrança colhida durante a época de meu nascimento. Como sempre tive muitas lembranças, para que tal teoria fosse aplicável ao meu caso, elas deviam ter surgido de maneira seqüencial, o que não aconteceu, pois apareciam de

tempos em tempos, geralmente de oito em oito anos. Portanto, não era uma teoria com a qual podia concordar e que parecia não ter muito sentido. Outra teoria corrente defende a idéia de que tais lembranças são de vidas passadas e surgem de maneira seqüencial, pois refletem a permanência de um mesmo “espírito” ou “pessoa”. Essa idéia pode ser difícil de aceitar, mas se observada de maneira totalmente lógica, sem preconceitos, é bastante crível.

A terceira e última teoria que pesquisei afirma que as lembranças são uma reunião de idéias obtidas no contato com outras pessoas e organizadas em uma espécie de “pseudomemória”. Infelizmente para essa hipótese, enquanto estava no divã do hipnotizador, nunca tive ao meu redor historiadores discutindo sobre as épocas das minhas lembranças.

Além disso, tenho pouco interesse em História e pouco conhecimento sobre o assunto. No que diz respeito às minhas lembranças, minha família não conhecia ninguém de Malahide, e ela só

começou a pensar sobre os parentes da outra vida por minha causa. Apegava-me ao mapa que desenhei na infância, provavelmente 88

a mais interessante evidência de minha vida anterior, a qual pude confirmar ao compará-lo com o mapa oficial da região. Não podia ser um mero produto da minha imaginação. É deveras improvável que estudei o mapa oficial da cidade quando era bebê. Essa hipótese tende mais a ser uma explicação inventada após o episódio, e não reflete o uso analítico da informação disponível sobre lembranças de vidas passadas.

Discutia comigo mesmo. Era minha própria necessidade de ter certeza, minhas próprias dúvidas que precisavam ser respondidas e a crescente preocupação com a família de Mary que me levavam a buscar respostas. A lembrança da minha vida passada estava agora tanto em primeiro plano que tinha uma sensação de que havia negligenciado o que deveria ter sido feito muito tempo atrás. A busca deveria ter sido realizada mais cedo.

Mas também pensava sobre o mistério do destino que me conduzira a essa busca justo na época em que tinha minha própria família e que os sentimentos para com os meus filhos faziam parte da minha experiência diária. Sentia uma enorme culpa por não ter feito jus às lembranças de Mary. Se o desejo era o de se

certificar que seus filhos estavam bem, muito tempo já se passara.

Agora, devem estar com sessenta anos ou mais, e já sabem lidar com o passado. Não conseguia ver como podia fazer alguma coisa por eles.

Apenas o pensamento que talvez a busca tivera mesmo de esperar até aquele momento amenizava a minha sensação de fracasso e inutilidade.

Tinha agora a mesma idade de Mary quando ela morreu. Já era mãe e passara por diversos problemas sérios em minha vida, o que talvez pudesse me ajudar a entender melhor a família deixada para trás. As minhas

lembranças pertenciam a uma mulher de valor e, talvez agora, pudesse me ver como alguém merecedor de carregar tais

lembranças comigo.

Na sessão de hipnose seguinte, fui conduzida novamente às profundidades da minha mente. Memórias foram arran cadas

e fragmentos retirados e expostos como papéis ao vento. Desta vez, tive mais autocrítica, demonstrando maior interesse. Estava achando tudo muito traumático e perturbador.

O toque no meu ombro me levou de volta a 1850. Então, o hipnotizador pediu-me para descrever o que podia ver. Havia um navio com três velas.

Falava com dificuldade ao tentar descrever a cena. Tentava ver tudo que era possível para que pudesse retratar a cena nos mínimos detalhes. O

hipnotizador fazia perguntas, mas minhas respostas eram insuficientes inicialmente, como sempre tende a acontecer

em sessões de hipnose profunda. Porém, consegui descrever a vida de uma moça de 15 anos chamada Jane Matthews, que vivia em Southampton.

Mencionei o nome de uma rua e dei detalhes da região portuária localizada na parte oeste da cidade. Descrevi um vendedor de flores, estivadores, marujos, um pai violento, uma pequena casa geminada com dois quartos e sem janelas nos fundos, e uma vida de fugitiva, escondida num celeiro com cavalos.

Fomos adiante novamente, chegando desta vez a 1922. Estava no início desse ano, e o hipnotizador me perguntou sobre os distúrbios sociais e políticos conhecidos como “Troubles”, que ocorreram na Irlanda naquela época, mas

não compreendi. Sempre havia problemas em algum lugar, pessoas com raiva. Ele me pediu para ver as coisas como se as observasse de fora, como se estivesse assistindo a um filme, mas não era capaz de fazer isso. Apenas conseguia ver as lembranças pelos olhos de Mary. Na verdade, vivia a memória. Não a via apenas como se fosse uma espectadora.

Ele me perguntou sobre os Letts, mas eu sabia pouco. Disse que achava que eles tinham se mudado. Ele me perguntou sobre a mudança, esperando obter alguma informação relacionada às turbulências políticas na Irlanda daquela época. No entanto, como Mary no estado mental dividido no qual me encontrava sob hipnose, não consegui responder. Mary era muito provinciana, e estava mais preocupada com sua família e seus próprios problemas.

O hipnotizador me perguntou então sobre a igreja em que meus filhos tinham sido batizados. Não consegui dar um nome. Havia algum problema com um padre, não tinha certeza sobre isso. Porém, havia um nome em minha mente:

Michael. Esse foi um dos pontos que me levaram, posteriormente, a questionar a validade das descrições e informações obtidas sob hipnose.

Meu irmão mais velho chamava-se Michael e era um padre da Força Área Britânica (RAF), morto num acidente aos 34 anos. Portanto, pensamentos sobre ele e sua atuação como padre deviam estar armazenados em meu subconsciente, sobretudo porque a perda não era uma experiência com a qual eu soubesse lidar de maneira adequada. Não tinha como saber onde estava a verdade.

Na seqüência, vieram perguntas sobre o chalé. O nome da estrada onde se localizava a residência começava com a 91

letra s - algo como “Salmons”. O chalé foi alugado de um homem cujo apelido era Marc. Outras imagens surgiram que pareciam indicar que ele trabalhava no litoral. Não tinha certeza se Marc tinha outras propriedades. Houve muitas questões

sobre diversos assuntos, algumas que teria sido capaz de responder na minha vida atual, mas, como Mary, não conseguia. Isso era bastante confuso e me

deixava perplexa.

Fui orientada a buscar a lembrança mais alegre da vida de Mary.

Imediatamente, vi o nascimento de seu primeiro filho. O hipnotizador tinha esperado o quê? Fiquei imaginando. Ele me fez mais perguntas, algumas bobas, o que causou impaciência e uma pequena dose de sarcasmo nas respostas.

Mais uma vez, o hipnotizador me conduziu para trás no tempo, desta vez para 1650. Havia um amplo celeiro e tinha consciência de estar observando homens trabalhando e a poeira no chão, mas era totalmente incapaz de entender o que estavam fazendo. Era realmente impossível entender o que acontecia, era um nível de incompreensão anormal. Havia uma sensação de isolamento, de algo errado e uma dificuldade de comunicação. Era um garoto de aproximadamente dez anos, mas que tinha uma sensação estranha de estar sozinho. Talvez fosse surdo ou autista, pensei mais tarde. Fui retirada desse tempo antes que fosse possível entender mais sobre o que estava acontecendo. Era difícil me comunicar com o hipnotizador, e ele não tinha como saber que eu estava vendo algo mesmo não sendo capaz de falar ou de fazer descrições.

Despertar era sempre complicado. Havia ainda muito a discutir, mas pararia as sessões de hipnose por alguns

meses. Isso era frustrante, no que se refere à busca, e, ao 92

mesmo tempo, uma espécie de alívio. O hipnotizador achava que devia evitar me envolver demais na experiência. Num primeiro momento, queria negar que a hipnose fosse desgastante, mas depois percebi o quanto estava envolvida e afetada pela experiência.

Por sentir que precisava fazer alguma coisa, dei continuidade à minha pesquisa sobre a família de Mary. Telefonei

para o primeiro senhor O'Neil para quem escrevera, já que não sabia como lidar com a falta de respostas. Pressionar as pessoas não fazia parte de minha natureza, portanto me senti desconfortável, mas ele demonstrou bastante interesse pelo assunto, além de ser bastante prestativo.

“Ah, sim, temos perguntado para outras pessoas e descobrimos que havia uma família na estrada para Dublin que

talvez seja a que você está procurando”, disse.

“A estrada para Dublin?”, respondi. “Não, estou certa de que a família que estou procurando vivia na estrada para Swords, como está indicado no mapa que enviei.”

Ele disse que não podia localizar as estradas no mapa, mas se ofereceu para pesquisar. Senti que, se ele faria algo por mim, tinha de ser honesta sobre a causa de minha busca. Então, em resposta à sua questão sobre minha relação com a família, disse que era algo estranho e difícil de explicar, que o mapa e outros detalhes eram frutos, em parte, dos sonhos que tivera desde a infância.

Ele ficou silencioso por alguns momentos e disse: “Você está brincando comigo!”.

Sentime extremamente constrangida e boba, mas consegui explicar que, até o momento, algumas coisas tinham sido comprovadas, como o mapa.

Também falei sobre o bebê, a penúltima criança, que morrera no parto.

Ele foi paciente e ouviu, mas obviamente tinha suas reservas quanto ao assunto.

O telefone nunca foi o meu meio favorito de comunicação. É muito mais fácil analisar situações e respostas frente a frente com as pessoas, adaptando explicações de acordo com o contexto. Escrevera cartas justamente porque sabia que, no papel, era mais fácil ser cautelosa sobre o que dizia. Agora, ao telefone com o senhor O'Neil, não fui cuidadosa o bastante e tinha começado a falar sobre Mary, esquecendo que se tratava de algo extraordinário.

Comecei a me sentir paranóica. Devia ter antecipado a reação do senhor O'Neil, já que não recebera nenhuma resposta para as outras cartas que enviara. Imaginava todas as pessoas para as quais escrevera em Malahide se reunindo e decidindo que tudo parecia tão bizarro para merecer qualquer tipo de resposta. O que podia ameaçar uma pesquisa mais aprofundada.

Porém, um dia depois, o senhor O'Neil me ligou de volta. Ele olhara novamente no mapa desenhado à mão e o comparara a um mapa oficial das ruas de Malahide. Descobrira que meu mapa estava mais correto que ele imaginara, visto

que tinha sido desenhado a partir de sonhos. Novamente, ele se ofereceu para ajudar e me senti melhor por ter sido honesta com ele. Saber que, após a dúvida inicial, ele percebera que podia haver algum fundo de verdade na minha busca me deu confiança para prosseguir.

Sabendo da existência de um mapa oficial das ruas de Malahide, escrevi diretamente para o Departamento de Turismo da Irlanda. Em pouco tempo, estava olhando para um mapa bastante detalhado do vilarejo, e tudo que sabia sobre o local ganhou um destaque ainda maior. Como anteriormente, a ferrovia e as igrejas estavam marcadas. Na verdade, a rua com a igreja e o açougue que vira durante a hipnose se chamava Church. A rua principal que se estendia do leste ao oeste chamava-se The Mall.

Depois, passava a se chamar Dublin, que continuava ao sul em direção à cidade. O cais na foz estava claramente visível e Gaybrook, um nome que significava algo para mim, apesar de não saber o porquê, localizava-se justamente onde fora o chalé.

O melhor de tudo era que agora tinha o nome da estrada de Mary, não era Salmons, mas Swords. Um nome bastante óbvio na verdade, pois a estrada levava ao vilarejo de Swords. De qualquer maneira, era um grande passo adiante, o que me deu muita esperança porque, apesar de se tratar apenas de uma aproximação, no sentido de o nome começar também com s, era o mais perto possível que alguém consegue chegar quando tenta se lembrar de nomes.

Agora, via como toda a minha abordagem para encontrar a família podia mudar de direção. Em vez de me apoiar no sobrenome da família, sobre o qual não tinha certeza, seria muito melhor começar de novo e tentar encontrar a família que vivia no primeiro chalé à esquerda na estrada Swords. Se, quando os encontrasse, a história de sua família fosse 95

parecida com as minhas lembranças, podia verificar se as lembranças deles coincidiam com as minhas. Era fundamental estar certa, pois as semelhanças tinham de ser muito fortes para que eu ou a família ficassemos satisfeitas: sem a garantia do sobrenome correto, tudo precisava se encaixar de modo que não houvesse dúvidas.

Utilizando apenas as lembranças da minha infância, primeiramente queria descobrir quem tinha vivido no chalé, há cinquenta anos e, só então, ir adiante

com bastante cautela, passo a passo. Como não podia fazer essa pesquisa pessoalmente, tinha de pensar num meio de fazer perguntas a distância, e também para quem devia perguntar.

Em primeiro lugar, compilei todas as minhas dúvidas que podiam ser facilmente respondidas, fazendo uma espécie de questionário que incluía as informações obtidas com o mapa de ruas e estradas, pois obviamente este tinha muito mais ruas e estradas do que as indicadas no mapa que desenhara na infância. Acreditava que as ruas próximas à estrada Swords eram de casas planejadas. Será que tinham aterrado o pântano?

Esperava encontrar alguém que se dispusesse a ir atrás das respostas.

Mas nunca gostei de pedir às pessoas que fizessem coisas por mim. Assim, a lista ficou o mais curta e simples possível. Se eu conseguisse algum tipo de pista, poderia fazer o trabalho sozinha. Pensei sobre quem poderia responder algumas das questões: sociedades históricas locais, o Rotary Club, ligas femininas, o conselho regional ou talvez pudesse encontrar um voluntário. O questionário ficou assim:

Talvez não seja possível responder a todas as questões, mas qualquer resposta será útil.

1. Ainda há um chalé no local indicado no mapa em anexo?
2. Caso haja um chalé, qual seria a idade aproximada da construção?
3. Existia um chalé neste local na década de 1920?
4. Se existia, é possível descobrir o nome da família que vivia nele na época?
5. Pelo estilo arquitetônico, é possível afirmar que as áreas residenciais citadas abaixo foram construídas antes ou após a década de 1940?

Seabury

Millview Lawns

Ard Na Mara

6. Se for possível, você poderia obter qualquer informação sobre uma família que talvez tenha vivido neste chalé, enviando-me o que conseguiu quando devolver esse questionário? Acredito que existia entre cinco e oito crianças e que a mãe, Mary, faleceu em algum momento da década de 1930.
7. É possível obter uma descrição das três igrejas de Malahide?

Agradeço por qualquer contribuição que possa dar à minha busca. Sei que algumas das perguntas exigem mais trabalho do que o normal, portanto, não espero que tudo seja respondido.

Enquanto decidia para quem enviar os questionários

escrevi um anúncio para o suplemento irlandês da revista Mensan,, a qual era afiliada desde 1988. Ficou assim: “Precisa-se de ajuda para uma busca incomum na área de Malahide”.

Conforme minha empolgação crescia, parecia que estava chegando enfim a algum lugar, tornei-me mais resistente à idéia de ser hipnotizada novamente. Com a proximidade da data da nova sessão, sentia que realmente não queria passar por aquilo de novo. Como seria a última sessão, percebi que era necessário verificar as respostas para saber se eram as mesmas, mas ainda sim continuava reticente. A pesquisa não estava perto do final. Na verdade, mal tinha começado, mas podia ter continuidade sem a necessidade da hipnose. Comecei a ver as sessões como uma provação e questionava-me se seria uma boa idéia persistir com elas.

No entanto, a sessão já fora marcada, e sabia que essa etapa da pesquisa precisava ser finalizada para ter algum valor. A pausa me dera oportunidade de me distanciar um pouco e ser realista sobre o efeito que a hipnose tivera sobre mim.

Surpreendentemente, percebi que estava mais tranqüila que o normal, apesar dessa última sessão ter sido confusa. Tratava-se de rever datas e nomes, assim havia muitas mudanças temporais e espaciais. A maioria dos nomes era igual, mas havia algumas alterações - o bastante para me fazer duvidar dos nomes de modo geral. Após a sessão, minha principal preocupação foi se estava apenas recordando o que dissera antes em outras sessões ou se estava realmente tendo lembranças da vida passada.

Quando tudo acabou, senti que me encontrava no mesmo ponto antes do início das sessões de hipnose. Tinha uma

família para encontrar, que vivia num local determinado, e de cuja história de vida tinha detalhes. Porém, não sabia nomes confiáveis ou um sobrenome definitivo.

Talvez a maior dificuldade da hipnose foi o fato de querer descobrir mais sobre Mary, enquanto o hipnotizador estava interessado em pesquisar a regressão hipnótica em si. O resultado de qualquer empreitada em que há um conflito de interesses, mesmo quando as pessoas envolvidas estão tentando ajudar umas as outras, é que ninguém sai completamente satisfeito. Não posso negar que me apeguei à possibilidade da hipnose como uma desesperada: parecia que era uma oportunidade imperdível e de extrema importância. Foi uma experiência da qual não quero esquecer, apesar da falta de informações concretas, como o caso do sempre misterioso sobrenome. O fato de que outras memórias também foram analisadas foi interessante e benéfico.

A busca pela família de Mary ainda precisava se basear nos detalhes que me acompanhavam desde a infância. Teria 100

sido possível levar a pesquisa adiante sem a hipnose, apesar de que alguns detalhes que descobri me ajudaram a enriquecer minhas lembranças e alguns foram muito úteis para confirmar que realmente sabia de coisas sobre a família que nenhuma pessoa estranha tinha como conhecer. A hipnose também foi importante para aumentar a minha motivação e confiança, sem as quais a busca

talvez não tivesse sido possível.

Ainda não recebera nenhuma resposta às cartas que enviei aos outros O'Neil, nem do cartório de Dublin. Contudo, encontrei-me com uma pessoa da qual o senhor Coulter falara - Colin Skinner, um amigo que estava estudando Teologia em Dublin. Anteriormente, fora professor de História com um forte interesse na história da Irlanda. Ele estava muito interessado em ajudar de alguma forma. Levou para Dublin uma cópia do mapa que desenhei à mão, todos os detalhes que sabia sobre a família e sobre onde ela vivera, e o questionário. Também dei-lhe a descrição e o desenho da igreja sobre a qual falara sob hipnose. Aquela que tinha uma grande torre e pedras ardósias na parte superior. Ainda achava que este era o local onde os registros da família estavam guardados.

O senhor Skinner me perguntou se podia usar as minhas lembranças como parte de seu trabalho de conclusão de

curso, visto que apresentavam pontos de interesse teológico. Isso não me incomodou, pois sempre aceitei que há diversos pontos de vista e respostas para qualquer tipo de situação. O fato de analisar as minhas lembranças e discuti-las a partir

de seu ponto de vista só podia ser benéfico, mesmo que suas idéias fossem totalmente opostas às minhas.

Também achei que seria uma boa idéia dividir minha pesquisa com alguém, visto que uma verificação independente deixaria menos espaço a enganos ou a interpretações equivocadas, já que ainda estava muito insegura sobre muitos detalhes; questionando-me se realmente tinha informações suficientes para prosseguir de maneira adequada.

A confiança de outras pessoas em mim ajudava, mas também aumentava meu sentimento de responsabilidade de realizar a busca de maneira correta.

Às vezes, parecia que a realidade da minha vida atual era tão frágil como a das lembranças da outra vida.

Então, recebi uma resposta ao anúncio na revista da associação. Uma jornalista freelance de Swords, a cidade mais próxima de Malahide, respondeu, dizendo que costumava fazer pesquisas e que não havia problemas de fazer mais uma. Escrevi a seguinte carta em resposta: Querida ,

Obrigada por me oferecer sua ajuda. Primeiramente, peço desculpas por não poder pagá-la adequadamente, apenas poderei cobrir pequenas despesas.

Estou à espera de respostas para o questionário em anexo, em busca de uma família que vivia em Malahide. O fato de eu não ter ainda o sobrenome desta família torna tudo mais difícil.

Antes de pedir que faça qualquer coisa, preciso ser honesta, explicando por que a pesquisa é incomum, pois talvez você 102

preferirá não se envolver. Trata-se de uma “pesquisa de lembranças de vida passada”

Se você realmente quiser ajudar, estou disposta a me explicar de maneira mais detalhada, caso haja necessidade.

Obrigada,

Jenny Cockell

Nunca mais recebi notícias suas.

O tempo passou, pouco progresso estava sendo feito e havia quase nenhum retorno dos novos contatos e nada daqueles para os quais escrevera. Ainda era possível que estivesse pesquisando da maneira errada ou que estivesse me baseando demais em informações obtidas durante a hipnose, o sobrenome dúbio, por exemplo. Na verdade, era preciso entrar em contato com alguém que tivesse vivido em Malahide por muitos anos e pudesse lembrar os nomes das famílias que lá viveram entre as décadas de 1920 e 1930. O certo era ir pessoalmente lá, mas naquela época não tínhamos condições financeiras nem para sair de férias, portanto, tal visita estava completamente fora de cogitação.

A espera foi totalmente frustrante e depressiva, mas teve também seu lado positivo. Depois de tantos anos de espera nos quais não fui capaz de fazer nada a respeito, a busca tinha começado: tudo tinha sido trazido à tona e as lembranças surgiram em grande número, colocando todo o resto em

segundo plano. E, como os problemas pareciam ficar mais simples após uma boa noite de sono, o tempo funcionou como cura, dando-me uma visão melhor sobre as lembranças,

que tinham se acomodado em minha vida em um nível mais consciente, e não eram mais tão perturbadoras como tinham sido durante as sessões de hipnose. Pude lidar melhor com a espera. Não desistiria e pensaria em todas as maneiras possíveis de terminar a minha busca, enquanto isso, me sentia mais capaz de levar adiante meu dia-a-dia.

No entanto, apesar de meu otimismo, o ano de 1988 chegava ao fim, comecei a diminuir o meu ritmo. A hiperatividade, assim como o estresse causado pela hipnose, tinha me desgastado muito. Meu metabolismo ficou mais lento e, com a chegada do inverno, entrei praticamente em hibernação. Sabia que, por muitos meses, pouco poderia ser feito, pois não teria energia ou entusiasmo enquanto não me livrasse dessa depressão. Não me sentia tão mal há anos. No

final, pela primeira vez na minha vida, tive de recorrer à química dos remédios. Atingira o fundo do poço.

5. Enfim, Malahide

Quando estava começando a achar que a vida era um poço sem fundo de tristeza, e que todos os meus planos eram impossíveis de atingir, algo mudou. Em janeiro de 1989, do nada, ofereceram-me muito mais trabalho, já que um quiropodista profissional estava se mudando da cidade. Tentava obter mais trabalhos e, assim, aumentar meus ganhos, mas tudo tinha progredido muito devagar até então. Ainda tinha um emprego de meio período no serviço de saúde, mas precisava aumentar a minha clientela particular. Agora, de repente, tinha uma chance de dar um passo adiante.

Em poucos meses, nos quais minha depressão diminuiu lentamente e meus ganhos cresceram, uma coisa ficou clara:

teria condições financeiras para viajar a Malahide. Após conversar sobre a viagem com o meu marido, reservei o dinheiro e planejei a viagem para o primeiro final de semana de junho. Com bastante antecedência, comprei passagens aéreas promocionais, vôo para Dublin partindo do Aeroporto de Luton na sexta-feira, dia 2, às 18h30; e voltando às 16h30 no domingo, dia 4. Reservei um quarto num hotel econômico, The Grove, na zona leste de Malahide; que fazia parte de uma lista enviada pelo Departamento de Turismo da Irlanda junto com o mapa de ruas. Na prática, eu passaria menos de dois dias em Malahide, pois não tinha condições para ficar mais e, de qualquer maneira, não queria ficar longe de minha família por muito tempo.

Enfim, visitaria o lugar onde Mary vivera e onde eu vivera em minhas lembranças. Teria a oportunidade de confirmar algumas informações e detalhes. Tinha imagens em minha mente que me acompanhavam desde a infância, além de ter ganho lembranças adicionais e conhecimento com as sessões de hipnose. Agora, poderia ver tudo com os meus próprios olhos.

Apesar de ser um fator decisivo, não foi apenas o dinheiro que me impedira de ter ido antes, mas também como justificar o gasto. Tinha de acreditar em mim o suficiente. Os sentimentos que me dominaram nos últimos anos desde o nascimento de meus filhos, e a hipnose realizada no ano anterior, tinham sido fundamentais para que eu pudesse aceitar que esta não se tratava de uma busca insana. Apesar dos problemas de saúde, conforme fiquei mais confiante, a minha busca ganhou força. De repente, tudo passou a ter sentido:

os meses de tentativas, esperas em vão, frustração e depressão. Sentia que foi preciso tudo ter acontecido para criar a 106

motivação suficiente para que desse esse imenso passo em termos psicológicos e financeiros.

Apesar da brevidade da visita, os potenciais resultados benéficos eram evidentes. O principal era que poderia procurar por detalhes específicos e locais importantes das minhas lembranças antigas ou das que tinham sido descritas sob hipnose. Além disso, o fato de estar lá podia despertar em mim novas lembranças, tornando o quebra-cabeça mais completo e, dessa maneira, auxiliando-me na busca pela família de Mary.

Também seria capaz de fazer fotografias que poderiam ter alguma utilidade no futuro. Inclusive, poderia encontrar alguém da minha outra vida...

Sabia que um final de semana era muito pouco. Por isso, tive de escolher as prioridades, na expectativa de pelo menos verificar os detalhes mais importantes. Não sobraria tempo para pesquisar registros, documentos ou nomes. E obviamente ainda não estava certa se o sobrenome era O'Neil mesmo. De qualquer maneira, locais que pudessem guardar documentos, secretarias municipais, bibliotecas locais, etc., provavelmente estariam fechados no final de semana.

Por várias vezes, surpreendi-me pensando nos lugares que precisavam ser vistos e descritos. Escrevi inúmeras listas. O chalé na estrada Swords era a primeira prioridade, pois ocupava uma posição de destaque em minhas lembranças. Comecei até a ter sonhos sobre o chalé, que teria sido derrubado e do qual restavam apenas as fundações, escondidas sob limo e grama. O curioso é que, nesses sonhos, estava sempre acompanhada por outras pessoas. Nunca estava

sozinha.

A igreja na rua Church era o segundo lugar mais nítido em minha mente.

Esperava compará-la com a imagem mental que tinha e com o desenho que fizera na infância e copiara para o estudante de Teologia. O açougue, o cais e a estação de trem eram outros elementos de meu conhecimento mental de Malahide. O restante do vilarejo pareceria familiar para mim?

Esperara toda a minha vida para poder fazer essa viagem, curta demais segundo a opinião de várias pessoas. Temia

o fracasso ou o desapontamento, mas também o sucesso. Percebi que o sucesso poderia trazer seus próprios problemas e preocupações para mim e para a família, caso esta fosse encontrada. O que pretendia conseguir eram respostas parciais e limitadas, mas também muitas perguntas novas. Tinha de evitar me deixar consumir por muita esperança ou expectativa.

O estresse pode causar doenças físicas. Durante a semana da viagem, minha dor de coluna voltou, e, por muitos dias, só consegui rastejar por poucos metros, pois era impossível ficar de pé. Como o final de semana de Malahide exigiria muitas caminhadas, cheguei a pensar que precisaria cancelar a viagem. No entanto, após uma dolorosa noite passada em branco, durante a qual fiquei a maior parte do tempo forçando minha coluna sobre o chão duro, consegui voltar a andar novamente.

Isso aconteceu na quinta-feira, um dia antes do vôo.

Alguma coisa estranha ocorrera enquanto estava deitada no chão: o cansaço e a dor tinham feito com que ficasse num 108

estado de espírito estranho, um tanto distanciado. Senti que se era para ir à Irlanda, conseguiria ficar de pé pela manhã. Se não pudesse levantar, teria de aceitar que a viagem não devia acontecer e que a busca pelos filhos de Mary não

deveria seguir adiante. Portanto, quando descobri que conseguia ficar de pé novamente, entendi isso como uma confirmação de que estava fazendo a coisa certa.

Naquele dia, peguei alguns remédios com o médico e, no dia seguinte, tratei-me com um fisioterapeuta, que fez com que eu fosse capaz de andar um pouco. Não falei para ambos que pensava em viajar à Irlanda para passar o final de semana. Depois de me exercitar um pouco, conseguia carregar uma pequena mala e permanecer sentada por um tempo. Não me sentia completamente recuperada, mas não perderia a oportunidade.

O vôo atrasou. Não viajava de avião há 16 anos, e esquecera como era ter de esperar por informações sobre os vôos num aeroporto lotado. No meu nervosismo e empolgação, comecei a conversar com o rapaz que estava ao meu lado. Que bom que ele estava feliz em conversar, pois do contrário poderia ter estragado sua viagem. Não acreditava que enfim estava viajando, e queria compartilhar com alguém que pudesse escutar os sentimentos e emoções que se agitavam em minha mente: externar as nossas idéias torna mais fácil colocá-las em perspectiva.

O motorista de táxi do aeroporto de Dublin não tinha a menor idéia onde ficava o hotel ou a estrada. Assim, tive de orientá-lo usando o guia de ruas. Malahide não ficava muito longe do aeroporto e a corrida de táxi durou apenas

dez minutos. Primeiro ele foi até Swords, virando à esquerda em direção a Malahide, atravessando a mesma estrada na qual sentia que a família de Mary vivera. Era uma tarde chuvosa e sem graça, mas isso pouco importava para mim, pois estava muito empolgada pela viagem. Conforme passamos por uma pequena ponte (sobre a corrente da qual me lembrava?), tentei ver se havia alguma construção antiga que pudesse ser o chalé que tanto desejava encontrar. Vislumbrei rapidamente um chalé, no lado direito da estrada cuja localização e estilo coincidiam com o das minhas lembranças. Mas tive pouco tempo para olhar pela janela molhada do carro enquanto o perdíamos de vista.

Já era crepúsculo quando o táxi chegou ao hotel. Quando tomei café e comi uns sanduíches, a noite já caíra sobre a cidade. Assim, apesar de meu grande entusiasmo, seria inútil tentar fazer algo de noite. Fui para cama, mas dormi muito pouco. Enfim, estava em Malahide!

Na manhã de sábado, levantei bem cedo. Não encontrei nenhum funcionário do hotel e, como não desejava incomodar ou esperar que acordassem e abrissem a porta da frente, saí pela porta lateral. Ela se trancou automaticamente, portanto, sabia que teria de esperar um bom tempo se quisesse voltar para dentro do hotel. Com uma mochila nas costas levando sanduíches, câmera fotográfica, um bloco de notas e um mapa, comecei a andar com disposição. O local das minhas lembranças mais próximo era o cais, assim, saí da rua Grove e entrei no James Terrace.

Descobri que o cais era bem recente, mas podia ter sido construído para substituir um mais velho. Era feito de concreto, enquanto o cais das minhas lembranças era feito de madeira. Um pequeno barco de pesca estava por lá e um pescador buscava por alguma coisa em potes. A costa fazia uma curva à oeste, distanciando-se da foz em direção ao mar aberto.

Sentia uma sensação de familiaridade e, apesar de lutar para continuar sendo objetiva, sabia da necessidade de comprovar certos detalhes.

Enquanto fiquei lá, lembrei-me, novamente, de esperar ao entardecer, envolta num xale preto, sentindo o vento frio do mar soprar em minha direção. Ainda não conseguia lembrar por quem estava esperando.

Freqüentemente, refletia e chegava à conclusão que talvez o pai de Mary ou o seu marido estavam no mar, mas esse pensamento não era muito consistente. Pensara

que, se o marido fosse um marujo ou um pescador, isso explicaria por que se ausentava por longos períodos. Mas, enquanto estive lá, essa idéia parecia não estar correta e comecei a pensar que não aguardava por ele.

Era importante não interpretar as lembranças, mas apenas aceitar os fragmentos como eles eram e tentar encaixar as peças quando as partes faltantes surgissem.

Quando olhei para a rua, ficou claro que ainda havia um açougue no mesmo local. Era feito de tijolos e aparentava ser antigo, sem dúvida, o suficiente para ser o mesmo açougue da época das lembranças. A fachada tinha sido reformada, mas a reforma estava começando a ficar gasta, e era possível ver o acabamento antigo por baixo. As velhas janelas tinham sido trocadas por peças maiores e mais modernas, mas fora

isso parecia ser o mesmo açougue. Quando perguntei aos funcionários do açougue quantos anos tinha o estabelecimento, disseram-me que tinha ao menos sessenta anos.

De repente, minha empolgação e otimismo cresceram ao extremo com a confirmação de que o açougue estava lá na época de Mary e com o simples fato de que descrevera o lugar e sua localização de maneira correta, além de tê-lo reconhecido. Não esperava encontrar nada tão exato como isso. Talvez tivesse me acostumado a não ser capaz de fazer nada para localizar a família, e o meu nível de expectativa tivesse caído muito.

Mas, agora, estava olhando para um prédio real que, até aquele momento, tinha visto apenas em minha mente. Sentime aliviada.

Enquanto fiquei lá, com o coração batendo forte e a adrenalina correndo em minhas veias, tive lembranças de Mary fazendo compras. Não sei por qual razão me lembrava do açougue, pois Mary nunca tinha dinheiro suficiente para comprar carne. As carnes que comíamos eram geralmente de coelho ou de pássaros selvagens capturados em armadilhas que as crianças colocavam no campo. Conforme fui acometida pela lembrança de fazer um cozido com mais batatas do que carne, senti medo que a comida não ficasse pronta a tempo. A tempo de quê?

Apagando essa lembrança - por que ter medo?, decidi andar pela rua Church para ver se conseguia reconhecer a igreja. A primeira das três que tinha para verificar ficava na parte oeste, do mesmo lado do açougue. Enquanto andava, senti uma forte sensação de que esta era uma rua muito freqüentada por Mary. As construções mais antigas pareciam 112

bastante familiares. E quando cheguei à própria igreja, parei, enfeitiçada.

Sob hipnose, tinha dado uma descrição detalhada do exterior do prédio, inclusive tinha feito até um desenho, mas, graças à minha usual falta de confiança, pensara que só haveria uma pequena semelhança. Mas diante dos meus olhos estava a grande torre que descrevera, com pedras ardósias na parte superior e dois pilares em cada lateral com uma pedra em cima. E, à frente da igreja, havia uma placa de aviso. Não era a antiga feita de madeira da qual me lembrara, mas provavelmente devia ser uma mais nova colocada na mesma posição. As partes da igreja que não descrevera estavam longe da estrada, e só ficavam visíveis quando se entrava no prédio. Isso aumentou minha sensação de que este era um

local pelo qual Mary passava sempre em frente, mas não freqüentava. Mas onde Mary costumava ir? Até onde conseguia lembrar, ela não tinha muito interesse religioso.

A igreja, Saint Andrew, era uma Igreja da Irlanda, como esperava, e portanto não era a freqüentada por Mary, e nem onde estariam os registros da família. A extremidade da torre vista da rua era como uma frente falsa. Sem dúvida, tratava-se

de uma adição arquitetônica pouco comum que, como foi descrita, desenhada detalhadamente e teve sua posição marcada em mapas por mim, representava uma verdadeira confirmação da exatidão de minhas lembranças. Vibrava de empolgação. Agora podia aceitar muito mais os detalhes do que aceitara até então. Podia ficar mais relaxada, pois os sonhos, as lembranças e as imagens libertadas pela hipnose demonstravam-se reais, assim, havia uma forte possibilidade de conseguir encontrar as crianças.

Não agüentava esperar pela hora de ir à estrada onde ficava o chalé. Sem pensar, virei à esquerda, subconscientemente querendo usar um atalho que sabia que ficava lá. Mas conforme olhei na lateral da igreja, percebi que as coisas tinham mudado. Havia um portão fechado, com uma casa mais ao fundo, no que parecia ser uma propriedade particular.

Duvidei que ainda se tratava de uma via pública. Assim, tive de voltar à rua Church para visitar as outras igrejas e a estação de trem no caminho para a estrada Swords.

A primeira igreja que vi foi a católica, Saint Sylvester, uma construção grande, imponente e ornamentada, com jardim e uma vasta entrada. Como sempre pensei que Mary fosse católica, esperava reconhecer a igreja, mas não reconheci. Lembro-me de caminhar para a igreja como Mary e das pessoas, portanto, talvez o local tenha sido menos importante do que o evento em si. De fato, parecia que tinha uma lembrança de estar de pé em frente de uma igreja antes de ir à missa, o que pode ter ocorrido lá.

Não havia espaço em frente da igreja Saint Andrew para a quantidade de pessoas que me lembrava terem se reunido no local.

Permaneci, hesitante, em frente da igreja onde sabia que Mary rezava.

Queria entrar e, obviamente, deveria ter feito isso, mas uma série de fatores me impediu. O local não era grande, as pessoas estavam entrando e saindo em um fluxo constante e, francamente, me senti intimidada e deslocada. De qualquer maneira, o padre devia estar bastante ocupado.

Aquela igreja pertencia à minha vida passada, eu não compartilhava mais daquela fé e sentia que a verdade das minhas lembranças não podia ser aceita aqui, pois, no século VI, o Catolicismo passou a considerar como heresia a crença na reencarnação. Na minha desesperada necessidade de respeitar as crenças das outras pessoas, sentia que não seria bem-vinda lá.

Sabendo que talvez estivesse perdendo uma ótima oportunidade, virei e caminhei pela The Mali em direção ao ponto onde esta passava a se chamar rua Dublin. Passei pela estação de trem, cuja visão não me causou nenhuma surpresa: era como descrevera, distante da estrada. Não havia um sentimento forte de familiaridade aqui, apenas um sentimento de estar certa. Poucos metros à frente, a terceira igreja era um prédio pequeno e muito bonito, distante da estrada, de fé Presbiteriana. Era uma igreja nova e, certamente, não estava lá na década de 1920.

Agora, enfim, podia tentar encontrar o chalé. Andei quase três quilômetros em direção ao início da estrada Swords, onde sabia que se encontrava o chalé. O começo da estrada era bastante parecido com as minhas lembranças, pelo menos do lado esquerdo. A parte norte, no lado direito, estava repleta de novas residências, sendo que a mais velha, provavelmente, deve ter sido construída por volta de 1950. Não esperava pelo

posto de gasolina na esquina. O lado esquerdo da estrada estava ocupado por antigos arbustos e árvores ao longo de mais ou menos cem metros, então a estrada se alargava e havia novas residências construídas, provavelmente, na década de 1960.

Após essas casas, havia mais arbustos e, com isso, senti—me mais confortável. Atrás dos arbustos, havia muitas árvores e, no meio delas, ruínas de um velho muro de pedra. Este não era mais da mesma altura daquele que me lembrava, e suas partes eram pequenas e estavam em ruínas. Havia uma pequena entrada, no formato de um portão, com restos de pilares de pedra, mas fiquei confusa com as mudanças e me senti insegura. Posteriormente, refleti que isso era o que restara, mas, naquele dia, ainda procurava com a expectativa de encontrar o chalé de pé. Por certo tempo, permaneci ao lado dessas ruínas, tentando lembrar se esse era mesmo o local, mas minha mente não sabia lidar com as diferenças entre o que lembrava e o que estava lá naquele momento.

Geralmente, o caleidoscópio das minhas lembranças continha uma imagem detalhada e aparentemente completa do chalé e de seus arredores, mas, na realidade, não havia nada. Senti um sentimento angustiante de desapontamento. Talvez, meus sonhos sobre as fundações do chalé tinham me falado a verdade.

Do outro lado da estrada, havia um arbusto antigo e um campo alagado, talvez este fosse muito encharcado para ser aterrado e servir de terreno para a construção de uma casa. A corrente d'água ainda atravessava este campo, portanto sabia que estava no lugar correto, já que a corrente sempre esteve à oeste do chalé. Fiquei grata por isso, desejava 116

muito ver coisas que pudesse reconhecer. Fiquei olhando para o fio d'água no qual a corrente se transformara, e meus pensamentos se voltaram às crianças, sobretudo, à filha mais velha que sempre auxiliava Mary com paciência e boa vontade, buscando água de um poço, por exemplo.

Senti aquela sensação familiar de ansiedade por ela: será que foi obrigada a assumir o papel de mãe após a morte de Mary, desistindo assim de seus estudos e de buscar uma vida melhor?

Com esperança, atravessei a ponte sobre a corrente e me aproximei da velha residência que vislumbrara do táxi na noite anterior. Parte de mim desejava muito que esta fosse o chalé. Era a primeira construção antiga à esquerda, cuja distância para a estrada estava praticamente correta e também ficava na lateral. Porém, algo me dizia que não era o chalé. A disposição da terra nesta altura estava errada, e havia diferenças na construção, que estava sendo utilizada como celeiro. Também parecia estar muito perto da junção com a estrada mais próxima.

Porém, como essa era minha única pista real, aproximei-me para encontrar alguém com quem pudesse conversar. Havia uma fazenda logo depois do celeiro, que não parecia ser muito moderna, mas quando atravessei a estrada e entrei no quintal, fui vista por dois cães grandes que estavam lá para não deixar ninguém se aproximar. Preciso confessar que tenho um certo medo de cachorros, assim, decidi tirar algumas fotografias e tentar mandar um questionário para os donos da fazenda por correio. Quem sabe alguém que vivesse lá pudesse me ajudar.

A estrada mudara muito mais do que esperava, e esta era a única casa que talvez tivesse sido o lar de alguém que vivera no vilarejo na década de 1920.

O retorno para o hotel em Malahide foi ao mesmo tempo difícil e frustrante. A região estava repleta de áreas residenciais recentes, típicas de lugares próximos a uma grande cidade. O que tornava mais difícil pensar como o local teria sido antigamente. Muito pouco do que me lembrava permanecia intacto.

Passei pela igreja católica para ver se ela me parecia mais familiar vindo da direção mais comum, ou seja, do chalé para a cidade. Mas a igreja não despertou novas lembranças, e ainda me intimidava de certa maneira. Perguntava-me se a fachada teria sido alterada nos últimos cinquenta anos: o jardim poderia ter sido um cemitério, mas a rua em frente parecia nova.

Quando retornava pela rua Dublin, uma chuva leve começou a cair, de maneira refrescante e suave. Minha mente foi tomada por pensamentos confusos e, enquanto tentava entendê-los, uma nova sensação de calma e alegria surgiu. Do outro lado da rua do açougue, havia uma cafeteria, onde uma bem-vinda xícara de café me fez companhia enquanto escrevia notas sobre as descobertas da manhã. O fato de ter andado pelo vilarejo como se já o conhecesse, com a lembrança de como este era no passado e com a imagem de como este estava no presente, misturadas estranhamente, não me parecera extraordinário. Conhecia o vilarejo, apesar de ter esperado reconhecê-lo apenas parcialmente.

Quando regressei ao hotel na hora do almoço, fui ao bar e pedi uns lanches que, no tempo certo, foram trazidos 118

para mim por um homem robusto de trinta e poucos anos. De maneira amigável, ele me perguntou se eu estava de férias e, de repente, comecei a me abrir com ele. Assim que comecei a falar, senti uma grande necessidade de desabafar. Sentindo-me muito feliz com o que encontrara, comecei a explicar que estava lá para fazer uma pesquisa pessoal, e que estava seguindo um sonho. Disse que tinha lembranças de uma vida em Malahide e havia desenhado mapas da área na minha infância. Ele me perguntou se já estivera na cidade, e respondi que esta era minha primeira visita. Então, descrevi a história das lembranças e contei

sobre o que já confirmara. Ele ficou bastante interessado, e me interrompeu algumas vezes para fazer perguntas como “há algum tipo de parentesco?” ou “como você pode saber dessas coisas?”. Pela maneira que falava, parecia que estava pronto para aceitar que havia algo muito real e incomum em minha pesquisa.

Depois, fiquei preocupada se tinha me exposto demais, mas então percebi que nossa conversa teve suas vantagens, foi como uma espécie de prova para minha busca. Todos os questionários e cartas, que também tinham parecido uma perda de tempo no ano anterior, funcionariam como uma evidência daquilo que estava tentando naquele momento. Olhando para trás, descobri um calendário de datas e interações que poderiam ser úteis como provas. Perguntei ao meu confidente no hotel se teria algum tipo de objeção para confirmar o conteúdo de nossa conversa, caso alguém fosse verificar minha visita, e ele disse que não havia problema.

Provavelmente, isso não seria necessário, mas senti que todas as possibilidades deviam ser previstas.

No restante da tarde, andei por Malahide, olhando novamente os lugares que reconhecia, deixando minha mente filtrar a informação, na expectativa que novas imagens ou lembranças meio esquecidas fossem emergir. Passou pela minha cabeça que deveria ter pesquisado por um túmulo ou mais túmulos, mas não tinha certeza de onde Mary podia estar enterrada. Seria em Malahide? Mais uma vez, eu não estava certa se o sobrenome O’Neil estava correto.

Quando telefonei para casa, meu marido disse, “suponho que você achou tudo o que queria e agora quer voltar para casa”. Não percebera quanta confiança ele tinha em meu projeto. Ele esperava que eu fosse encontrar tudo conforme descrevera porque, anteriormente, muitas coisas que disse tinham se demonstrado corretas.

Passei a maior parte do restante do final de semana caminhando, olhando, sentindo e lembrando. Talvez tivesse andando demais, pois a dor nas costas, até então sob controle, voltou a incomodar. Agora, sentia falta de minha família e queria voltar. Fiquei feliz quando chegou o momento de chamar um táxi para me levar ao aeroporto. Sabia que, quando voltasse, teria muito trabalho a fazer, e estava disposta a começar.

O que aconteceu durante minha visita a Malahide foi importante. Enfim, vira e tocara algumas das coisas que até então tinham sido apenas imagens em minha mente. Tudo de repente se tornou bastante real e, de algum modo, mais concreto. Enfim, havia confirmações suficientes para que passasse a confiar mais em mim mesma, continuando a minha busca com vontade redobrada. Não sabia que tinha tão pouca autoconfiança. As pessoas mais próximas perceberam

isso, e foi o apoio e a crença delas em mim que fizeram com que eu continuasse a pesquisar.

Estava num portal entre a lembrança e a realidade, onde enfim ficou claro que a única distância entre os dois era temporal. Ambos eram bastante reais, mas em épocas diferentes. A tensão dentro de mim diminuiu rapidamente, sendo substituída pela confiança, um sentimento muito necessário. Toda a viagem foi sobre sentimentos, da possibilidade de cura. Foi quase como se tivesse sido atingida na cabeça por tudo que estava ao meu redor e me dissessem: “é claro que tudo está aí dentro!

Agora, continue seu trabalho e pare de se preocupar!”

Durante as semanas que se seguiram, a necessidade de externar e falar para todos sobre minha experiência teve um resultado surpreendentemente positivo. As pessoas queriam ouvir e demonstravam interesse. Isso era muito bom porque, de um jeito ou de outro, queriam ouvir eu falar sobre o assunto. Mas também precisava ver se era possível falar sobre a minha busca sem fazer com que os outros se sentissem desconfortáveis devido às suas próprias crenças. Demoramos muito tempo para formular nossa visão de mundo, e não era minha intenção modificar os pontos de vista das outras pessoas.

A motivação e o apoio foram tão positivos que senti ser possível falar sobre detalhes sobre os quais nunca falara antes por considerá-los muito estranhos. De repente, tudo aquilo que escondera por medo não precisava mais ser

ocultado. As idéias e as teorias sobre reencarnação eram uma das questões centrais. Tinha a sensação de que devia haver um modo de explicar o fenômeno, para que o mesmo pudesse ser compreendido em termos de experiência pessoal. Um dia, poderia precisar falar sobre isso com a família, com os filhos de Mary. Portanto, era fundamental que aprendesse a ser cuidadosa e honesta o máximo possível. Assim, todas as conversas sobre o assunto serviram como prática.

Geralmente, a maneira que as pessoas reagiam às minhas idéias ou pensamentos não tinha grande importância para mim, a menos que houvesse um risco de incomodá-las. Mas senti que era necessário descobrir qual a melhor maneira de entrar em contato com a família, sem incomodar ninguém, sobretudo porque essas pessoas eram muito importantes para mim.

As conversas internas e externas eram um prelúdio para encarar os filhos de Mary com o máximo de consideração possível, caso algum dia tivesse a felicidade de encontrá-los.

Agora, comecei a pensar em como podia me apresentar a eles, ou se deveria fazer isso mesmo. O medo de perder os pais e ser abandonada está entre os maiores temores de uma criança. Essas pessoas tinham sofrido tamanha perda na infância que sentia não ter o direito de causar-lhes qualquer dor adicional. Porém, qual era a minha responsabilidade? Seria correto falar sobre reencarnação logo no início ou deveria tentar deixar que tivessem seus próprios pensamentos sobre minha situação antes que eu desse a minha opinião? Repentinamente, perguntas que não tinham me incomodado antes ganharam uma relevância inédita, e senti uma grande responsabilidade.

Porém, minha confiança recém-descoberta não se deixou abalar, o que me fez sentir mais próxima das pessoas. Pensar nas necessidades dos outros nunca parecera tão importante, e sabia agora que a busca pelos filhos de Mary podia de fato começar. Em algum lugar, havia pessoas que podiam responder às minhas perguntas e me levar a descobertas. Um ponto sem retorno fora atingido.

6. A busca por meus filhos.

Nesta altura da busca, quase no outono de 1989, pensei que descobrir informações sobre a família de Mary se tornaria um longo processo.

Felizmente, estava errada. O sucesso veio justamente da mera constatação de que não estava usando todos os recursos disponíveis. Como pertencia à Mensa, podia contatar outros membros mais bem localizados geograficamente, e talvez pudessem descobrir o que precisava saber.

Então, escrevi duas cartas a associados que moravam perto de Malahide.

Fiquei surpresa e feliz quando ambos responderam. Um deles foi capaz de me dar o nome do proprietário da velha residência que eu vira na estrada Swords, um

certo senhor Mahon.

Imediatamente, escrevi-lhe, fazendo perguntas sobre o local: se ele estava lá por muito tempo, se já fora usado como chalé e se lembrava de uma família, que vivera num chalé naquela estrada, e que tinha cinco ou seis crianças e cuja mãe morrera na década de 1930. Ele respondeu rapidamente. O local havia sido construído por seu pai nos anos 1930, depois do período que eu estava pesquisando.

Sempre fora usado como celeiro. Ele também me deu detalhes das casas naquela altura da estrada Swords, uma pequena vila indicada no mapa como Gaybrook. Obviamente, era essa a razão pela qual esse nome parecia tão familiar, apesar de que, dentro de mim, sempre soube que este era o lugar onde Mary vivera. Ele não especificou se a casa sobre a qual perguntara era a primeira à esquerda, mas afirmou que se tratava da única na qual moravam muitas crianças e que esta era a única família cuja mãe morrera nos anos 1930.

Sentindo que as peças do quebra-cabeça estavam começando a se encaixar, mandei imediatamente uma segunda carta na qual dava mais informações, tais como o nome Mary. Perguntei se o senhor Mahon sabia alguma coisa sobre o marido dela, e o que acontecera com as crianças. Se esses detalhes fossem confirmados, as chances dessa ser minha família da outra vida aumentariam consideravelmente. Minha maior esperança, porém, era que o senhor Mahon pudesse me dizer o sobrenome da família.

Enquanto esperava impacientemente por sua resposta, Colin Skinner, o estudante de Teologia que morava em Dublin, entrou em contato com nosso amigo em comum, senhor Coulter, para informar-lhe de seu progresso. Ele descobrira a igreja em Malahide, que lhe descrevera e fizera um desenho.

Aparentemente, reconheceu-a imediatamente, o que me deixou 126

feliz. Era uma confirmação independente, pela qual tinha esperado. Cada vez mais, fiquei satisfeita por ter envolvido outras pessoas, apesar de ter havido nomes duvidosos e alguma confusão nos estágios iniciais.

Porém, como esperado, o senhor Skinner não pesquisara dentro da igreja, pois, como já sabia, os registros da família de Mary não estavam guardados em Saint Andrew. Como estava prestes a descobrir, o sobrenome da família não era mesmo O'Neil. Isto significava que o senhor Skinner pesquisara documentos na igreja errada, com o sobrenome errado. No entanto, encontrar uma igreja tão similar ao desenho baseado em meus sonhos aumentara o seu entusiasmo. Ele também passou a escrever questionários às pessoas da região.

Pouco tempo depois, recebi uma segunda carta do senhor Mahon da estrada Swords. Para a minha alegria, ele conseguira lembrar os sobrenomes de cada família que vivera naquela estrada na década de 1920, e me mandou uma lista. Havia, ao todo, 19 famílias que viveram numa área de pouco mais de quatro quilômetros na estrada de Malahide para Swords. Ele deu detalhes sobre a família que mencionara antes e estes pareceram extraordinariamente similares ao sobrenome das minhas lembranças. Em uma parte da carta, dizia:

Quanto à mãe que faleceu na década de 1930, chamava-se senhora SUTTON.

Acredito que o seu esposo era um soldado britânico que lutou na Primeira

Guerra. Após sua morte, os filhos foram enviados a orfanatos.

Posteriormente, a filha mais velha MARY voltou para casa. Acredito que o marido retornou

ao Reino Unido, afim de treinar soldados para a Segunda Guerra. As crianças foram educadas em escolas católicas, mas talvez o pai pertencesse à Igreja da Irlanda.

Enfim, sabia o sobrenome! Este pareceu para mim um grande passo adiante.

A carta também lançou luz a muitas coisas que estavam me intrigando. Por exemplo, sempre sentira que o marido de Mary era um forasteiro e que tinha tido algum tipo de envolvimento com a Primeira Guerra. Como a Irlanda ficou neutra no conflito, antes da divisão do país, imaginava se ele servira como voluntário. No entanto, se ele era um soldado britânico, isso explicava a relação.

O fato das crianças terem sido colocadas em orfanatos após a morte da mãe não era uma notícia muito boa. Agora, podia entender que tivera uma boa razão para me preocupar com o bem-estar delas. A carta dizia “orfanatos” no plural, o que provavelmente significava que foram separados justamente num momento difícil. Por que o pai não manteve a família unida? Apesar de ter sempre sentido que ele não desempenhava um papel importante na criação das crianças, nem nos pensamentos de Mary sobre o futuro, não acreditava que ele simplesmente nada fez e deixou os filhos serem enviados a orfanatos. Lembrava-me bem que as crianças precisavam ficar quietas quando ele chegava em casa do trabalho, ele queria sossego depois de trabalhar. Porém, certamente ele não deixaria que elas simplesmente fossem embora.

De certo modo, comecei a me sentir pior. Se essa era mesmo a família pela qual procurava, e as coincidências eram tão extraordinárias que só podia ser ela mesma, sentime 128

inútil. Passara toda a minha vida me preocupando com as crianças, e a realidade é que a preocupação em si não ajudava em nada. Ao mesmo tempo, houve um pouco de alívio. Um dos meus medos mais recorrentes fora pela filha mais velha, que também se chamava Mary. Ela era tão gentil e disposta a ajudar que eu temera que ela precisasse se ocupar da educação dos outros irmãos. Se todos foram a orfanatos, ela também foi criada por outra pessoa, ao menos até o tempo

em que retornou para casa. Parecia um destino melhor. O sentimento de alívio, contudo, parecia ser maior do que apenas uma preocupação por ela, a qual não podia entender naquele momento e que só fui compreender completamente bem mais tarde, quando as últimas peças do quebra-cabeça começaram a se encaixar.

Agora, sentia uma determinação enorme. A motivação mais forte tinha origem na responsabilidade maternal. Tinha de encontrar todos os meus filhos, apesar de quase sessenta anos terem se passado. Mas também havia outra grande preocupação. Não queria causar-lhes nenhum tipo de problema. Queria protegê-los, mas, ao contar-lhes minha história, poderia machucá-los. Queria ajudar, não machucar. Perguntava-me se isso era possível.

Comparei todos os detalhes que obtivera até então com aqueles que tive acesso pelas lembranças, a fim de ter certeza de que realmente havia uma semelhança e o que já fora confirmado. Era importante comparar e analisar sempre. Continuaria agindo, assim, conforme cada nova evidência emergisse, pois precisava permanecer crítica e objetiva o tanto quanto possível. Seria muito fácil aceitar uma semelhança por puro 129

desespero: era necessário agir do modo certo. Em circunstâncias normais, seria preciso coragem para fazer uma pesquisa genealógica, mas não havia como dizer que se tratava de circunstâncias normais.

Respondi ao senhor Mahon, expressando minha gratidão por sua ajuda tão gentil. A esta altura, senti necessidade de explicar a ele exatamente o que estava tentando fazer e o porquê. Ele podia decidir não me auxiliar mais, mas não desejava enganar ninguém. Se contasse a verdade depois, o meu trabalho poderia ficar ainda mais difícil. Além do mais, tinha um outro motivo. Esse homem obviamente conheceu a família, e deve ter crescido na mesma época que as crianças. Se houvesse alguém com quem a família pudesse falar sobre as minhas lembranças, poderia ser mais fácil de eles aceitarem a idéia.

Pela primeira vez, o tempo parecia irrelevante. Cheguei à conclusão que me preocupara por quase 36 anos, ou seja, por toda a minha vida, e que não precisava me preocupar caso tivesse que aguardar mais alguns anos. É

estranho como, às vezes, nada parece dar certo e tudo parece difícil e, em compensação, há momentos nos quais tudo parece dar certo e progredir.

Esta era uma época em que tudo, pelo menos por enquanto, estava progredindo rapidamente.

Em posse ao menos do sobrenome correto, chegou a hora de pesquisar os documentos e registros novamente. Primeiro, fui à biblioteca local, mas inicialmente fiquei chateada porque estavam sem a lista telefônica de Dublin. Isso

queria dizer que teria de ir até a biblioteca mais próxima, aproximadamente a cinqüenta quilômetros de distância.

Assim, o que deveria ser uma consulta rápida se tornou uma longa expedição.

Isso me deu tempo, porém, para pensar. Pretendia procurar por todas as pessoas que tivessem esse sobrenome na área de Dublin, pensando em enviar-lhes cartas. Mas, durante o trajeto até a outra biblioteca, refleti e percebi que talvez fosse melhor começar escrevendo para duas ou três pessoas. Assim, no conforto da ampla e bem-organizada biblioteca, procurei na lista telefônica e anotei todos os Suttons, mas escolhi apenas três para quem escreveria uma carta idêntica àquelas que enviara aos O'Neil.

Aproveitei também para escrever para uma pessoa com a qual não tinha contato há quase um ano, o primeiro senhor O'Neil, o qual escolhera aleatoriamente na lista e com quem tinha falado ao telefone. Ele tinha sido bastante receptivo após ter visto os mapas de ruas e os comparado ao mapa que eu desenhara na infância. Achei que ele demonstrara interesse e merecia uma explicação mais detalhada agora, além de um resumo das minhas últimas descobertas. Não esperava que ele fosse responder. Apenas escrevi por educação.

Pouco tempo depois, a Sociedade Histórica local de Malahide me escreveu.

Duas pessoas tinham entrado em contato para saber das minhas perguntas sobre a antiga construção na estrada Swords. Fiquei feliz em saber que um deles era o próprio senhor O'Neil. Imaginara que ele faria pouco caso e pensaria “é aquela mulher louca de novo”, mas ele acreditara

em mim e continuava acreditando. A outra pessoa era um dos associados da Mensa, para o qual escrevera.

A tradicional Sociedade Histórica de Malahide, sem saber da verdadeira natureza

de minha pesquisa, fez um esforço considerável para descobrir mais informações sobre a construção, mas seus esforços eram relativos ao celeiro, e não ao chalé de Mary. Informaram-me que começariam a pesquisar registros locais em escolas e igrejas, e se dispuseram a me fornecer quaisquer informações que fossem relevantes. Respondi, agradecendo-os pela ajuda e dando mais detalhes sobre a família, incluindo o sobrenome.

Durante o mês de dezembro, troquei muitas correspondências. As três pessoas que tinham o mesmo sobrenome da minha família da outra vida responderam, todas disseram não ter nenhum tipo de parentesco. Esperara que, mesmo tendo escolhido três pessoas, pudesse ter tido sorte melhor, pois como se tratava de muitos filhos, deveria haver um número considerável de netos e bisnetos e, certamente, acabaria encontrando pelo menos um parente. No entanto, não tinha tido sucesso ainda, mas, de qualquer maneira, fiquei impressionada com a educação e a cortesia dessas pessoas. Era algo encorajador, em virtude da falta de respostas nas minhas tentativas anteriores. Talvez, essas últimas cartas tivessem sido imbuídas da minha confiança em mim mesma e nas lembranças que adquirira tão recentemente.

Um dos três Suttons, uma senhora de Enniskerry, condado de Wicklow, ao sul de Dublin, escreveu dizendo que podia ajudar de maneira mais efetiva. Como ela já fizera por canadenses que estavam procurando por suas famílias,

dispôs-se a pesquisar os documentos no cartório central de Dublin.

Disse-lhe que já escrevera ao cartório, informando o noo sobrenome e as datas aproximadas, e que, se caso não pudessem me ajudar, ficaria feliz em contar com a sua ajuda.

Perto do Natal, ela me mandou uma carta dizendo que o cartório forneceu somente uma pesquisa limitada e que, apesar de ter dito que possuía datas aproximadas, seriam necessárias datas ainda mais exatas. De fato, o cartório central de Dublin respondeu, dizendo que, em posse de informações tão escassas, nem tinha como dar início à pesquisa. Na verdade, não faziam qualquer tipo de pesquisa genealógica. Fiquei irritada, pois se eu tivesse informações mais detalhadas, não precisaria dos documentos! Talvez não me surpreendesse, mas, de qualquer maneira, fiquei desapontada.

Portanto, sentindo-me um pouco chateada e expressando isso na carta, solicitei a ajuda da senhora de Enniskerry. Era difícil suportar o sentimento de frustração de não poder ir pessoalmente ao cartório central, dedicando-me à pesquisa propriamente dita.

Mas, então, pensei em uma outra fonte potencial. Os orfanatos para os quais as crianças foram enviadas poderiam ter guardado os registros.

Assim, depois de mais uma busca pela lista telefônica, comecei a escrever para todos os orfanatos e abrigos na região de Dublin, pedindo qualquer informação relacionada às crianças. Obviamente, alguns desses orfanatos nem existiam na década de 1930 e, mesmo se existissem, registros tão antigos poderiam ter desaparecido. Mas precisava ir atrás de qualquer chance, mesmo que remota.

Escrevi ao menos 14 cartas assim:

Prezado senhor,

Estou tentando localizar irmãos que foram enviados aos orfanatos de Dublin após a morte da mãe. Sei que essa pesquisa pode exigir muito trabalho e que seus arquivos talvez não datem de tanto tempo, mas espero que vocês sejam capazes de me ajudar. Escrevi para outros orfanatos também.

O sobrenome da família era Sutton. Eles moravam na estrada Swords, em Malahide, e ao menos seis crianças devem ter sido enviadas a orfanatos da região. O nome da mãe era Mary. Após a sua morte, na década de 1930, a família se separou.

Obrigada,

Jenny Cockell

Minhas investigações agora estavam assumindo o aspecto de uma pesquisa genealógica comum. A família de fato existia, praticamente não havia dúvidas sobre isso. O que restava fazer era descobrir a certidão de óbito de Mary e o nome das crianças para que pudesse encontrá-las. Essas eram as informações mínimas de que precisava.

Comecei a pensar se seria capaz de lidar com a rejeição caso localizasse a família. Mas o pensamento de não ser capaz de encontrá-los e, assim não saber se estavam bem ou não, seria muito pior, sobretudo porque avançara tanto nos últimos meses.

A pesquisa já durava muitos anos e o balanço entre a determinação positiva e a ansiedade nervosa se tornara um 134

círculo vicioso. Esperar pela descoberta de registros e documentos era estressante. Mesmo após ter confirmado vários detalhes das minhas lembranças, sabia que não podia começar a me sentir bem até que houvesse alguma prova definitiva e documentada da minha família.

A tensão causada pelo fato de a busca ser sobre um assunto incomum fez com que a idéia de compartilhá-la com outras pessoas fosse um modo de transformá-la em algo normal. Quanto mais falasse sobre o assunto, me sentiria menos exposta. Escrevera notas ao longo da busca e comecei a achar que, se pudesse organizá-las, poderiam interessar a alguma editora. A possibilidade de tornar pública a minha busca me deu algo a mais para pensar, tornando tudo menos estressante. E também me deu oportunidade de pensar qual seria a melhor maneira de abordar a família.

Havia muitos pontos a serem considerados. A família de Mary devia ter o direito do anonimato caso assim preferisse. Também decidi que o certo seria entrar em contato com eles, de modo que pudessem decidir por si mesmos. No entanto, qualquer coisa que dissesse no meu primeiro contato com eles seria muito difícil.

Minha maior esperança era ser capaz de encontrá-los face a face: é mais fácil olhar para as pessoas e enxergar a verdade em suas palavras, mesmo que seja algo estranho, do que se comunicar por carta ou por telefone.

Não me preocupava tanto em me explicar, mas com as dificuldades que as outras pessoas teriam para entender o que estava dizendo. A família era muito importante para mim, e qualquer modo de facilitar as coisas deveria ser considerado.

Pensara em contatar um padre. Mary era católica, e as crianças tinham freqüentado a escola católica, segundo o senhor Mahon. Portanto, parecia correto saber que tipo de reação poderiam ter quando contasse minha experiência. Percebi que buscava aprovação. A parte de mim que era Mary precisava de uma confirmação e meu “eu” atual precisava saber se era possível pensar o fenômeno de maneira racional. Sabia que a visão mais comum, a reencarnação, poderia não ser aceita, mas perguntava-me se haveria uma interpretação mais abrangente. Se um padre pudesse aceitar minha história sem me condenar, me sentiria mais segura.

Pensei em escrever uma carta às crianças, para ser incluída no relato da minha história. Se não fosse capaz de encontrá-las, ao menos poderiam ler essa carta caso a história da minha busca fosse publicada. Então, compreendi que o texto completo que deu origem a este livro tinha sido escrito por elas e para elas. Ao lerem-no, saberiam o que essa busca significara para mim e o que elas significam para mim. Depois de ler, me conheceriam o bastante para saber se deveriam ou não entrar em contato comigo. De qualquer maneira, a opção seria delas.

Outro ponto relevante era que o ato de tornar pública a minha história podia ser uma faca de dois gumes. Poderia ajudar a tornar o fenômeno mais legítimo, facilitando assim as últimas etapas da minha busca. Se fosse incapaz de encontrar a família de maneira convencional, por exemplo, se todos tivessem se mudado; a publicidade poderia me ajudar a encontrá-los. O lado ruim disso tudo era que a família podia ficar sabendo da história de maneira indireta, por meio de

136

uma notícia sensacionalista, por exemplo, que chegaria até eles antes que tivesse a oportunidade de dizer-lhes meu ponto de vista. Sem dúvida, isso os afastaria de mim.

Estava me preocupando com inúmeras possibilidades. Uma autotortura de saber como lidar com esta ou aquela situação, antes mesmo que surgissem. Os efeitos do estresse eram perceptíveis na minha rotina -

infecções estranhas, irritação e cansaço. Sabia que estava exagerando, assim tentei me acalmar e deixar as coisas seguirem seu rumo.

Nessa época, as respostas estavam chegando dos orfanatos para os quais escrevera. A maioria informava que não tinha nenhuma família com o mesmo sobrenome no tempo indicado. No entanto, felizmente, antes que ficasse deprimida novamente, a próxima peça do quebra-cabeça chegou.

Em 18 de fevereiro de 1990, recebi uma carta de um padre responsável por um abrigo de crianças na região central de Dublin. Ele disse que os Sutton não estavam nos arquivos do seu orfanato e que a maior parte dos orfanatos existentes na região de Dublin durante os anos 1930 tinha sido fechada, devido à política moderna de tutoria e adoção. Seu próprio orfanato estava sendo fechado e, caso tivesse escrito alguns meses mais tarde, nunca teria recebido esta resposta. No entanto, ele pesquisara junto à Secretaria de Educação, responsável por todas as matrículas nos orfanatos públicos, e à igreja em Malahide, e conseguira registros de nascimento da maioria dos filhos de Mary. Ele me enviou as cópias desses registros, junto com um recado, que dizia entre outras coisas:

137

John Sutton e sua esposa Mary, nascida Hand, não eram naturais de Malahide, condado de Dublin, mas viveram no chalé da Mansão Gaybrook, na estrada Swords. Seis crianças foram batizadas na Igreja Católica de Saint Sylvester, em Malahide.

Esta era a lista dos nomes dos seis filhos de Mary -

meus filhos:

Jeffrey (1923), casado com Sarah O'Reilly;

Philomena (1925), casada com Tom Curran;

Christopher (1926);

Francis (1928), casado com Mary Mulligan;

Bridget (1929);

Elizabeth (1932), casada com Thomas Keegan.

A carta do padre me deu grandes esperanças e uma chance real de encontrar a família.

7. O encontro com a minha família da outra vida .

Dediquei-me de corpo e alma à minha pesquisa, e o melhor que consegui fora andar em círculos. Mas, agora, aquele padre gentil tinha se disposto a me ajudar e o resultado era que tinha os nomes de seis dos filhos, os nomes de casada de duas das filhas e até o nome das esposas de dois dos filhos.

O mais importante era que, pela primeira vez, sabia que o principal nome de minha busca estava certo. Agora estava confirmado que o nome da mulher cuja vida lembrava era mesmo Mary.

Pensando nisso, voltei a olhar a lista dos Suttons que anotara da lista telefônica de Dublin. Enviei a seguinte carta -modelo para aproximadamente vinte pessoas, com as iniciais do primeiro nome corretas, na expectativa de ser possível encontrar membros da família.

Prezado senhor Sutton,

Estou tentando localizar os filhos de John e Mary Sutton, nascida Hand, da estrada Swords, em Malahide, enviados para orfanatos após a morte da mãe na década de 1930.

São eles: Jeffrey (1923), Philomena (1925), Christopher (1926), Francis (1928) e Elizabeth (1932).

Sei que isto pode não estar relacionado ao senhor e, de qualquer maneira, desculpe-me por incomodá-lo. Mas se, por acaso, o senhor for membro dessa família, por favor, entre em contato comigo, pois para mim é muito importante

encontrar tal família.

Obrigada,

Jenny Cockell

Então, voltei à biblioteca e copiei os endereços de todas as pessoas com o sobrenome Sutton e com as iniciais corretas que moravam em outras localidades da Irlanda. Acabei escrevendo para mais 35 pessoas com o mesmo sobrenome e as iniciais dos filhos, e 18 Keegans, o sobrenome de casada de uma das filhas. Sabia que, dessa maneira, somente pessoas com telefones cadastrados poderiam ser encontradas, mas mesmo assim estava esperançosa. Preparei relatórios detalhados, a fim de que soubesse para quem escrevera e quem respondera.

Estava me sentindo extremamente feliz. Todas as dúvidas e medos, o autoquestionamento sem-fim e a autocrítica pareciam ter sumido. Ao menos, tentei não ter grandes esperanças, pois estava ciente de que não sabia como agir quando tinha grandes expectativas e as coisas não saíam como planejado.

Sabia que a espera estava chegando ao fim. Ao mesmo tempo, me senti aliviada. Enfim, parecia que podia alcançar

meu objetivo.

Senti que era preciso escrever para o padre de Dublin para explicar-lhe que conhecia a família que estava tentando localizar através de sonhos e lembranças. Fiz isso em parte porque ele perguntou especificamente sobre minha relação com a família, mas sobretudo porque achava que era minha obrigação fazer isso, independente das consequências. Não era fácil escrever esse tipo de carta, ainda mais porque havia muitas coisas que não podia explicar. Para mim, era importante que ele conseguisse enxergar a minha pessoa além das palavras. Por alguma razão, subconsciente ou indefinida, precisava de seu apoio. Ou talvez precisasse da aprovação de alguém que pudesse me ajudar a me comunicar com os filhos. Estava pensando e sentindo de diferentes maneiras, como eu mesma e como Mary. Como esta, sentia que era necessário falar sobre o assunto com um padre.

A resposta do padre foi maravilhosa, positiva, construtiva e respeitosa.

Sua aceitação para esse “fenômeno extraordinário”, em suas palavras, teve um valor muito grande para mim. Ele fizera o que eu esperava ser possível: olhou para a minha história sem preconceitos e dentro do ponto de vista de sua fé. Isso me fez sentir muito mais feliz em compartilhar a minha experiência sem ser cautelosa demais ou ter medo de ferir as outras pessoas.

Então, no dia 3 de março de 1990, recebi da senhora de Enniskery uma cópia da certidão de óbito de Mary e os registros de nascimento de dois de seus filhos, Jeffrey e Elizabeth, 141

além de datas e informações sobre alguns dos outros. Enviara-lhe uma cópia da lista preparada pelo padre e, felizmente, ela só tinha começado a pesquisar após tê-la recebido. Sem a lista, sua tarefa levaria muito mais tempo, apesar de que ela já dispunha de informação suficiente para obter a certidão de óbito de Mary.

Ela foi muito competente para descobrir tantos documentos e conseguiu tudo isso numa viagem só.

Os registros eram de seis crianças batizadas na Igreja Católica de Saint Sylvester, em Malahide. Não havia nada sobre a filha mais velha de quem me lembrava, mencionada pelo senhor Mahon como Mary. Já que o menino mais velho da lista tinha apenas oito anos, em 1932, senti que havia mais filhos para encontrar. A criança mais nova, Elizabeth, nascera em 25 de setembro de 1932, e Mary faleceu um mês depois, em 24 de outubro, aos 35 anos.

Na certidão de óbito, constava o nome Mary Sutton, de Gaybrook, Malahide, e a descrevia como sendo a esposa de um trabalhador. A causa da morte foi gangrena, pneumonia séptica e toxemia. Ela faleceu no Hospital Rotunda, no distrito de North City, número 2, no condado de Dublin. A informação de que o hospital servia parcialmente como maternidade era confirmada por duas outras anotações corriqueiras da instituição na mesma página: “o filho de uma trabalhadora”, que morrera com três dias; e a “filha de um encanador”, que morrera com cinco semanas.

Agora, enfim, tinha a prova documental pela qual tanto procurara. Era estranho que, de repente, os documentos pareciam menos importantes, apesar de estar extremamente grata 142

de tê-los comigo. O que ocupava minha mente naquele momento era algo muito melhor - a oportunidade de contatar os filhos de Mary. O que podia realmente acontecer em breve.

Agora, chegava o momento de rever todas as informações e descobrir o que tinha sido confirmado. Havia alguns nomes errados, não muito mais do que isso. A disposição do mapa demonstrou-se correta ao longo de todo o processo. O nome Mary provou-se certo, e, ao citar Gaybrook, a carta do padre confirmou que o chalé se localizava no lado sul da estrada Swords.

A informação de que o chalé era a primeira residência da estrada ainda precisava ser confirmada. Já sabia que esta era a casa onde morava a única família da estrada com cinco ou mais crianças e cuja mãe morrera na década de 1930. Por fim, a carta do padre confirmara que a família não era originária de Malahide e que o marido de Mary lutara na Primeira Guerra Mundial.

Sob hipnose, falara os nomes de quatro dos filhos: James, Mary, Harry e Kathy. James apareceu como o segundo nome de Jeffrey, o garoto mais velho, nos documentos do batismo que o padre me enviara. Tinha suspeitado que uma das meninas recebera o nome da mãe, e apesar de ela não constar na lista de batizados do padre, o senhor Mahon disse que a filha mais velha se chamava Mary e que ela voltara anos depois. Ela deve ter sido um dos filhos que nasceram antes da família se mudar para Malahide. Lembrava-me do dia da mudança, quando Mary tinha um ou mais filhos em seus braços.

Continuava tentando retratar as crianças em minha mente para que identificasse alguma peculiaridade que pudesse ajudá-los a se reconhecer em minhas descrições. O menino mais novo brincava com a bainha de seu casaco. Parecia ser um tique nervoso que talvez tenha continuado na idade adulta. Seria ele ainda um solitário? A confiança e autenticidade do primogênito eram memoráveis, assim como o humor e a alegria do segundo. Esperava lembrar o suficiente.

Ao falar com minha mãe enquanto minha filha estava brincando com a boneca da minha infância, notei que eu chamava a boneca de Elizabeth, o mesmo nome da filha mais nova de Mary. Perguntei a minha mãe se ela se lembrava de como eu chamava a boneca, e ela disse que sim. Na verdade, a minha filha também sabia que a boneca se chamava Elizabeth. Uma vez mais fiquei pensando se Elizabeth tinha o cabelo loiro e os olhos azuis da boneca pela qual tinha grande carinho quando menina.

As informações da certidão de óbito eram consideravelmente consistentes com o que esperava. Falara que a data de nascimento de Mary ocorrera por volta de 1898, o mais provável que tenha sido 1897, visto que sua idade ao morrer foi mencionada como sendo 35 anos. Ela falecera no Hospital Rotunda, o que explica o sentimento de estar longe de casa naqueles sonhos recorrentes sobre a sua morte. Lembrava-me das paredes pintadas de branco e de janelas altas pelas quais entrava farta quantidade de luz. Posteriormente, vi fotografias do hospital, que realmente tinha janelas altas e alongadas.

Freqüentemente costumava pensar sobre a causa da morte de Mary. Havia uma doença e um período prévio de 145

cansaço e saúde fraca. Isso pode ter sido a toxemia, o nome antigo para uma série de doenças da gravidez. Havia febre e falta de ar, que podem ter sido causadas pela pneumonia. A gangrena do gás, uma doença provocada pela bactéria *Clostridium perfringens* e caracterizada pela presença do gás no tecido afetado, também deve ter causado uma enorme dor.

As respostas das cartas que enviara começaram a chegar, mas nenhuma trouxe

novidades. Então, escrevi uma carta a um jornal de Dublin, o Evening Press, publicada no início de 1990:

Nos últimos anos, tenho tentado em vão localizar uma família, e me aconselharam a escrever para vocês.

A família que procuro é formada pelos filhos de John e Mary Sutton da estrada Swords, em Malahide. No dia 24 de outubro de 1932, Mary morreu, pouco depois do nascimento de seu último filho. Então, seus filhos foram colocados em orfanatos, provavelmente em Dublin.

Eram eles: Jeffrey James (25/5/1924), Philomena (3/8/1925), Christopher (15/12/1926), Francis (1928), Bridget (1929) e Elizabeth (25/9/1932).

Se possível, ficaria grata por qualquer informação sobre o paradeiro dessa família, mesmo que seja apenas para saber se estão bem.

Também escrevi ao doutor Ian Stevenson, o cientista americano que estudara o fenômeno das vidas passadas e era uma autoridade do assunto na Universidade de Virgínia. E, após assistir a um documentário da BBC

sobre reencarnação

chamado Many Happy Returns, escrevi ao doutor Fenwick, um psicólogo do Instituto de Psiquiatria de Londres, citado no programa. Esperava que ele fosse capaz de indicar alguém que pudesse ajudar tanto a mim como a família durante um encontro que poderia ser difícil.

Precisava pedir ajuda, pois estava começando a entrar em pânico.

Perguntava-me se tinha algum direito de perturbar os filhos de Mary ou, por outro lado, se tinha o direito de ocultar minha história deles.

Estaria tentando justificar os meus atos? Meu desejo de saber sobre o bem-estar dos filhos era mesmo uma preocupação legítima e desinteressada?

A maioria das pessoas não tem apenas uma motivação, portanto tive de aceitar que não havia como evitar certos pontos que podiam não representar o interesse de algumas pessoas. Minhas preocupações pareciam ser excessivas, mas é preciso nunca esquecer que a proteção maternal constituía a base dos meus sentimentos. Apesar de já serem adultos e agora estarem próximos da velhice, os filhos de Mary não podiam sofrer mais nenhuma decepção.

Obviamente, havia a possibilidade de que não tivesse de tomar nenhuma decisão, ou seja, que não fosse capaz de localizar a família. Por exemplo, se tivessem deixado o país, seria muito difícil saber por onde começar.

Pouco tempo depois, tanto o doutor Stevenson como o doutor Fenwick demonstraram interesse pela minha história. O segundo me aconselhou a escrever para Gitti Coats, uma pesquisadora que estava preparando uma série de documentários para a BBC sobre assuntos paranormais. Não podiam garantir que meu caso seria incluído na série, mas 147

mandei diversas cartas bem detalhadas a Gitti e conversei por telefone com ela diversas vezes. Ela me pareceu uma pessoa bastante compreensiva.

Entretanto, ainda estava em conflito sobre expor publicamente o meu caso.

Comecei a me sentir cansada. Tinha levado muito tempo apenas para confirmar que a família realmente existia. Agora, ainda tinha muito trabalho a fazer e mais espera pela frente. Apenas previa mais estresse.

No final de semana da Páscoa, aconteceu uma situação estranha e inesperada. Sonhos, premonições e visões mediúnicas podem surgir a qualquer momento, sem aviso prévio. Aqueles que nunca passaram por isso, provavelmente e com razão, achariam difícil de entender como uma visão mediúnica é sentida de modo tão sutilmente diferente do que um sonho comum ou um devaneio. Posso descrever o fenômeno de um único modo: ele tem um aspecto tridimensional, uma consciência que aquilo tem a ver com algo acontecendo em um outro lugar, em um outro momento.

Nessa ocasião, estava dentro de um carro durante uma longa viagem. Minha mente vagava solta, sem direção, o que parece ser o estado ideal para termos este tipo de experiência. Passava a mão pelos cabelos e notei, pelo tato, que a textura deles estava diferente. Então, percebi que minhas mãos estavam pousadas à minha frente sobre o meu colo. Portanto, a sensação vinha de dentro da minha mente e não do presente. Senti o toque do bebê na extremidade de compridos e macios fios de cabelo, o que me conferia a idade de dois anos ou menos. Quando olhei para baixo, vi somente pés descalços e pernas levemente

bronzeadas. Tive a sensação de ser uma menina asiática e tais sensações pertenciam a uma existência futura. Era como se o meu eu futuro estivesse olhando para mim, enquanto estava naquele estado mental levemente ausente, e passasse suas mãos em meus cabelos.

Tudo durou provavelmente apenas um ou dois minutos. Não foi nada preocupante, mas muito bom, suave e reconfortante, apesar de um tanto inesperado. Talvez, ao aceitar o passado, estava me tornando mais preparada para aceitar o futuro. Muitas pessoas podem achar essa revelação muito difícil de aceitar, mas para mim é algo interessante, pois a considero parte da experiência da “continuidade”.

Daquele momento em diante, tive mais experiências do gênero e um painel mais completo começou a se formar. De fato, o tempo é muito ligado a outras dimensões, não sendo estático ou necessariamente consistente. A teoria da relatividade afirma que, em velocidades próximas à da luz, o tempo fica mais lento. Em velocidades superiores à velocidade da luz, a teoria defende que o tempo regride.

Portanto, não é inconcebível que algum traço de energia, nesse caso o pensamento, talvez ocupando um breve intervalo de tempo, possa viajar rápido o suficiente para voltar no tempo e ser sentido por outra pessoa no passado como se fosse uma premonição do futuro. Isto também explicaria por que a premonição é sentida mais como algo que já aconteceu do que algo que possa acontecer e por que os detalhes de uma premonição de um a dois minutos podem se revelar verdadeiros, mas, se entendidos fora de contexto, podem ser interpretados erroneamente.

Apesar de todo meu trabalho paciente e cuidadoso, o primeiro contato com os filhos de Mary aconteceu por acidente. No dia 20 de abril, certamente em resposta à carta publicada no jornal, recebi uma mensagem anônima de Dublin

que continha o pedaço de um envelope onde estava escrito o nome e o endereço de alguém que podia ser um dos filhos de Mary. O nome indicado era Tom Sutton, alguém que não estava na lista. No entanto, de qualquer maneira, escrevi-lhe. Alguns dias depois, quando voltei do trabalho, meu marido me disse que recebera uma ligação de um telefone público da Irlanda. A pessoa dissera-lhe que pertencia à família e ligara por curiosidade.

Enquanto estava sentada esperando por um novo telefonema, percebi que não tinha idéia do que dizer. Quase 37 anos de expectativa, mais de dois anos de pesquisa e, ironicamente, não conseguia pensar direito.

Quando atendi o telefonema, descobri que estava falando com a filha de um dos filhos de Mary. Ela me disse que Mary teve oito filhos e que seu pai não se chamava Tom, e sim, Jeffrey, o segundo dos garotos de Mary O

próprio Jeffrey falou rapidamente comigo e me pareceu uma pessoa maravilhosa. Sua família era bastante unida e a filha que telefonou parecia bastante protetora e carinhosa com o pai. Isso foi o bastante.

A informação que Mary teve oito filhos me reanimou. Sempre soubera que havia mais filhos do que os seis que constavam na lista de batismos de Malahide. Era um alívio saber que havia mais dois filhos.

Não me expliquei muito bem, sobretudo para a filha. Por ser a primeira conversa, teria sido ideal dedicar mais tempo à explicação. Mas, como era de se esperar, estavam interessados em saber sobre o meu parentesco e a minha relação com a família. Minha resposta não foi confiante ou fácil, pois estava achando a situação mais complicada do que tinha imaginado. Disse, “sei que parecerá estranho, mas me lembro da família através de sonhos”

Essa era uma simplificação da verdade, mas achei melhor dar um passo de cada vez. A resposta foi um prudente, mas gentil “É mesmo?”. Para me sentir mais segura, descrevi alguns dos filhos e falei que, quando criança seu pai tinha sido um tanto travesso, com um ótimo senso de humor. Ela me disse que ele continuava o mesmo. Com uma voz de surpresa, confirmou as descrições de alguns dos outros irmãos, como o caráter solitário do mais jovem.

Apesar de certa confusão do outro lado da linha, revelou-me vários detalhes sobre a família e me deu os endereços e números de telefone de dois dos irmãos, Sonny e Francis (Frank). Os garotos, Sonny, Jeffrey, Christopher e Frank, tinham se encontrado anos antes, mas o paradeiro das filhas era desconhecido. As garotas foram enviadas a um orfanato diferente, uma escola de freiras na verdade, e tinham perdido contato com os irmãos.

Prometi dar mais detalhes da minha história assim que possível e, mais tarde, enviei uma cópia do diário que escrevera detalhando o andamento da busca nos últimos anos. Estava repleto de imprecisões e o tipo de coisa que se escreve quando se registra idéias sobre o papel, mas, ao menos, apresentava

a mais completa explicação possível para o caso. Antes, mandei uma breve carta tentando expor minhas razões. Sabia que podia ser rejeitada, pois não esperava que fossem capazes de me aceitar.

Tinha certeza de que os filhos de Mary achariam que eu era uma louca qualquer. Apenas o fato de Mary e suas lembranças terem me acompanhado durante toda a vida não significava que outras pessoas aceitariam minha história com facilidade. Apesar de o projeto ter ocupado meus pensamentos por tanto tempo, as minhas idéias podiam parecer muito estranhas.

Porém, agora que conseguira contatar um membro da família, algo havia mudado. Enfim, era capaz de aceitar emocionalmente que as crianças tinham crescido. Sempre soube que estariam com cinquenta ou sessenta anos, mas foi preciso um contato real com um deles para me libertar da lembrança que me fazia sentir como se ainda fossem crianças. Meus sentimentos continuaram fortemente maternais, mas fui capaz de entender que as “crianças” agora eram auto-suficientes. Tinha sido incapaz de ajudá-las durante a infância, mesmo assim a principal questão das lembranças era o desejo de ajudá-las, o sentimento de responsabilidade para com elas.

Curiosamente, sentime livre, mas sabia que me impusera à família para me libertar do passado. Portanto, se o sentimento de pertencer ao passado mudara, o sentimento de responsabilidade também tinha mudado, mas não fora embora completamente. Estava livre tanto para olhar para o futuro como para aceitar o presente... Mas ainda me sentia como a mãe deles.

Respostas em geral trazem mais perguntas, esta é uma das máximas da vida. A realidade vivida pela família de Mary era positiva o suficiente, mas agora me perguntava qual era meu lugar. A resposta precisava ser que pertencia ao presente. E a família que encontrara? Meus filhos? A lógica me dizia para não ter grandes expectativas. A única maneira de ter um papel nas vidas deles seria se assim desejassem. Só o tempo diria...

A esta altura, estava mantendo Gitti Coats, a pesquisadora da televisão, a par de cada novo avanço. Havia uma

boa chance de que meu caso fosse retratado no futuro documentário sobre vidas passadas. Pensava que, se desejasse seguir adiante, queria que o bem-estar da família fosse o primeiro aspecto a ser considerado.

Gitti me impressionou com sua atitude: era possível fazer isso de maneira compreensiva. Esperava que minha superproteção um pouco neurótica tornasse o trabalho mais difícil para ela, mas, ao longo dos meses seguintes, sua diplomacia e consideração foram muito importantes e tiveram grande valor para mim, assim como seu envolvimento na pesquisa.

Ajudou também o fato de ela ter contribuído com sua abordagem metódica e científica para a análise das informações.

Não tive mais notícias do segundo filho de Mary e de sua família.

Aconteceu o previsto, mas, intimamente, tinha esperado que acontecesse o contrário. Assim, depois de olhar os endereços que tinham me dado, decidi fazer um novo contato. Falaria com Sonny, o filho mais velho de Mary, pois

ele vivia na Inglaterra e estava dentro do meu alcance, caso estivesse disposto a me ver.

Na terça-feira, 15 de maio de 1990, tomei coragem e liguei para ele.

Quando Sonny atendeu, ouvi uma voz suave com forte resquício de um sotaque do sul da Irlanda. Lembrara dele como uma criança direta e franca, portanto, sabia que precisava ser bem sucinta sobre quem era e por que estava ligando. Isso não foi fácil, mas expliquei que lembrara da família através de sonhos, falando rapidamente do chalé e que este era o primeiro à esquerda. Felizmente, já passara esses detalhes à pesquisadora da televisão.

Esse homem de 71 anos, nascido em 1919, rapidamente captou a mensagem do que tentava explicar. Ele confirmou logo de cara que a posição do chalé estava correta. Fiquei emocionada. Era algo que não tinha sido capaz de confirmar até aquele momento.

A conversa fluiu bem, muito melhor do que poderia pensar. Sonny parecia não ter problema com o que devia ser um conceito bizarro saído do nada.

Não havia sinal de rejeição, e as perguntas foram relevantes e sensatas.

Durante todo o telefonema, que não foi longo, sentime como se estivesse numa espécie de transe, ainda que houvesse uma forte sensação de consciência.

De maneira breve, fiquei sabendo onde os membros da família estavam ou onde estariam. Nenhuma das irmãs convivia com os irmãos. O contato entre os irmãos tinha sido retomado poucos anos antes, no início da década de 1980, quando Christopher, o quinto filho, decidiu localizá-los após retornar à Irlanda vindo da Austrália. A filha mais velha, 154

Mary, quem esperava ter encontrado primeiro, morrera aos 24 anos, ou seja, antes de eu ter nascido. Quando soube disso, lutei contra a dor, deixando-a de lado por um tempo, para sofrer depois no tempo certo.

O filho de Mary demonstrou interesse em me ver e falar sobre as lembranças. Disse que adoraria e que marcaria um encontro assim que possível.

Depois do telefonema, sentime muito, mas muito feliz mesmo. A empolgação misturou-se ao alívio e a minha vida se tornou mais fácil de ser vivida.

Na manhã seguinte, entrei em contato com a pesquisadora da televisão para informá-la desse novo acontecimento. Ela sugeriu que entrevistassem o Sonny primeiro, antes que eu o encontrasse. Sentime bastante protetora e um pouco desapontada, mas concordei que ela ligasse para descobrir o que ele achava da idéia. Quando ela me ligou de volta, soube que ele pareceu bastante feliz com a entrevista, agendada para a sexta-feira seguinte.

Isso significava que teria de esperar novamente, algo que sempre achei difícil. Ela me disse que dessa vez não demoraria, mas para garantir que a pesquisa fosse conduzida de maneira adequada, me pediram para não fazer nenhum outro contato. Queriam fazer perguntas a Sonny e comparar suas respostas aos detalhes que eu já fornecera sobre sua mãe e sua infância.

O assunto tinha sido tirado das minhas mãos. Ao mesmo tempo, cheguei à conclusão de que era mais fácil abordar a família de uma maneira oficial como essa, com uma chance maior de ser levada a sério. Já tendo estragado o meu contato

inicial com Jeffrey, o filho que encontrara na Irlanda, me convenci de que qualquer coisa que pudesse melhorar a situação seria válida. Não havia mais muitos membros da família com quem pudesse entrar em contato, não queria arriscar dessa vez.

Como era de se esperar, senti um pouco de ciúmes por que, na sexta-feira, uma outra pessoa encontraria o filho mais velho de Mary primeiro. Somente na quarta-feira seguinte tive a noção do quanto demoraria antes que eu também o encontrasse. Sonny se animou com a idéia de aparecer em frente de uma câmera, assim tiveram de preparar uma equipe de filmagem para estar presente no momento em que nos encontrássemos pela primeira vez, o que levaria algumas semanas para acontecer. Neste ínterim, não deveria haver contato entre nós dois a fim de que os detalhes pudessem ser analisados de maneira adequada, sem que pudssemos fazer comparações. Pediram-me para lembrar mais detalhes específicos e anotar qualquer coisa que pudesse acrescentar ao material já enviado ao pesquisador.

Troquei cartas e telefonemas com Gitti durante quatro meses. Ela também mantinha contato com Sonny enquanto eu aguardava alguma data definitiva ou decisão nesse sentido. Às vezes, a frustração me deixava irritada e difícil de lidar, mas tudo foi conduzido de maneira cuidadosa. Ela me acalmou dizendo que o tempo era importante, pois podia ajudar Sonny a refletir com calma sobre o assunto. Ela contribuiu sendo atenciosa nos contatos com ele, algo com o que me preocupava.

Após uma série de adiamentos, a rede de televisão me deu algumas datas provisórias para a filmagem. Então, 156

alguns dias depois, Gitti ligou e, desculpando-se, disse-me que a minha história nem o outro caso britânico seriam incluídos no documentário.

Ela me garantiu que essa decisão não se devia à veracidade do meu caso.

A decisão era parcialmente política e, em parte, porque o chalé não estava mais

de pé. Como a televisão é uma mídia visual, a falta de evidência imagética fora um fator decisivo. Certamente, o fato de o chalé não mais existir, e ainda assim eu estar feliz em descrevê-lo não tornava o caso mais forte?

Sonny e eu ficamos desapontados. Mas isso significava que agora poderíamos enfim nos encontrar. Os meses entre maio e setembro não tinham sido em vão. Liguei para Sonny para perguntar se podia visitá-lo, e combinamos de nos ver na semana seguinte. No restante daquela semana, desejei que o tempo passasse o mais rápido possível - não esperava a hora de encontrar o garoto, o homem, o qual conhecera em meus sonhos há tanto tempo.

8. Reuniões.

Em 23 de setembro de 1990, enfim visitei o filho mais velho de Mary. A viagem de carro de minha casa a Leeds durou três horas, e a minha família me acompanhou. Apesar de uma parada no meio do caminho, chegamos bastante cansados. Estava empolgada, nervosa e visivelmente tremendo.

Como a casa de Sonny está localizada na periferia da cidade, precisei utilizar um mapa de ruas bastante detalhado para encontrá-la no meio de tantos conjuntos habitacionais construídos no pós-guerra. A casa fica acima do nível da rua. O jardim bem cuidado demonstrava sinais de desgaste provocados pelo verão longo, quente e seco.

Sonny veio nos receber à porta. Aparentava estar um pouco mais magro que o comum na sua idade. Além disso, era um homem esbelto, sinal de uma vida de muita atividade física. Era tranquilo, gentil, bem-educado e tinha um sorriso acolhedor, o que imediatamente me deixou à vontade. Sem cerimônia, nos convidou para entrar.

Como Gitti sugerira que nosso encontro fosse gravado, levei um gravador comigo, mas sentia que usá-lo poderia ser visto como uma indelicadeza.

De qualquer modo, começamos a falar e, como não paramos por um bom tempo, nem tivemos tempo para pensar em ligar o gravador!

Enquanto sua esposa gentilmente nos servia xícaras de chá e conversava com meu marido e meus filhos, o filho de Mary pôde saber mais sobre os sonhos e lembranças que tinham me motivado a iniciar a busca por ele e sua família. Descobri como as minhas lembranças eram exatas e detalhadas.

O meu nervosismo deve ter transparecido. Às vezes, ficava travada enquanto Sonny aparentava bastante tranquilidade. Não demorei a descobrir que ele não

tinha problemas para conversar com outras pessoas. Nos encontros seguintes, Sonny comentou sobre o meu nervosismo nesse dia, mas ao menos entendeu minha situação.

Ele perguntou qual era a minha explicação para as lembranças. Era importante que respondesse cautelosamente. Disse que, a meu ver, só podia ser um caso de reencarnação, mas que essa não era a única explicação possível. Não esperava que ninguém pensasse como eu. Ele refletiu sobre o que falei e pareceu satisfeito com essa hipótese.

Sua reação me causou um enorme alívio. Ficara com tanto medo. Como sempre achei que se tratava de um caso de reencarnação, via os filhos de Mary como sendo meus, só que de um tempo distante. Não tinha nenhum 160

problema para lidar com isso, apesar de que Sonny tinha idade para ser meu pai! Enquanto ele descrevia sua vida, senti o que pode ser descrito apenas como um orgulho materno de tudo que ele já alcançara na vida.

Igualmente, senti uma angústia quando, depois, ele me contou os momentos difíceis que passou.

Gitti nos enviara uma lista de comparações que ela tinha preparado, pois não havia mais nenhum motivo de impedir que comparássemos nossas versões. Tal lista nos deu uma idéia do que poderíamos esperar e sobre o quê poderíamos conversar. Eram muitas páginas datilografadas, que cobriam diversos assuntos detalhados por nós. Agora, comparávamos esses assuntos tópico por tópico.

Depois que recebi o documento, passei um bom tempo o analisando. Fiquei fascinada com as informações que se provaram corretas, inclusive detalhes mínimos. Mostrava trechos para o meu marido e falava: “Veja isso!”, “isto estava certo também!” e “até mesmo aquela vaga lembrança do cachorro era verdadeira”. Quando me encontrei de fato com Sonny, este sentimento inicial de euforia já diminuía um pouco. Utilizamos a lista como um ponto de partida para a nossa conversa, mas a maior alegria para mim era simplesmente o fato de estar lá.

A reação de Sonny ao conteúdo da lista foi maior que a minha. Ele não esperava que minhas “lembranças” fossem tão corretas. Sentime num estado de

nervosismo estranho, uma mistura de cansaço e alívio, enquanto ele recebia cada revelação sobre sua infância com entusiasmo e surpresa.

Como alguém podia saber tanto sobre a sua vida particular?

Durante a maior parte da conversa, minha filha ficou abraçada comigo, não querendo ser excluída. Achei sua proximidade reconfortante.

Inicialmente, falei sobre o chalé com o Sonny. Era uma casa pequena localizada à entrada da mansão Gaybrook, mas infelizmente nem o chalé nem a mansão estavam de pé. Ambas foram demolidas em 1959, segundo a pesquisa de Gitti. Descrevera o chalé como tendo um único andar, sendo de cor marrom ou de tom sépia, ou até branca. Sonny confirmou que, durante uma época, tinham passado cal nas paredes. O telhado nunca foi coberto de raízes ou folhas e tinha um declive acentuado, exatamente como me lembrava. O chalé ficava na margem da estrada, em frente ao portão da mansão, segundo Sonny, com uma porta ao centro. Os quartos ocupavam da frente aos fundos da casa e, de fato, havia um biombo de madeira logo após a porta de entrada, o que forçava as pessoas a virar à esquerda ou à direita. Sonny também confirmou que havia cômodos anexos do lado de fora.

O portão na entrada tinha o tamanho de um portão de fazenda e a estrada tinha sido mesmo asfaltada. Lembrava-me de quando a asfaltaram, as máquinas a vapor trabalhando e o cheiro do piche. Sonny se lembrava disso também. Ele disse ainda que o portão formava um semicírculo com três portões, um grande e dois pequenos.

Um muro de pedra, que descrevera como sendo desconfortável para se apoiar, ficava entre o chalé e a estrada. Achava que havia pedras na parte de cima do muro, o que era verdade. Do mesmo modo, tínhamos descrito, de maneira semelhante, o pedaço de terra ao lado do chalé, utilizado para o cultivo de verduras, e a corrente d'água que 162

corria do sul ao norte em direção ao mar, passando sob uma ponte da estrada.

Lembrava que, ao entrar no chalé, era escuro e sabia que havia janelas na frente, poucas ou nenhuma nos fundos, e nenhuma perto das pilastras.

Sonny confirmou que as duas únicas janelas ficavam no mesmo lado da porta da

frente. Eram duas janelas ovaladas, uma em cada quarto.

Dissera que o chalé foi alugado de um homem chamado Mac, que trabalhava no litoral. De fato, a casa pertencia a uma família chamada MacMahon, que também era dona da mansão Gaybrook. Como em outras recordações, o trabalho no litoral talvez tenha sido parte de outra lembrança, o que acabou me confundindo. Era possível ainda que Mac tivesse outras propriedades na costa da Irlanda.

A posição na lateral da estrada da região pantanosa, conhecida como “fundos” pela família segundo Sonny; e da floresta, ao lado da casa, foram mencionadas por nós dois. Ele se lembrava de brincar lá quando criança.

Quando falamos sobre a espera de Mary no cais, sozinha ao crepúsculo, Sonny ficou bastante animado e me mostrou um mapa de Malahide. Ele indicou o cais que eu visitara e o qual sentira ser o mesmo das minhas lembranças. O cais era originalmente de madeira, exatamente como descrevera.

“Vou te contar por que você se lembra daquele cais”, disse Sonny.

“Quando era garoto, costumava trabalhar como carregador de tacos para jogadores de golfe da ilha e, no fim da tarde, mamãe me esperava no cais para que pudéssemos voltar juntos para casa.” Ele ganhava alguns centavos e dava uma parte para a mãe. Portanto, esperava por um barco, mas,

na verdade, tratava-se apenas de um barquinho. Disse a Sonny que devia ser frio, já que podia sentir isso mesmo usando o xale, e ele concordou que realmente era frio por causa do vento marinho.

Falamos sobre os campos e as árvores nos arredores do chalé. As crianças capturavam pássaros, utilizando sacas de papel marrom cheias de milho ou com a luz da lanterna para confundi-los à noite. Se não fosse por essas capturas, não teriam como comer carne. Sonny me contou como os irmãos comiam legumes crus do campo, que eram descascados com canivete. Ele realmente teve o cãozinho preto que eu descrevera.

As crianças andavam descalças e suas roupas eram feitas com retalhos de tecidos velhos costurados pela mãe. Algo que também fazia para meus filhos. Sonny descreveu sua mãe como uma boa costureira, confirmando a veracidade de outra lembrança.

Na lista de comparações, havia a descrição da lebre capturada na armadilha. Descrevi a posição da armadilha, dizendo ainda que a cena ocorrera no início de uma manhã e que Sonny tinha por volta de 11 anos.

Falei por alguns minutos e, então, ele me olhou e disse: “Como você sabe disso?”

Pensara que a lebre ainda estava viva quando foi encontrada. Sob hipnose, dissera simplesmente: “Ainda está viva!”. Naquela tarde, Sonny me disse que a lebre realmente estava viva. Esta era a primeira informação que eu dava que o deixava impressionado pela sua exatidão. O

incidente só era conhecido por ele e sua família, como alguma pessoa estranha sabia disso?

Falamos um pouco sobre a comida. O prato principal do dia-a-dia consistia de batatas com casca cozidas, manteiga e uma jarra de creme de leite. Sonny começou a falar do mingau de aveia que sua mãe preparava no café-da-manhã, dizendo que ela usava uma aveia especial. Uma vez, também tinha utilizado essa aveia e sabia que, com ela, era possível se fazer um mingau mais grosso do que com a aveia comum.

Então, falou sobre o fogão de pedra sobre a lareira, do qual me lembrava bem. Fiquei muito empolgada. Afinal, eram muitos os detalhes exatamente iguais às minhas lembranças.

Assim, tornava-se fácil esquecer que não tínhamos compartilhado nosso passado de maneira convencional. Sentar na aconchegante sala do filho de Mary e conversar com ele sobre os anos que sentia ter perdido foi uma experiência traumática, mas me fez sentir mais confortável do que nunca.

O fato de Sonny ter sido tão gentil e receptivo foi maravilhoso. Se ele não tivesse sido tão atencioso e fosse menos capaz de aceitar revelações tão extraordinárias, acho que não teria forças para continuar a minha busca.

Conversamos também sobre as pessoas mais próximas a Mary: seus filhos.

Minhas descrições eram bastante precisas, mas descobri que algumas eram melhores que outras. Sonny lembrava que o garoto mais novo, Francis, era quieto e gostava de ficar mexendo na roupa. Ele me mostrou uma fotografia recente dos irmãos, de anos atrás, quando tinham se reencontrado. Nesta foto, Christopher me lembrou bastante o pai de Mary, pelo porte físico e pela aparência. O estranho 165

era que, na fotografia, ele devia ter a mesma idade do pai de Mary em minha lembrança.

A pequena e bonita menina loira, de quem me lembrava, era a sétima criança, Bridget. Segundo Sonny, a mais nova, a bebê Elizabeth, era bem parecida com a boneca que eu escolhera na infância e para quem tinha dado o mesmo nome:

ela tinha olhos azuis e o cabelo loiro escorrido. Seria minha boneca uma substituta psicológica de Elizabeth?

Dois bebês não sobreviveram. Um morreu entre o nascimento de Sonny e Mary, assim como o garoto do qual me lembrei antes da criança mais nova, Sonny lembrava-se bem dele. Tanto Mary como seu marido tinham sido avisados que ela corria risco de morte caso tivesse mais filhos. Um ano depois, Mary deu à luz novamente, o que realmente provocou sua morte.

Sonny ainda culpava seu pai por isso.

Minha descrição de Mary tinha sido aceita. Sonny disse que ela era de estatura mediana, o que explicava porque, quando eu tinha 13 anos, sentia que estava muito alta. Mary era uma pessoa firme, forte e feliz.

Prendia o comprido cabelo preto em um coque. Por várias vezes, descrevera as roupas de Mary: a blusa de manga três quartos com punhos estreitos, a saia preta na altura dos joelhos e o xale. Sonny confirmou que minhas descrições estavam corretas. Aparentemente, ela não usava jóias, brincos ou anéis, somente a aliança de casamento.

Sonny teve uma reação muito positiva quando falei das lembranças da amiga que passava um tempo na casa e falava com Mary enquanto ela trabalhava. Acreditava também que esta amiga acompanhava a família à igreja aos domingos.

Ela não se chamava Molly, como pensara, mas Mary Monahan. Ela também participava daqueles passeios na cidade, sem a presença das crianças, dos quais me lembrava vagamente. Mary e a amiga iam de bonde à cidade nas sextas-feiras à noite, na direção do mercado.

Nesse momento, interrompi Sonny e descrevi, com riqueza de detalhes, o mercado e a rua. Ele não conseguia se lembrar se havia ou não uma caixa de correio onde eu descrevera. Não me lembrava das linhas de bonde, mas o restante era igual - ruas de paralelepípedos e barracas. Sentime aliviada. Sempre tentei situar esse mercado em Malahide, mas não conseguia, agora enfim entendia o porquê. Sonny me disse que se tratava da rua Moore em Dublin, muito próxima ao Hospital Rotunda. Sonny e o filho de Mary Monahan voltavam de bonde, e os dois garotos acompanhavam suas respectivas mães no caminho para casa.

A lembrança do pai de Mary sempre me trouxera sentimentos profundos de afeição e amor. Tinha me lembrado dele como alguém vestido com roupas velhas e que trabalhava no campo. Não estava certa quanto ao seu trabalho. Sonny me disse que ele trabalhava na estação de trem em Portmarnock, um vilarejo ao sudoeste de Malahide. Ele morava na casa da estação. Apesar de ter memórias de ver os trens a vapor, mas não de viajar neles, não consegui estabelecer essa relação. Tudo fez mais sentido quando me disseram que Portmarnock era apenas uma estação de passagem, onde os trens geralmente não paravam. Seu trabalho era o de manter a estação limpa e cuidar dos campos que faziam parte da companhia ferroviária. Não usava um uniforme, mas uma

calça listrada de veludo amarrada no tornozelo com um barbante. Tinha vindo de Yorkshíre e fora empregado pelos donos britânicos da ferrovia.

Tinha um ótimo senso de humor, o que também era lembrado por Sonny.

Descrevera a casa dos pais de Mary como sendo isolada e feita de pedra.

De fato, as casas das estações de trem costumam não ter vizinhos.

Dissera que a estrada se chamava alameda Walldown. O nome correto era alameda Watery, ao menos acertara a letra inicial. Mary e seu marido tinham vivido por lá logo após o casamento, antes de se mudarem primeiramente para Kinsaley, a sete quilômetros de Malahide; e depois para Gaybrook. Teria sido lá que a família Lett morara, em algum lugar dentro de Portmarnock ou nas cercanias?

Os dois irmãos de Mary dos quais me lembrava e que tinham ido para o exterior se chamavam Michael e Christopher. Michael foi para a Inglaterra, na cidade de Kettering em Northamptonshire, enquanto Christopher morreu aos 19 anos durante a Primeira Guerra Mundial, em Lucknow, na Índia. Foi a foto de Christopher, vestido como soldado, que eu mencionara vagamente como estando fixada na parede do chalé. Uma foto bem grande cercada por uma lista de batalhas em forma de ferradura.

Outra fotografia do chalé, da qual me lembrava, era da própria Mary, com seu cabelo num coque.

Aparentemente, Mary tinha também uma irmã, apesar de não ter me lembrado dela. Ela teve quatro filhos e viveu em Malahide, na colina, a continuação da rua Church. Sonny contou que costumávamos visitá-la, o que esclareceu uma das minhas dúvidas. Para se chegar e sair da colina, Mary precisava passar pelo açougue e pela igreja de Saint Andrew, a 168

qual descrevera tão claramente e desenhara com base em minhas lembranças.

Perguntara-me onde Mary costumava ir. Enfim, obtive a resposta.

Minhas lembranças do esposo de Mary sempre tinham sido escassas.

Lembrava-me dele quando jovem, esperto e bonito, mas um tanto fútil e arrogante. Um pouco de auto-estima naquela idade fazia com que ele parecesse mais atraente aos olhos da jovem e um tanto inocente Mary.

Certamente, lembro-me de sentir-me atraída por ele. Porém, mais tarde, ele raramente aparecia e os sentimentos tinham mudado de natureza.

Sentia que ele via as crianças como rivais na disputa pela afeição de Mary, e suas poucas palavras eram breves e grosseiras. Lembrava-me dele como soldado na Primeira Guerra Mundial e, mais tarde, trabalhando com peças grandes de madeira no alto de telhados. Via um homem trabalhador, forte, de ombros largos e estatura mediana.

O marido de Mary trabalhava como colocador de telhados, o que concordávamos ser um trabalho especializado. Ele trabalhava com orgulho, usando grandes estacas de madeira amarradas por cordas. Daí a lembrança do trabalho sobre o telhado, as peças grandes de madeira e o cheiro de serragem. Ele se chamava John Sutton e servira como soldado, mas não era britânico. Ele era do condado de Kildare, na Irlanda. Durante a Primeira Guerra Mundial, lutou junto com os fuzileiros reais de Dublin. Sonny também achava que ele era um homem muito inteligente, esbelto e de estatura mediana. Disse ainda que tinha cabelos pretos levemente grisalhos nas laterais.

Sonny me contou que seu pai fora violento tanto com a mãe como com seus filhos, batendo nela e nas crianças com 169

um cinto de ponta de metal. Bebia muito e passava a maior parte do tempo no bar. Se Mary precisasse de dinheiro para as compras da casa no final de semana, ela devia pedir enquanto ele ainda estava sóbrio, antes que gastasse tudo em bebida.

Essa revelação me fez entender muitas coisas. Explicou o forte sentimento de responsabilidade pelas crianças, o qual nunca pude compreender plenamente; a preocupação silenciosa e o medo recorrente.

Como Mary, não tinha recordações da violência doméstica. No entanto, da mesma maneira, na minha vida atual, não me lembrava das agressões de meu pai. Em ambas, soube da violência por terceiros e lembrava-me somente da sensação de medo. Acredito, e isso é reconhecido pela Ciência, que quando pessoas sofrem um acidente ou um forte trauma, tendem a apagar a pior parte da experiência. O abuso, seja físico ou mental, prejudica a auto-estima. Ao lembrarem disso com clareza, as vítimas ficam com tanto medo da vida que se torna impossível continuar a viver. Ou se vive com medo constante e sem qualquer auto-respeito, ou se empurra os acontecimentos o mais longe possível para continuar a viver. Isso era de certo modo o que fizera durante toda a minha vida, graças ao que sofrera durante a infância. Quando percebi que, como Mary, carregara o mesmo tipo de terror reprimido, não me questionei mais sobre os problemas que tinham ocupado minha vida.

Como Mary, lembro-me do medo, mas não a razão pela qual sentia esse medo. Lembro que o marido de Mary não ficava na casa por muito tempo e, mesmo assim, tinha de esperar e estar pronta para quando ele voltasse.

Lembro de um sentimento

de precisar fazer as coisas adequadamente, mas não da punição que seria aplicada caso não as fizesse do modo correto. A emoção principal era sempre uma grande necessidade de proteger e ser responsável pelas crianças.

Pensando sobre John Sutton, o marido de Mary, comecei a sentir mais pena do que raiva dele. Se tivesse sido alguém capaz de falar de seus sentimentos, se não tivesse de trabalhar por tantas horas seguidas, se não tivesse tido tantos filhos, poderia ter sido um homem diferente?

Após a morte de Mary, ele ainda ficou mais uns anos no chalé. Mais tarde se casou de novo e foi para a Escócia no final de 1939 ou no início de 1940. Como era de se esperar, isso me deixou brava, sobretudo quando Sonny continuou a história do que tinha acontecido com as crianças.

O melhor de meu encontro com Sonny, além de ter conhecido uma pessoa adorável, foi o fato de descobrir enfim o que acontecera à família após a morte de Mary. As notícias sobre as crianças não eram nada boas, mas ao menos agora sabia.

A bebê Elizabeth foi levada por seu tio paterno enquanto o pai estava fora. Sonny a entregara ao tio e, por isso, foi repreendido severamente pelo pai. Ele não passava de um menino que tentava fazer aquilo que seu tio pedia. Aos 13 anos de idade, não era capaz de cuidar de um bebê, assim como seu pai, que trabalhava o dia inteiro. O pai foi à casa do irmão, em Leixlip, no condado de Kildare, para pegar a criança de volta. O irmão se recusou a devolvê-la. Com o tempo, o marido de Mary teve de aceitar a derrota. A garota foi

adotada pela família do irmão. Não convidavam Sonny para visitá-la. Assim, nunca mais a viu novamente.

Os outros filhos, com exceção de Sonny, foram colocados sob custódia das autoridades, pois o pai foi considerado incapaz de cuidar deles. Os três meninos foram enviados à escola industrial Artane, um orfanato cristão em Dublin. Fugiram de lá um ano depois, e foram colocados numa instituição em Cork. Sem possibilidades de viajar para tão longe, Sonny perdeu contato com eles por aproximadamente cinquenta anos. As três outras garotas foram enviadas a uma escola de freiras em Booterstown, Dublin. Assim, Sonny teve a oportunidade de visitá-las periodicamente.

Apesar de saber que devem ter odiado o que tiveram de passar após a morte de Mary, não conseguia deixar de pensar que tiveram um destino melhor do que se tivessem permanecido em casa.

Para Sonny, porém, que continuou em casa, as coisas se tornaram muito piores. Seu pai deve ter se sentido arrasado e se tornado mais violento.

Aos 17 anos, Sonny mentiu sobre sua idade e entrou para o exército.

Depois, se casou, foi para a Inglaterra e entrou para a Força Aérea Real. Sua primeira esposa morreu, mas depois ele se casou novamente e foi feliz.

Com Sonny na Inglaterra, Mary, a filha mais velha, foi tirada da escola de freiras e enviada de volta para casa, a fim de cuidar do pai. Sabendo o quão difícil fora a vida de Sonny durante os anos de convivência com o pai, tendo de agüentar surras e agressões constantes, imaginava bem o que acontecera com a irmã. Ela também acabou escapando daquela vida.

Felizmente, encontrou um marido atencioso e amável.

No entanto, morreu tragicamente pouco tempo depois, durante um trabalho de parto.

Philomena e Bridget eram muito mais novas que Sonny. Assim, enquanto ele servia no exército, elas ainda estavam no convento. Antes de deixar Dublin em definitivo, viu as duas irmãs casadas e com filhos, Philomena teve oito e Bridget, dois.

Pouco mais de uma semana depois de ter visitado o filho de Mary, estava tão feliz a ponto de não entender a real dimensão daquele encontro.

Achava difícil e doloroso lembrar da minha infância, pois ela tinha sido bastante desagradável. Estava com 13 anos quando os meus pais se separaram e, apesar de a vida ter sido uma luta constante a partir daquele momento, minha mãe conseguiu cuidar de nós. Ela foi capaz de encontrar um lugar para morarmos, conseguir o dinheiro necessário para nos alimentar e, conseqüentemente, nos proporcionou uma vida melhor, ainda que muito humilde. Sonny também tinha 13 anos quando sua mãe morreu. Sua vida doméstica fora sempre ruim, com um pai bêbado que batia na mulher e nos filhos. Porém, após a morte de sua mãe, sua vida se tornou muito pior.

Fizera a pessoa que tanto procurei e, cujo bem-estar era muito importante para mim, lembrar e reviver os piores momentos de sua vida.

Mas Sonny parecia ter me aceitado e escrevíamos freqüentemente um para outro. Enquanto eu estava tentando dizer coisas que não fora capaz de falar em nosso encontro, ele tentava descrever mais uma vez como fora sua infância após a morte de Mary. Ele enviou esta linda carta a Giffi: 173

Após a morte de minha mãe em 1932, minha vida aos 13

anos estava passando por uma turbulência. Quem me dava apoio partira para sempre... Ela se dedicara aos seus filhos e, ao mesmo tempo, tinha de agüentar as surras e os olhos escuros. Muitas vezes, quando garoto, fiquei entre os meus

pais durante as brigas, e o meu pai, bêbado, batia em mim pela interferência. Era pior quando ele voltava bêbado do bar com cortes no rosto por ter lutado com os amigos. Ele descontava sua raiva em minha mãe e em nós, seus filhos. Nenhum de nós estava seguro quando ele bebia.

Mais adiante na carta, ele descreve o tipo de alimentação que tinham para sobreviver.

Nosso prato principal era batata com casca cozida no leite com a manteiga que minha mãe arranjava com o fazendeiro. Comíamos geralmente à noite. Quando escurecia, íamos ao campo e roubávamos batatas, repolhos e nabos para que mamãe pudesse nos alimentar. Muitas vezes, ela não conseguia nenhum dinheiro com meu pai, pois ele gastava tudo o que tinha no bar.

Alguns dos meus irmãos trabalhavam no campo por uns trocados, outros iam à floresta cortar galhos das árvores e pegar gravetos para servir de lenha para a minha mãe cozinhar. Mas se não conseguíssemos pegar lenha suficiente e o almoço do meu pai não ficasse pronto, minha mãe e nós, os seus filhos, levávamos uma boa surra.

Ela era jovem, mas aparentava ser muito mais velha. Sua vida se esvaíra com os partos e com os abusos que sofria.

Numa visita posterior, descobri, para meu alívio, que o ato de lembrar da infância não fora apenas uma experiência dolorosa para Sonny. Enfim, ele conseguira desabafar, o que teve um efeito muito mais positivo do que negativo.

Pouco tempo depois, Sonny me enviou outra carta, novamente sobre os anos seguintes à morte de Mary.

Estava somente com 13 anos de idade. Precisava ir à escola e trabalhar no campo e, quando chegava em casa, tinha de cuidar dos afazeres domésticos. A refeição do meu pai precisava estar pronta no momento que ele chegava, senão eu apanhava.

Parei de estudar aos 14 anos e fui trabalhar para um fazendeiro em Yellow Walls. Minha jornada de trabalho começava às 4 da manhã.

Seu trabalho consistia em carregar duas carroças com verduras e legumes, como batatas e repolho, palha ou feno. Então, conduzia as carroças por mais de trinta quilômetros até os mercados de Dublin, onde ficava até 18h30 ou 19h, ou até toda a carga ter sido vendida. Às vezes, precisava entregar alguns dos itens em outros bairros da cidade antes de ir para um depósito, onde carregava as carroças com adubo para a viagem de volta a Malahide. Quando chegava, jantava na casa do fazendeiro e depois descarregava as carroças e as carregava novamente para o dia seguinte.

Tudo acabava tarde da noite. Ele recebia menos de uma libra por semana, nunca em dinheiro, “O fazendeiro tinha também uma loja”, dizia, “então, em vez de receber em dinheiro, ganhava meu salário em cigarros para meu pai, pão, chá e açúcar”.

Se Sonny ficasse em casa, precisava mantê-la arrumada para o pai como sua mãe costumava fazer quando era viva, e ele sentiu toda a força de sua violência. “Eu tinha mais olhos escuros e hematomas que um boxeador”, dizia. Frequentemente passava fome e os vizinhos começaram a alimentá-lo.

Agüentei essa situação por um ano. Depois comecei a dormir fora de casa, em celeiros defeno, fossos e qualquer lugar onde conseguia abrigo para passar a noite. Meu pai saía à minha procura. Ele me encontrou algumas vezes e até hoje não esqueço as surras que sofri. Meus amigos e vizinhos não me davam abrigo, pois quando meu pai descobria, ele ia até a casa deles para arranjar problema. Às vezes, ele mandava a polícia procurar por mim. Agüentei essa vida apenas por quatro anos.

Entrar para o exército ainda menor foi provavelmente a melhor coisa que Sonny podia ter feito, pois assim ficou

livre de seu pai para sempre.

Toda a vez que me encontrava com Sonny, surgiam mais evidências relacionadas às minhas lembranças da outra vida, ou a aspectos do meu próprio comportamento, que se pareciam com os da vida passada. Sonny me disse que seus pais discutiam, o que primeiramente interpretei como uma discussão iniciada tanto por Mary como por seu marido. Porém, aparentemente, Sonny me disse que tudo partia do pai, que Mary não ousava contradizer e combater. Isso parecia coincidir com minhas lembranças. Essa atitude combinava com o meu modo de ser na infância e no início da idade adulta. Se qualquer pessoa levantasse a voz 176

ou fosse especialmente enfática, preferia ficar quieta do que defender meus pontos de vista. Apenas recentemente descobri que, às vezes, é possível defender

seu ponto de vista educadamente, sem medo de represálias, mesmo quando os outros levantam a voz.

Outras peças do quebra-cabeça começaram a se encaixar.

Nunca tivera certeza se o marido acompanhava a família à igreja.

Aparentemente, ele era católico e os acompanhava à igreja protestante, mas nunca entrava. Provavelmente, esse detalhe me deixara muito confusa.

Sonny falou sobre a garagem na esquina da estrada Swords, a qual não tinha reconhecido em minha visita a Malahide. Conversando, chegamos à conclusão de que ela fora construída poucos anos depois de um incêndio numa residência perto da esquina. O incêndio ocorreu em 1926. Em outras palavras, a garagem deve ter sido construída na época da morte de Mary ou até mesmo depois.

Pensava que a cozinha ficava no lado do chalé próximo à estrada, estendendo-se por toda a residência, o que era verdade. De qualquer maneira, havia apenas dois cômodos. Todas as crianças dormiam em duas camas no quarto, enquanto Mary e o marido dormiam na cozinha.

Entretanto, tendo o chalé apenas dois cômodos, a palavra “cozinha” não consegue descrever as múltiplas funções daquele cômodo.

Devido à minha paixão por música folclórica irlandesa sobretudo executada ao vivo, não fiquei surpresa ao descobrir que os únicos momentos de diversão da família eram duas ou três viagens, ao ano, para Crossroads, em Yellow Walls, onde um grupo de dança tradicional se apresentava.

Certamente, essa era a viagem na direção oposta ao centro de Malahíde da qual me lembrava.

Sonny me falou de um depósito de construção em Malahide que pertencia a algum parente do esposo da irmã de Mary. Quando ele me deu a localização - no The Mali, do lado oposto ao final da rua Church -, confirmei que o depósito não estava mais lá. Então, perguntei sobre os grandes portões de madeira que, de certa forma, eram importantes em minhas lembranças.

Como o depósito de construção tinha grandes portões de madeira, outro quebra-cabeça se completava.

Descrevera um pão redondo e fino e descobri que se tratava de um pão tradicional irlandês. Quando Sonny disse que preferia o pão feito no tacho, fui capaz de descrever como a massa do pão subia até a beirada do tacho quando estava cozida.

Sempre que via Sonny, falava com ele ou recebia uma carta sua, outras peças eram adicionadas ao quebra-cabeça e tudo ficava mais claro.

Sonny me incentivou a entrar em contato com Frank e com Christopher para que soubessem o que estava acontecendo. Ele sabia que era preciso prudência para falar sobre o assunto e desejava que eu fizesse esse contato. Escrevi para ambos, mas nenhum deles respondeu. Porém, como um resultado direto das minhas cartas, ambos voltaram a escrever para Sonny. Ao menos, isso foi positivo. Estava feliz que meus instintos maternos tinham servido para reativar os laços familiares.

Então, em outubro de 1990, através de um anúncio que colocara no jornal Evening Press de Dublin, tive notícias da filha mais jovem de Mary, Elizabeth, a garota que tinha sido adotada pela família do irmão do pai.

Fiquei extremamente feliz. Agora, era conhecida como Betty Keegan e vivia em Rathfarnham. Tinha sessenta anos, era casada e tinha seis filhos. Somente aos 16 ou 17 anos, soube que tinha sido adotada e que tinha irmãos e irmãs. Naquela época, não tinha como saber onde estava o restante de sua família. Ela sempre quis encontrar seus parentes e o anúncio no jornal pareceu um presente dos céus. Porém, sua carta era reservada e cautelosa, escondendo suas verdadeiras emoções, reveladas mais tarde.

Como agora já sabia o que acontecera com as crianças e recebera uma resposta tão positiva de Sonny, não senti uma necessidade imediata de explicar a Betty o real motivo do meu envolvimento com sua família. Era mais importante dar-lhe a oportunidade de descobrir mais sobre sua família sem que me envolvesse nisso ou acrescentasse uma complexidade desnecessária. Coloquei-a em contato com Sonny, e também lhe dei os endereços dos outros três irmãos caso ela quisesse contatá-los.

Outro motivo de minha reticência era que, dos quatro irmãos com os quais entrara em contato, somente Sonny quisera falar comigo. Jeffrey nunca mais deu notícias e Christopher preferia perguntar para Sonny sobre o assunto do que entrar em contato diretamente comigo. Mas, conforme o tempo passou, fui aceita por mais membros da família.

Em outubro, escrevera novamente para Frank, a fim de informá-lo de que localizara sua irmã Betty. Somente no fim 179

de dezembro, as filhas de Frank me escreveram, desculpando-se pela demora em responder. Explicaram-me que o pai estava muito cético e que não acreditava em reencarnação. No entanto, estavam interessadas e queriam saber mais sobre sua avó e a história da família. Será que eu podia satisfazê-las? Uma lenta, porém constante troca de cartas começou.

Ter contato com um número cada vez maior de pessoas da família de Mary foi um grande alívio para mim, e me senti incrivelmente feliz. Mas havia alguns ajustes em minha própria vida que não tinha previsto.

Não me ocorrera que meus filhos poderiam se sentir ameaçados com a descoberta dos filhos de Mary, já que tínhamos uma relação tão íntima e de confiança. No entanto, minha filha passou por uma fase difícil quando percebeu que principalmente Sonny continuaria a fazer parte de minha vida. Sofrendo de algo que posso descrever como uma rivalidade infantil, precisou que eu repetisse diversas vezes que ela era especial em minha vida e que continuaria sendo assim. Tive de conduzir a conversa com muito cuidado. Não podia diminuir meus sentimentos pelos filhos de Mary na sua frente, senão ela podia achar que se tornaria menos importante para mim com o tempo ou quando ficasse mais velha. Entretanto, precisava saber que aquilo que sentia por ela era realmente especial. Acabamos chegando a uma solução aceitável. Ela era especial, todos os filhos são especiais para suas mães, e meus sentimentos pelos filhos de Mary também eram especiais, mas diferentes, pois eu tinha mudado. Aos poucos, o ciúme foi diminuindo conforme passávamos nosso tempo falando sobre o assunto até ela se sentir mais segura.

Meu filho não reagiu do mesmo modo, mas não conseguia deixar de compará-lo a Sonny na mesma idade. São pessoas muito diferentes, mas alguns dos sentimentos e das semelhanças tornam necessária uma comparação. Identifico o mesmo sentimento de independência e responsabilidade, a mesma visão aberta, mas realista, da vida; melhoradas por uma educação e uma atenção que distinguem um homem de seus iguais. É com grande alegria que aguardo pelo futuro que sinto ter sido roubado de mim no passado, isto é, de ter a oportunidade de ver meus filhos se tornarem adultos.

Durante a busca pela minha família da outra vida, compilara um grande e pesado arquivo de cartas e informações. Guardara a conta do hotel em Malahide, minhas passagens aéreas e cada carta daí em diante. Tinha mapas adquiridos a partir da década de 1980, assim como centenas de cartas de orfanatos e de pessoas com o mesmo sobrenome de Mary e dos filhos, que podiam ser parentes. As cartas mais importantes eram do senhor Mahon da estrada Swords e do padre de Dublin que fora muito gentil. Tinha também a certidão de óbito de Mary, as certidões de nascimento de Jeffrey e Elizabeth, e todas as correspondências com a pesquisadora da televisão.

Havia duas razões pelas quais precisava de um dossiê tão completo. Ele representava a minha prova, um registro de todas as comunicações e descobertas que outros poderiam verificar: datas, detalhes e o que mais fosse necessário. Mas, sobretudo, tratava-se de uma espécie de compensação

pelo tempo perdido em que não pude acompanhar o crescimento dos filhos de Mary. Todas as mães guardam lembranças das vidas de seus filhos, assim, meus arquivos eram uma espécie de confirmação, algo para me ajudar a me sentir aceita como parte integrante da família. Ler todas as cartas novamente me ajudava a aceitar a idéia de que não tinha mais de me preocupar ou sentir qualquer tipo de remorso.

Em março de 1992, minha coleção de cartas crescera consideravelmente, pois aumentara o número de membros da família com os quais mantinha contato. Possuía também uma árvore genealógica e muitas fotografias.

Queria saber qualquer coisa que a família tivesse para me contar. Havia muito para saber. Sonny tinha oito filhos - quatro rapazes e quatro moças, conheci a mais jovem na minha segunda visita. Era uma mulher da minha idade, muito simpática. Cada vez que me encontrava com Sonny, sabia um pouco mais sobre seus filhos e sua própria vida. Uma das descobertas mais recentes, por exemplo, é que ele nasceu na Inglaterra.

Seus pais tinham passado um tempo com um irmão de Mary, Michael, em Kettering, logo após o casamento, antes de voltar para a casa dos pais de Mary, em Portmarnock, na Irlanda.

Mary, a segunda filha, tinha o mesmo nome da mãe. Ela nasceu em 1922 e morreu aos 24 anos. Tudo o que tenho dela em meu arquivo é um documento de busca do Cartório de Registros, informando que foram incapazes de descobrir informações sobre o seu nascimento - que ocorreu certamente antes de Mary se mudar para Malahide, talvez em Portmarnock? - e uma fotocópia de uma fotografia que seu marido manteve consigo durante toda a vida até sua morte,

no Natal de 1991. Ele vivia perto de Sonny, e tinha mantido contato e a amizade ao longo dos anos. Muito gentilmente, permitiu que emprestasse as fotos e encomendasse cópias para mim e para Sonny. Enviei a ele uma ampliação, já que a foto original era muito pequena. Tudo muito rapidamente, para que ele não ficasse distante de um objeto tão amado.

Tinha fotos de Jeffrey, o segundo filho, que Sonny me deu. Tinham sido feitas alguns anos atrás, quando os meninos se encontraram novamente.

Este era o filho que contatara primeiro e que não me respondera. Em meu arquivo, também estava o recorte com a reprodução da minha carta no jornal de Dublin, em que pedia informações sobre a família, e o pedaço do envelope rasgado que continha o endereço correto com o primeiro nome errado, e enviado para mim de maneira anônima.

A quarta filha, Philomena, nasceu em 3 de agosto de 1925. Ela teria vivido na estrada de Dolphins Bam, em Dublin, em 1955. Seu marido trabalhava num clube de golfe em Velvet Strand, em Portmamock. Entrei em contato com igrejas na região, mas não tive sucesso. Sonny acreditava que ela talvez tivesse se mudado para Londres, assim, mais uma vez coloquei anúncio em jornais de Londres e telefonei para todas as pessoas da lista telefônica da cidade que tinham o seu sobrenome de casada.

Acabei por pedir o auxílio do Exército de Salvação, mas também não fui bem-sucedida.

Christopher, o filho nascido em 1926, estava para visitar o irmão Sonny.

Não se viam desde a reunião de anos atrás. Porém, ele precisou adiar a visita várias vezes devido à saúde debilitada. Fui convidada a visitá-lo, mas ainda não

tivera nenhum contato direto com ele. Suas respostas chegavam a mim por meio de Sonny. Foi Christopher que conseguiu localizar seus irmãos da outra vez.

O menino mais novo, Frank, nascido em 1928, me deixou muito feliz ao falar comigo por telefone, no Natal de 1991. Estava em contato com suas filhas há quase um ano. Tinham me enviado sua certidão de nascimento para que pudesse fazer uma cópia e a devolvesse em seguida. Para mim, essa gentileza demonstrou um nível de confiança pouco comum.

A filha seguinte, a sétima criança, Bridget ou Bridie, uma menina loira, tranqüila e bonita nas minhas lembranças, ainda não fora localizada. Ela nasceu em 1929 e, na fase adulta, viveu em Rathmines, Dublin. Seu marido serviu na Força Aérea. Acredita-se que Bridget também se mudou para Londres na década de 1950, mas o Exército de Salvação não conseguiu encontrá-la.

A oitava e última criança, Elizabeth ou Betty, a garota que nasceu em outubro de 1932, algumas semanas antes da morte de Mary não entrara diretamente em contato comigo ainda. No entanto, expliquei-lhe a minha situação, quase um ano após ela ter respondido ao anúncio que colocara no jornal. Tenho uma breve carta no meu arquivo dedicado a ela, a sua resposta inicial, uma cópia de sua certidão de nascimento e uma cópia colorida de uma fotografia enviada para Sonny, que a emprestou para mim.

Ele sabe o quão importante essas pequenas coisas são para mim. Sonny foi o meu ponto de apoio e meu grande incentivador ao longo de todo o processo.

De cada um dos membros da família com o qual mantenho contato, recebo notícias dos filhos e netos, e alegro-me

com cada informação, extremamente grata pela aceitação e pela amizade oferecidas. Sinto-me uma pessoa de sorte.

Em 1992, Sonny decidiu que queria visitar sua família na Irlanda. Ele acertou tudo para viajar em julho, e me pediu se eu podia organizar uma cobertura jornalística. Afinal de contas, estava indo ver Betty pela primeira vez em sessenta anos! Escrevi para o jornal Irish Independent e, quando Sonny encontrou Betty em 24 de julho de 1992, o jornal publicou uma pequena nota sobre a história deles e mencionou brevemente o fato de ter sido minha pesquisa que os reuniu novamente. Sonny visitou também Christopher, mas não conseguiu ver Jeffrey. Fiquei triste por não poder estar presente nesses encontros.

A nota de Geraldine Coilins no Irish Independent sobre a reunião foi seguida por uma matéria de Steven McGrath que citava as razões por trás de minha pesquisa. Foi Frank que sugerira a matéria. Achei sua atitude maravilhosa por despertar um interesse maior nas pessoas, aumentar a confiança dos outros filhos e talvez ajudar na localização de Philomena e Bridget. Após a publicação do artigo, recebi uma carta adorável de Betty.

Sonny confirmara-lhe que eu não era uma pessoa estranha e que estava disponível para conversar.

Porém, a melhor coisa que aconteceu foi a descoberta do paradeiro de Philomena, ou Phyllis, como era conhecida.

Após todas as minhas pesquisas na Inglaterra, descobri que, na verdade, ela estava vivendo na Irlanda. Seu filho leu a matéria sobre Sonny e Betty no jornal e pensou que 185

talvez fosse algo sobre a família de sua mãe. Ela contatou o jornal, que forneceu o endereço de seus irmãos. O Irish Independent até escreveu para mim, o que achei um gesto muito simpático.

Apesar de ter conseguido localizar a maior parte da família, percebi que ainda estava tendo sonhos e devaneios sobre pequenos aspectos da vida de Mary. Chegara no fim de um ciclo e talvez agora pudesse aceitar tudo, como fizera na infância.

Uma das novas recordações era a de esperar do lado de fora da escola local, com lanches para as crianças. As crianças saíam para pegar a comida, beber e depois voltavam à escola. No meu encontro com Phyllis em 4 de outubro de 1992, ela confirmou que a minha lembrança estava correta. Ela me disse que lembrava da mãe trazendo chá e sanduíches ao portão da escola na hora do almoço. Falou também sobre o atalho ao lado da igreja protestante, o qual tentara encontrar e usar durante a minha breve estada em Malahide. Disse a ela que tinham construído uma casa no lugar e que achava não ser mais possível fazer esse caminho. E, como uma de minhas primeiras lembranças foi a de pedir à filha mais velha, Mary, para ir buscar água, a descrição que Phyllis deu da irmã indo buscar água na bomba foi importante para eu confirmar outro pequeno detalhe.

O encontro com Phyllis, na casa de Sonny, me deixou muito feliz e aliviada. Ela era a segunda das crianças com a qual me encontrava pessoalmente. Provavelmente, o ponto 186

alto de nossa reunião foi descobrir que Phyllis tinha a única fotografia de Mary. Ela tirou cópias da foto para todos os membros da família e uma para mim.

A fotografia era de Phyllis aos dois anos com sua mãe. Mary devia ter por volta de 31 anos na época. Era algo que eu sempre quisera e de que precisava: poder olhar para uma fotografia e ver a evidência física, poder encaixar aquela peça no quebra-cabeça, ter certeza. Não conseguia parar de olhar a foto. Mandeï emoldurar minha cópia, e a coloquei num lugar onde posso vê-la todos os dias quando acordo.

Era inevitável que olhasse para seu rosto e fizesse comparações. Ela era o que eu imaginava? Era como eu a descrevera? Sim, ela era de fato como me lembrava. Comparei-a comigo, e senti que havia semelhanças de postura e de expressão. Pode haver um grau de parentesco distante, apesar de saber que essa possibilidade não existe.

A conversa durante nossa reunião foi muito construtiva. Phyllis tivera pouco

tempo para se adaptar ao fenômeno de meu envolvimento e conversara com amigos para saber um pouco mais sobre reencarnação. Descobri, ao longo de minha busca, que isso era necessário. Um padre explicou-lhe que a reencarnação não era uma tese sustentável, mas mesmo assim apresentou uma teoria que foi aceita com maior facilidade por ela: Mary estaria falando através de mim com o objetivo de reunir a família novamente.

Obviamente, não entendia a situação dessa maneira, mas não me cabe insistir que aceitem a teoria de que sou a reencarnação de Mary. Para mim, já era suficiente ser aceita pela família do modo que ela estava disposta a me aceitar.

Como consequência desses acontecimentos, a situação melhorou muito.

Parecia que atravessara uma barreira com a ajuda de meu marido, dos meus filhos, da minha mãe, dos amigos mais próximos e, é claro, dos filhos e netos de Mary. Percebi que, independente de quem fui no passado, tinha essa vida para viver agora. Mas se posso fazer isso e ainda assim permanecer ligada à família de Mary, mantendo contato e sentindo que estou participando de alguma maneira, vou me sentir realizada e completa. Toda vez que olho para o meu pesado arquivo com fotografias e cartas, fico feliz em lembrar da família e das pessoas que não se importaram em ouvir o que estava dizendo, sem me desprezar. Ainda continuava um tanto cautelosa, não querendo muita publicidade, temendo ofender alguém. Provavelmente, sempre agirei dessa maneira, faz parte de minha natureza. Ainda acho difícil acreditar que a busca está quase no final. Quase? Ainda há

uma pessoa a ser encontrada, Bridget. Talvez ela seja encontrada, talvez não. A esta altura, ao menos, acho que devo aceitar tudo que vier a acontecer.

Até onde consigo me lembrar, Mary sempre fez parte de mim. A preocupação com as crianças ficava ora em primeiro plano ora em segundo, mas sempre estive lá. Agora, aos 39 anos de idade, já encontrei a maioria dessas crianças e sei o que lhes aconteceu. Se nenhuma delas estivesse disposta a me ouvir, não teria sido capaz de descobrir nada. Com sua aceitação, Sonny me deu aquilo que buscava, O

sentimento de responsabilidade e o remorso tinham ido embora. Sinto uma sensação de paz que realmente nunca senti antes.

9. Posfácio

Nas semanas anteriores à minha visita a Malahide em 1989, sonhei diversas vezes que ia até o local do chalé, onde encontrava somente as fundações e algumas pedras. Nesse sonho, estava com outras pessoas procurando por vestígios que sabia estarem lá. Naquela ocasião, fui sozinha a Malahide e não encontrei as ruínas. Mas, em 1992, Sonny visitou o local com sua esposa, sua irmã e alguns membros de sua família, e conseguiu encontrar as ruínas. Eram semelhantes às que eu vira nos meus sonhos.

Esses sonhos pareciam me dizer para não procurar por um chalé que ainda estivesse de pé. Senti também que ainda visitaria o local com outras pessoas e que viveria aqueles sonhos. De fato, em fevereiro de 1993, após ter escrito o manuscrito desse livro, visitei Malahide novamente.

No início da primavera de 1992, numa reunião com meus editores, decidimos que seria importante eu retornar à Irlanda por um dia, a fim de fazer fotografias e talvez ver alguns dos lugares que não pude visitar na viagem anterior. Naquela ocasião, a câmera fotográfica que levava comigo não estava funcionando direito, assim, voltei para casa com poucas fotos de boa qualidade.

Desta vez, seria levada de carro de lugar em lugar. Assim, tornava-se possível visitar outros locais, como Portmarnock, onde Mary foi criada; e Kinsaley, o vilarejo em que Mary viveu antes de Malahide e onde me disseram que talvez achássemos seu túmulo. A lista dos locais a visitar era a seguinte:

Em Malahide:

O chalé ou suas ruínas;

Os vestígios dos pilares de pedra da entrada da Mansão Gaybrook. Não tinha certeza de tê-los visto;

A igreja católica de Saint Sylvester;

A igreja protestante de Saint Andrew, na rua Church; O açougue na rua Church;

O cais.

Em Portmarnock:

A casa da estação de trem onde Mary cresceu; A casa de fazenda da família Lett, onde Mary trabalhou antes de se casar.

Em Kinsaley:

A igreja e o cemitério no qual me disseram que Mary fora enterrada.

Em Dublin:

A rua Moore, onde acontecia a feira às sextas-feiras; O hospital Rotunda, onde Mary morreu.

Com muita tristeza, fui informada de que, poucos dias antes da viagem, o segundo filho de Mary falecera. Ele é o único dos filhos a quem me refiro com um nome fictício, Jeffrey. Sonny me informou por telefone.

Jeffrey fora o primeiro dos filhos de Mary a entrar em contato comigo.

Senti uma enorme sensação de perda.

No aeroporto de Dublin, encontrei-me com Genny, a representante irlandesa da editora Piatkus, e fomos direto a Malahide, onde ela passava as férias durante sua infância. Por isso, a cidade era um local que trazia lembranças agradáveis para ela.

Seguindo pela estrada Swords até onde se localizava Gaybrook, tornava-se óbvio que muitas coisas tinham mudado, até mesmo nos poucos anos que se passaram da minha primeira viagem a Malahide. Estacionamos o carro num condomínio que tinha sido construído em 1989, e andamos em direção a Malahide em busca dos vestígios da entrada de Gaybrook. Fiquei muito preocupada quando descobri que uma grande área do lado sul da estrada Swords tinha sido nivelada. Tratores haviam remexido a superfície e árvores tinham sido arrancadas. Placas foram colocadas

191
indicando os locais das novas casas. Dizia para mim mesma, “acho que o chalé foi destruído”, mas então, no lado direito, logo no final dessa área devastada, reconheci as pilastras da entrada. Pareciam mais danificadas que antes, mas

agora tinha muito mais convicção de que esse era o local certo. De certo modo, o trabalho dos tratores tornara a área mais acessível. Havia menos coisas lá que podiam nos confundir, o que facilitou para nós prestarmos atenção ao lugar correto.

Um pequeno pedaço do muro coberto por pedras continuava de pé, assim como um dos pilares. À direita, o fio d'água remanescente da corrente fora confinado num cano de concreto. A área da terra selvagem e malcuidada, repleta de árvores e grama, agora se limitava a uma pequena seção logo atrás das ruínas do muro. Ao ficar em pé ao lado do muro, consegui ver, entre os galhos, uma parte do chalé de Mary.

Tentei chegar ao local, atravessando o velho portão e andando na direção de onde ficava a porta. O que se demonstrou impossível por causa dos arbustos e dos galhos. Após várias tentativas, voltei para a estrada e subi o muro para tentar chegar ao chalé pelos fundos. O cômodo externo que ficava nos fundos do cômodo principal, a cozinha, era rodeado por um muro da altura da minha cintura. Depois de passar por cima dele, adentrei no que restava do chalé.

Por um breve momento, tive consciência simultaneamente tanto do passado como do presente. As ruínas daquele pequeno chalé aguçaram o foco das minhas lembranças e pude imaginar as paredes internas, o fogão, a lenha e outras partes que haviam desaparecido. As lembranças voltaram e esses 192

vestígios físicos criaram uma nova dimensão, tornando qualquer lembrança muito mais fácil de emergir. Tudo de que precisava era justamente ter a oportunidade de estar lá, de lembrar daquele lugar de maneira especial e, então, dizer adeus. O tempo deixara suas marcas no meu chalé, mas permitira que o mesmo ficasse esquecido e intocado o tempo suficiente para que pudesse encontrá-lo novamente. Agora, chegara o momento em que os tratores o derrubariam.

Genny pulou o muro e ficamos do lado de fora, onde teria sido um jardim.

A área onde Mary plantava batatas estava coberta agora por arbustos e grama. Algumas árvores grandes cresciam na beirada da antiga horta e a região além das árvores era ocupada por um campo aberto. Falei a Genny sobre a floresta que ficava lá e do prado próximo ao chalé. Sabia que a região passara por inúmeras

mudanças nos últimos anos, mas estava feliz pela oportunidade de estar novamente nesse pedaço de terra, agora o vendo com meus próprios olhos, na vida atual, e não como Mary, em minhas lembranças da outra vida.

Andamos por Malahide e revi aqueles lugares tão familiares. Fomos à igreja de Saint Andrew, pela qual Mary passava em frente nas visitas à irmã, e ao açougue no caminho do cais. Genny também lembrava que o cais era feito de madeira na época de sua infância.

De volta ao centro do vilarejo, entramos na igreja de Saint Sylvester.

Senti apenas que o lugar estava muito silencioso, sem ninguém. Numa manhã de terça-feira como essa, a igreja costumava ficar vazia, mas minha única lembrança

daquele local era de pessoas conversando na hora de entrar, uma ocasião tanto religiosa como social.

Encontramos a igreja em Kinsaley, mas não conseguimos achar o túmulo de Mary. Ao longo do dia, visitamos diversos cemitérios, mas sem sucesso.

Posteriormente, descobri que o velho cemitério de Kinsaley era mesmo o local correto, mas que o túmulo, na esquina do lado esquerdo da estrada, não estava marcado.

Em Portmarnock, encontramos a ferrovia, mas a antiga casa da estação de trem onde Mary crescera não existia mais. Um homem da região, cujo filho trabalhou para a ferrovia, disse que anteriormente existia uma casa no local, mas não pôde oferecer qualquer outro tipo de ajuda.

Em Dublin, encontramos a igreja identificada por Sonny, onde achávamos que Mary se casara. Mais tarde, descobri que esta não era a igreja certa. Então, fomos para a rua Moore e o hospital Rotunda, andando de carro pela movimentada cidade num belo dia de sol. O hospital era exatamente como esperava. Apesar de haver alguns prédios diferentes nos fundos do edifício, praticamente não tinham acontecido grandes mudanças em relação às minhas lembranças e ao velho cartão-postal que encontrara anos atrás.

No principal cartório de registros de nascimento, certidões de casamento e de óbito, localizado na rua Lombard, encontramos documentos sobre o casamento de Mary. Agora tínhamos uma data e o nome da igreja onde Mary se casara. A cerimônia ocorrera em 22 de julho de 1917, tendo sido testemunhada pelo irmão e pela irmã de Mary. Este era o mais novo de seus dois irmãos que faleceu logo depois.

Os distritos de Portmarnock, Kinsaley e Baldoyle faziam parte da mesma paróquia. Assim, Mary se casou na igreja de Baldoyle. Visitamos a igreja e, posteriormente, fui informada por alguém de lá que a data de nascimento de Mary era 1 de dezembro de 1895.

Muitas coisas tinham mudado. Pequenos vilarejos eram agora bastante movimentados. Muitas casas da década de 1920 ou até mais antigas não existiam mais: algumas tinham sido derrubadas para construção de condomínios, outras abandonadas. A casa da estação de trem em Portmarnock provavelmente não era muito grande, já que me lembro de uma casa bem pequena. Tornara-se praticamente impossível encontrar a casa de fazenda, onde acredito que Mary trabalhou.

Mas mesmo sem ter encontrado tudo o queríamos, o dia tinha sido extremamente produtivo.

Para mim, talvez a melhor parte do dia foi encontrar três dos filhos de Mary no aeroporto antes de ir embora.

Ao encontrar Frank e Betty pela primeira vez e Phyllis pela segunda, percebi quanta sorte tive desde o meu primeiro telefonema para Sonny.

Não esperava que alguém quisesse me ouvir, mas Sonny tinha me ouvido e me ajudara muito. Assim, tive a oportunidade de exprimir alguns dos meus sinceros sentimentos pela família, reprimidos por tanto tempo. Agora, estava em contato com cinco das crianças, e tinha me encontrado pessoalmente com quatro. Cada uma é importante para mim. São pessoas especiais que merecem respeito e consideração. A bondade e a aceitação delas tinham sido bem maiores do que esperava encontrar. Agora, estávamos trabalhando juntos para tentar localizar o último

membro da família que faltava, Bridget ou Bridie. Espero que a encontremos. Temos razões para acreditar que ela emigrou para a Austrália...

Posteriormente, Jenny Cockell e seus filhos da outra vida descobriram que Bridget realmente emigrara para a Austrália em 1950. Inclusive, conseguiram localizar sua família. Um dia, infelizmente, Sonny ligou para Jenny para lhe dizer que Bridget falecera, deixando o marido e quatro filhos, três meninas e um menino. Meses depois, as filhas de Bridget enviaram uma foto da família para Jenny, tirada quando a mãe ainda estava encarnada.

Digitalizado e corrigido por Angela Moraes em dezembro de 2007